FUNDADOR — JOAQUIM MANSO QUINTA-FEIRA, 6 DE JUNHO DE 1968 ANO 48.º — NÚMERO 16 331

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155 | REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO | ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º | EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ
END. TEL. DIBOA — TELEX. 1363 | RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA | PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA | NÚMERO AVULSO — UM ESCUDO

KENNEDY MORREU HOJE

PESO DE MALDIÇÃO

Os três tiros disparados em Los Angeles ouviram-se no mundo inteiro. No pano de fundo do drama, toda a gente viu perfilar-se a silhueta do outro Kennedy, o que foi abatido em Dallas. Por quem? Que estranha mão empunha a arma apontada sucessivamente, a cinco anos de distância, contra os dois irmãos que se fizeram arautos da integração cívica dos negros? Que mão ergueu a arma que sucessivamente derrubou Luther King e Medgar Evers?

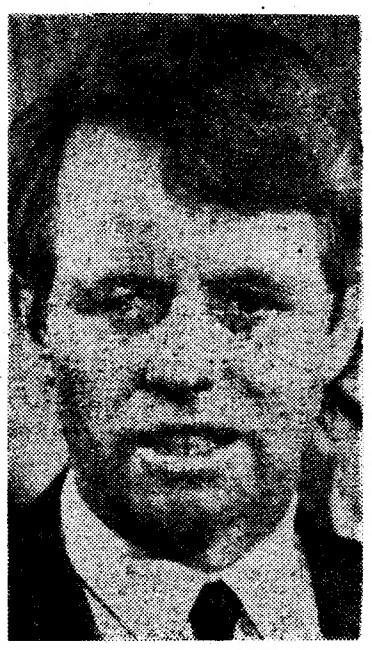
Na sua cadeira de rodas, imobilizado de paralisia e envolto na nuvem de recordações de uma época em que a sua fortuna fazia dele o mais poderoso e influente embaixador da poderosa e influente República dos Estados Unidos, o velho Kennedy perguntará a si próprio que vento de maldição fez desabar sobre o seu clã o peso de tão insólita tragédia. O velho Kennedy, na penumbra do seu entendimento, pergunta mas não ouve resposta. O mundo inteiro desencadeia também a sua revoada de perguntas, mas o silêncio abafa as perguntas todas. Não há respostas. Ficam só as perguntas, ficam só as dúvidas. Fica só o pasmo de estupor, o silêncio que seca as gargantas, afogadas as forças donde se soltasse o grito que se paralisou nas almas.

O quadro da tragédia completa-se com a figura da velha mãe, ela também sobrevivente de um mundo que já não é deste mundo, ela que já vira as balas do Texas levarem-lhe um filho, a empenhar-se agora na luta pela ascensão do outro filho ao pináculo do poder e da glória, para o ver abatido pelo mesmo braço misterioso e potente que é o da insânia e do crime.

Mas, para além da tragédia do clã, para além da surpresa e da angústia do povo norte-americano, para além do frémito de pasmo ou de dor que tenha corrido o mundo, para além das interrogações que procuram resposta para uma análise capaz de conduzir à interpretação política do acontecimento — que isso poderá vir a ser trabalho de historiadores ainda por nascer — ficará de pé, para tentativa dos contemporâneos, para tentativa de todos os homens do nosso tempo, o desejo de achar o significado e as origens do acontecimento em si como fenómeno social: como se gerou, não o drama, mas o ambiente que o tornou possível.

E aí, quem se arrisca a elevar a cabeça para afirmar a sua própria inocência? Não é que os culpados somos nós todos, os deste mundo e deste tempo, que pactuamos com a religião da violência, com o culto da violência que se propaga, com a prática e com o espectáculo da violência? Que querem os homens deste tempo fazer do mundo e da vida quando a prática e o espectáculo da morte se inserem no nosso dia-a-dia, primeiro insidiosamente, depois já abertamente, a violência, o assalto, o desprezo pela vida alheia, a imagem do «gangster» oferecida como a imagem do herói, que se populariza, se diviniza, se copia, se faz estilo e se faz moda? Quem promove? Quem faz? Quem aceita?

Não adianta erguer o dedo para apontar culpados. O mal é da época, o mal é de nós todos os que vivemos e fazemos a nossa época. O remédio há que procurá-lo, não muito longe, mas muito perto, talvez no fundo da consciência de todos e de cada um de nós. E quem for capaz de ler na sua consciência que o diga, que dê o grito, que faça a chamada e o apelo. Sem recear o braço misterioso que se perfilou há cinco anos em Dallas e há vinte e quatro horas em Los Angeles.



O senador sucumbiu às 9 e 44 sem ter recuperado a consciência

LOS ANGELES, 6 — (A. N. I., F. P. e R.) — O senador Robert Kennedy faleceu hoje no Hospital do Bom Samaritano.

O jovem «leader» americano dera ali entrada por ter sido atingido a tiro em Los Angeles. (Continua na 16.ª Pág.)

JACKIE CHORA A MORTE DE BOB

Jacqueline Kennedy, que já chorou a morte do marido, chora hoje a do cunhado. No aeroporto, a caminho de Los Angeles, Jackie é abraçada por Burke Marshal, presidente da International Business Machines e amigo dilecto da família. (Telefoto especial para o «Diário de Lisboa»)

O CORPO SEGUE HOJE PARA WASHINGTON (Ler pág. 16)

HOJE — 36 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

De ontem para hoje

PARA O MUSEU DE MARINHA

Nos estaleiros da Lisnave foram construidas há tempos duas fragatas, a que foram dados os nomes de dois grandes marinheiros: «Almirante Gago Coutinho» e «Almirante Pereira da Silva». Ontem os modelos dos dois novos navios de guerra portugueses foram entregues ao sr. ministro da Marinha, almirante Fernando Qointanilha Mendonça Dias para irem para o Museu de Marinha. A entrega foi feita pelos eng.os António Vasco de Melo, João Rocheta, Thorston Anderson e António Luís Gomes, respectivamente administrador-delegado, directores-gerais e chefe das relações públicas da empresa. Presentes vários oficiais da Armada, em particular o subdirector do museu, em exercício, comandante Pereira Braga. Trocaram-se saudações entre o eng.º António Vasco de Melo e o ministro da Marinha, na cerimónia da entrega. Disse este: «Porque se trata do Museu de Marinha, ele é, afinal, o museu de todos e implicitamente o dos estaleiros onde se constroem as unidades destinadas a operarem no mar. Por conseguinte, pertence parte dele aos estaleiros da Lisnave é local indicado para receber mais aquele modelo de unidades da Armada que dali vão saindo».

NA MARGINAL

Na Marginal, ao Dafundo, um pequeno ardina andava na sua faina e ia a atravessar aquela via, vindo do caminho-de-ferro. Foi apanhado em cheio por um carro. É Valentim Ramos Ferreira, de 12 anos, morador em casa do empregador Jaime Jesus Nascimento, que identificou o corpo do petiz. No acidente colidiram três carros, um deles conduzido por José Carvalho, que, segundo os outros dois, foi o que colheu o pequeno. Eram os outros dois conduzidos por Fernando Ferreira de Mendonça e José de Jesus Milheiro. Ficou, ainda, ferido um filho deste último, de seis anos, e uma tia do segundo condutor, que ele levou a uma clínica, só depois se apresentando á Polícia.

FOGO NA RUA CASTILHO

Em prédio desabitado da Rua Castilho, 45, declarou-se, ontem, á noite, fogo, que irrompeu de barricas de insecticida. Acorreram os bombeiros, que atacaram as chamas com três agulhetas de nevoeiro. O fogo causou danos no edifício desabitado.

O ÚLTIMO BANHO

À Figueira da Foz chegou uma camioneta com excursionistas alemães, que têm estado em Fátima. Espalharam-se uns pela cidade, enquanto outros se dirigiram para a praia. Três foram tomar banho, mas logo se sentiram mal e foram retirados da água. À casa de saúde aonde foram transportados chegou morto o rev. Josef Junnold, de 40 anos. Os outros dois, também sacerdotes, Johannes Sehnnuit, de 59 anos, morador em Wihen-Ruhr, Soegmer, e Franz Gregor Hafer, de 47 anos, ficaram internados, mas o seu estado não inspira cuidados.

VISITA À FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Na Fundação Calouste Gulbenkian estiveram, ontem, os professores e alunos do curso do Estado-Maior, acompanhados do respectivo director, coronel Rocha Simões. Percorreram demoradamente o conjunto das novas edificações, em conclusão. Foram recebidos pelo presidente da mesma, dr. Azeredo Perdigão, que expôs os objectivos da Fundação e a forma como exerce a sua actividade. Depois, o eng.º Guimarães Lobato explicou as características técnicas do centro cultural e artístico, em construção adiantada.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu os srs. dr. Mota Veiga, ministro de Estado; brigadeiro Fernando Alberto de Oliveira, secretário de Estado da Aeronáutica; e coronel Mário Robalo, comandante do Regimento de Pára-quedistas; Olímpio Duarte Alves e prof. Bernardo Pimenta, governador civil e presidente da Câmara Municipal de Leiria; prof. dr. Teixeira Pinto; dr. Rafael Duque e Teodoro dos Santos.

BANCO DO MINHO

No restaurante da F. I. L. realizou-se mais um dos já tradicionais almoços de confraternização de antigos empregados do Banco do Minho, há uns quarenta anos extinto. A amizade entre os antigos empregados continua a unir aqueles que trabalharam nesse estabelecimento bancário, que marcou na sua época.

JAZIDAS DE FERRO NA ZAMBÉZIA

CIDADE DA BEIRA, 6 — (A. N. I.) — As reservas de ferro de alto teor descobertas próximo de Malema e Bibane, no distrito da Zambézia, estão a ser estudadas por peritos de sociedades britânicas, alemãs e sul-africanas, para apuramento da rentabilidade económica de uma futura exploração — afirma o matutino local «Noticias da Beira».

Em OLIVAIS SUL o «DIARIO DE LISBOA» é vendido pelo nosso agente ANTÓNIO VALENTE.

Os GRANDES prémios de «FÉRIAS EM PORTUGAL»

Recordamos aos nossos leitores quais os GRANDES prémios que poderão ganhar, se participarem num agradável passatempo denominado «Férias em Portugal», cujo regulamento voltamos a publicar hoje:

1.º — Um automóvel N.S.U. 1200 C, uma viagem de 30 dias, com estadias completas para duas pessoas, e, ainda, gasolina para este aliciante «tour».

2.º — Estadias completas para duas pessoas em Lourenço Marques, durante 15 dias, com viagens pelos seguros e confortáveis aviões da TAP.

3. — Uma estadia, para duas pessoas, em Luanda, com viagens pela TAP.

4.º — Mais duas pessoas com estadias completas na Madeira, igualmente com viagens pela TAP.

Além destes grandes prémios, aliciantes para qualquer pessoa, haverá, ainda, vinte estadias completas pagas, com transporte pela C. P. em outros tantos centros turísticos dos mais importantes do País.

PARA O PARAÍSO DAS FÉRIAS PELO CÉU, COM A TAP

Entre os quatro grandes prémios que «Férias em Portugal» tem para si, três são fora dos limites das nossas fronteiras europeias. Para o Funchal, Luanda ou Lourenço Marques, o leitor e a pessoa que o acompanhar terão a oportunidade de voar nos seguros e confortáveis aviões da TAP, a companhia portuguesa de aviação que liga Portugal a todo o Mundo. Poderá, portanto, ir para o paraíso das férias, pelo céu, com a TAP.

FÉRIAS EM PORTUGAL

ESPINHO 8

Através da nossa reportagem que mais lhe interessa em Espinho:

.....

.....

(Não é obrigatório responder à pergunta)

Recorte e guarde este cupão

ATENÇÃO: Recorte os cupões (numerados de 1 a 20), responda, se quiser, à pergunta neles feita, e junte ao boletim identificador que será publicado. Preencha o boletim com letra bem legível, indique nele a localidade, entre as vinte abrangidas pelo concurso, onde mais apreciaria passar quinze dias de férias, e entregue a colecção ou envie-a pelo Correio para o DIÁRIO DE LISBOA (Concurso), Rua Luz Soriano, 44 — Lisboa 2, no final do concurso e em data a anunciar.

FÉRIAS EM PORTUGAL

Vale pela qualidade dos seus prémios

Aí está, de novo, o calor a lembrar-nos cada um de nós. Mas a nossa sensacional ainda mais as férias que se desejam. Dia a iniciativa, que é um verdadeiro esbanjar de dia, a necessidade de férias acentua-se em férias (esbanjamento que nos orgulha por assim podermos proporcionar a muitas dezenas de leitores um período de repouso a um nível de privilégio) não necessita de dias quentes para assumir inegável actualidade.

Diàriamente, continuam a chegar-nos provas indesmentíveis do interesse que está a alcançar junto do público a iniciativa a que o «Diário de Lisboa» meteu ombros no intuito de dar uma satisfação a muitos daqueles que nos distinguem com a sua preferência.

«Férias em Portugal» não necessita, no entanto, de atractivos ou «motores de arranque» à margem para se impor, porque a qualidade e a importância dos seus prémios bastam, por si sós, para conquistar a simpatia e o interesse do público.

A categoria de um automóvel chamado NSU 1200C que ficará propriedade do primeiro premiado e o interesse que suscita a outra parte desse mesmo prémio — uma viagem de 30 dias à volta do País com estadia completa para duas pessoas, nos melhores hotéis e pousadas — seriam o bastante para justificar o interesse que o público está diàriamente a manifestar-nos; mas não quisemos ficar por aqui, pois em cada pessoa há um caso e pretendemos que «Férias em Portugal» satisfaça todos.

Por isso, considerámos um por um e temos agora o prazer e o orgulho de poder facultar a muitas pessoas umas férias magníficas, quaisquer que sejam as suas preferências.

Desde férias no Norte, no Centro ou no Sul do País, com direito a escolha de praia ou campo, cidade ou aldeia, a viagem com 15 dias de estadia para duas pessoas, igualmente, no Funchal, em Luanda ou Lourenço Marques, tudo o leitor encontra em «Férias em Portugal», além do prazer de trocar o seu velho carro por um automóvel novo e de categoria ou, simplesmente, ter o gosto de alcançar esse antigo sonho de possuir um automóvel, pela primeira vez.

Uma estadia em Lourenço Marques, para duas pessoas, com viagens de ida e volta, nos confortáveis e seguros aviões dos Transportes Aéreos Portugueses, é um segundo prémio que tem o aliciante poderoso de qualquer grande prémio, assim acontecendo com os restantes: quinze dias em Luanda para duas pessoas, ou no Funchal, no caso de ser terceiro ou quarto premiado, além do interesse indiscutível de igual tempo de vilegiatura nos 20 importantes centros turísticos do Continente que lhe estamos a apresentar em reportagem, pelos nossos enviados especiais.

Um outro aspecto que se conjuga com a importância dos prémios para que este concurso seja mesmo sensacional, é a extrema simplicidade que reveste toda a mecânica e forma de participação do leitor.

Cortar um simples rectângulo de papel é todo o trabalho que o leitor tem de fazer diàriamente, para estar habilitado ás grandes possibilidades que lhe oferecemos.

Sem dúvida que o mais difícil deste concurso é não concorrer. Por isso, o leitor escolheu o caminho mais fácil — participar. Assim, já tem meio caminho andado para as suas férias.

A SUA VIDA VALE (DURANTE AS FÉRIAS) 500 CONTOS!

A companhia de seguros «Tranquilidade» oferece aos premiados de «Férias em Portugal» um seguro no valor de 500 contos.

Isso assegura-lhe a «maior das tranquilidades — a da companhia onde a sua vida tem um preço...

JÁ FOI PARA FÉRIAS RODANDO NOS CARRIS DA C. P.?

Se as suas férias forem passadas no Continente, o leitor poderá escolher o transporte que lhe oferecemos nas confortáveis carruagens da C. P.

Já experimentou a sensação de rodar para férias nos carris da C. P. que cruzam o País? Se ainda não o fez, «Férias em Portugal» oferece-lhe agora essa oportunidade.

É PROVISÓRIA A VEDAÇÃO EM TORNO DA ESTÁTUA DE CAMÕES

Informa-nos a secção de Propaganda e Turismo da Câmara Municipal de Lisboa, a propósito dos reparos suscitados pela vedação implantada em torno do monumento a Camões, que se trata «de uma protecção provisória a manter enquanto a sebe que envolverá o ajardinado se não encontre consolidada. Será retirado o gradeamento logo que se considere desnecessário.

RECTÂNGULOS DA VIDA

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

GATOS E HOMENS

Em horas de prestar atenção a gatos, já me aconteceu pensar que eles um dia talvez façam das suas e mostrem ao mundo quanto valem. É certo que há séculos e séculos, talvez há milénios, há milénios decerto, eles não fazem mais do que caçar ratos e pássaros de pequeno porte (os vagabundos) e dormir boas sonecas no colo de dona Sância (os ricos e remediados). Às vezes, porém, olho-os e eles afiguram-se-me detentores de toda a sabedoria deste mundo: aquela expressão quieta e tranquila de Budas que possuem todas as respostas, aquele ar de quem não se espanta com coisa nenhuma deste pobre mundo, de quem se está nas tintas para os nossos pequenos e grandes problemas, de quem os ignora, nos ignora. Consentem em viver na nossa casa, fazem-nos o favor da sua companhia silenciosa, dignam-se comer da nossa comida. E se algo na nossa atitude lhes desagrada e não é hora nem dia de prestar vassalagem a gatos, os narizinhos empalidecem-lhes, as orelhas ficam-lhes horizontais de furor, as caudas batem sincopadamente mostrando como estão decepcionados connosco. Sim, os gatos talvez um dia se unam para as operações de despejo das suas casas, deles gatos, casas essas que nós julgamos ingènuamente que nos pertencem. Têm expressão para isso e muito mais

Mas as expressões enganam e nada mais fácil do que tomar a nuvem por Juno e aquele que ignora as próprias perguntas por aquele que sabe todas as respostas. Para provocar a confusão nos espíritos basta às vezes lançar ao vento uma ou outra frase sibilina que deixe as pessoas perplexas, ou compor ao espelho o tal ar misterioso e sabedor dos gatos. Uma expressão profunda, a tal frase sem pés nem cabeça, dão às vezes um destes prestígios...

Os gatos sabem-na toda

O projecto da pista do aeródromo de Cernache foi apresentado na reunião do Município

Na reunião da Câmara Municipal, o presidente, sr. Araujo Vieira, apresentou os srs. eng.ºs José Maria Seguro e José dos Reis Borges, que apresentaram o seu projecto da pista do aeródromo de Cernache.

O presidente manifestou a sua grande satisfação por ver ali presentes aqueles técnicos, que tanto ajudam o Município a resolver tão importante problema; e disse que o projecto, depois de aprovado pela Câmara, será remetido á Direcção-Geral de Aeronáutica Civil, com o pedido expresso de comparticipação, pois segundo os cálculos, a primeira fase da obra foi estimada em cerca de cinco mil contos. Acrescentou que, por deliberação da Câmara, os Serviços de Obras ficaram com a incumbência de realizar aquele projecto com os seus próprios recursos e a ajuda da cidade e dos diferentes departamentos do Estado, propondo, ainda, que ficasse registado na acta um voto de profundo reconhecimento aos srs. eng.ºs José Maria Seguro e José dos Reis Borges, pela sua dedicação a Coimbra, pelo trabalho realizado e pelo espírito de colaboração demonstrado, pois — acentuou — sem a sua ajuda não teria sido possível levar este trabalho a bom termo.

Foram concedidos subsídios a juntas de freguesias para obras a realizar e autorizado o pagamento de autos de medição de trabalhos; e vão ser vendidos doze plátanos que têm de ser derrubados para obras no cemitério da Conchada.

O presidente comunicou, ainda, que começaram as obras para abertura da artéria que ligará o Tovim ao Calhabé; e o vereador sr. dr. Francisco Cortês falou da aproximação dos festejos dos Santos Populares e disse dos transtornos que os mesmos fazem, principalmente nos bairros camarários, pelo motivo do prolongamento, até altas horas, em vésperas de dias de trabalho, salientando que tal reparo não visava desacordo algum para com as referidas festas, mas simplesmente para limitar tais manifestações até hora conveniente.

Foi, por fim tratado o problema do regime de «semana inglesa» para os retroseiros e ourives, e o presidente informou que isso está pendente de instruções do Instituto Nacional do Trabalho, pelo que o atraso verificado não é, de modo algum por culpa da edilidade.

Cerimónias militares no dia 10 de Junho

No quartel do Regimento dos Serviços de Saúde, o sr. general Amaro Romão, comandante da II Região Militar, reuniu-se com os representantes dos orgãos da informação, para lhes dar esclarecimentos sobre as cerimónias no dia 10, em homenagem a militares por feitos em campanha.

Além do sr. general Amaro Romão estiveram presentes os srs. tenente-coronel Francisco Abreu Riscado, chefe do Estado-Maior da II Região Militar; coronel Ildo Baptista, comandante da guarnição militar da cidade e os comandantes das unidades aquarteladas nesta cidade.

O comandante da II Região Militar disse que a cidade de Coimbra fora, este ano, escolhida para aqui se realizar a cerimónia. Na Praça da República concentrar-se-ão as forças em parada, incluindo um pelotão de marinha — a primeira vez que a Marinha Portuguesa desfila em Coimbra — e outro de pára-quedistas.

O sr. coronel Francisco Ricardo deu pormenores das cerimónias, as quais serão presididas pelos srs. ministro da Justiça e secretário de Estado da Indústria.

HOMENAGENS

À memória do dr. Bento Carqueja

No domingo, ás 13 horas, no Restaurante Castanheira, na Estrada da Torre, decorre o anunciado jantar de homenagem á memória do dr. Bento Carqueja, fundador da Escola Industrial «O Comércio do Porto» e antigo director do jornal do mesmo nome. Trata-se de uma inicativa da Casa da Comarca de Oliveira de Azeméis.

Ora diga-nos...

— É a favor ou contra o «bikini»?

As respostas que recolhemos à nossa pergunta de hoje — e que dispensa quaisquer considerações preliminares —, foram curiosa e significativamente comuns, tanto nos aspectos positivos como nos engativos. Uma das coisas que provaram: os portugueses, e as portuguesas, preocupam-se mais com o aspecto exterior, com a parte estética, do que o bem-estar e o à-vontade. E olham muito para o parceiro do lado, ainda cheios de preconceitos...

● — Sou a favor do «bikini» para certas pessoas, sobretudo magras, elegantes — *respondeu-nos Guilhermina Sequeira, costureira.*

E acrescentou:

— Em outras pessoas não gosto do «bikini», especialmente nas que são fortes, gordas.

— Alguma objecção a pôr ao seu uso?

— Não: tudo depende do corpo que o enverga.

● *Carlos Augusto Campos, tipógrafo, declarou-nos, por sua vez:*

— Sou a favor, sim senhor, até porque lá fora toda a gente usa. E tudo que seja para mostrar a estética feminina tem a minha aprovação...

— ?

lheres gordas ou velhas acho que o não devem usar. É melhor virem de casaco... Além disso tenho a impressão de que o «bikini» é mais higiénico.

● *Maria Gabriela Pinto da Ressurreição Alves, funcionária publica, afirmou-nos:*

— Acho bem o «bikini» e até gosto de o usar.

— Pensa que tem vantagens de qualquer ordem?

— Não sei...

E depois ainda nos disse:

— Penso que o «bikini» não tem nada de extraordinário. Mas eu ainda me sinto mais à vontade em fato-de-banho. Porém, reconheço que as duas peças dão mais liberdade de movimentos.

Diario de Lisboa

COIMBRA

O ATENEU E O SEU GRUPO DE TEATRO

O Ateneu de Coimbra realizou, na semana passada, no Teatro Avenida, um espectáculo de homenagem á Fundação Calouste Gulbenkian, que cedeu àquela agremiação artística avultado material de luminotécnica.

Foram representadas três peças em 1 acto: «Os Malefícios do Tabaco» e «Um Pedido de Casamento», de Tchekov, e, ainda, «O Dia Seguinte», de Luís Francisco Rebello. A direcção e encenação estiveram a cargo do director artístico do Ateneu, dr. Mário Braga Temido, com assistência da sr.ª D. Maria de Lourdes Duarte Temido. Rui Pato compôs a «Balada para o Dia Seguinte», que constituiu o fundo musical da peça de Luís Francisco Rebello.

Se bem que tivéssemos presente o facto de se tratar de um grupo de amadores, o espectáculo não conseguiu impressionar.

«Os Malefícios do Tabaco», farsa trágica de Tchekov, foi interpretada por Adriano Eliseu. A sua boa vontade não bastou para dar á peça a dimensão *trágica* que o autor lhe imprimiu. Careceu de força expressiva. O monólogo arrastou-se monocórdico, pesado, criando, por vezes, no espectador a incomodativa sensação de estar *realmente* a assistir a uma longa conferência que não suscita o mínimo interesse aos ouvintes. Para acentuar ainda mais este lado negativo, a caracterização era frouxa, o que permitia uma maior distanciação entre actor-espectador, que, por mais voltas que desse, não conseguia acreditar que estava em presença de um velho amargurado e desiludido, tiranizado pela mulher, que fazia dele um joguete da sua dinâmica actividade caritativa. Faltou aquela comunhão público-actor, sem a qual qualquer espectáculo de teatro se transforma num longo bocejo de tédio. Adriano Eliseu decorou o papel, não o viveu.

Em «Um Pedido de Casamento», interpretado por João Damasceno, no papel de Tchubukov, Vitor Peça, no de Lomov, e Teresa Dinis, no de Natália, quase nada aconteceu. O tom de farsa que percorre toda a peça, através da qual o autor procura ridicularizar um certo tipo de sociedade oca e ultrapassada, não teve uma concretização feliz. Os intérpretes, especialmente Vitor Peça, perderam-se em gestos poucos naturais, tocando, não raro, as raias do exagero. Os actores não conseguiram sugerir o ridículo de certas cenas, abafando, desta feita, as intenções do autor, que se perderam numa floresta de gestos mecânicos.

A peça de Luís Francisco Rebello não sofreu melhor tratamento, se bem que Pires Rocha, que interpretou «Ele», evidenciasse algumas qualidades que, bem orientadas, podem vir a fazer dele um razoável actor. Os papéis de maior responsabilidade foram interpretados por Maria Helena Monteiro, em «Ela», que pecou um pouco pelo tom monótono que imprimiu ás suas falas, e por Pires Rocha, em «Ele». Os outros papéis foram interpretados por Adriano Eliseu, em «O Secretário», António J. Fernandes Alves, em «O Juiz», Leonor Raposo, em «A Filha», e Óscar Carmona, em «O Filho», não merecendo qualquer referência especial, pois as suas intervenções eram curtas. Todos, porém, se desempenharam razoàvelmente da sua missão.

No sector da luminotécnica há a registar a falta de sincronização de luzes que desvalorizou em certa medida o espectáculo.

Apesar de todas estas deficiências, não queremos deixar de louvar o grande esforço que o Ateneu de Coimbra tem desenvolvido em prol do teatro amador, cuja «finalidade não é (não deve ser) competir com o Profissional ou mesmo preparar elementos que o vão integrar, mas consciencializar o Público — esclarecê-lo e mentalizá-lo — para que ele possa aplaudir (por seu próprio alvedrio) o que realmente for bom e repelir (sem ser por estranhas influências) o que de mera fancaria não passar», conforme a tese do teatro do Ateneu.

E foi esse *esforço* de sobrevivência quase, que foi justamente recompensado pela Fundação Calouste Gulbenkian, concorrendo, em boa hora, com o seu apoio material, sem o qual nenhum grupo de amadores se aventura a fazer teatro.

Corpo docente da Faculdade de Letras

Foram marcadas para amanhã e nos dias 27 e 28 as provas de concurso para professor extraordinário da 2.ª Secção (Ciencias Históricas, Geográficas e Filosóficas), 4º grupo da Faculdade de Letras, para provimento de dois lugares aos quais concorrem os srs. drs. Salvador Dias Arnaut e Avelino Jesus da Costa.

Espectáculos para hoje

MÚSICA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: Concerto-Coral-Sinfónico, do «XII Festival Gulbenkian de Musica»

TEATROS

AVENIDA — Às 21 e 45: A revista «Arroz de Miudas».

CINEMAS

TIVOLI — Às 21 e 30: «Istambul, missão sangrenta» (17 anos).

Farmácias de serviço

LUCIANO E MATOS — Rua da Sofia (Tel. 2 21 47 e 2 21 48).

HIGIENE — Rua Fernandes Torás (Tel. 2 26 34).

MACHADO — Rua Bernardo de Albuquerque (Tel. 2 37 67).

M. NAZARÉ — Avenida João das Regras (Tel. 2 30 33).

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

ATRAS DO REPOSTEIRO

- *A revista «Pão, pão... queijo, queijo», será representada no próximo domingo em Santarém, no Teatro Rosa Damasceno.*
- *Regressou de Madrid o actor Barreto Poeira.*
- *Encontra-se doente o actor Alberto Ghira, da companhia do Teatro Estufa Fria.*
- *A artista Carmen Dolores declinou um convite para ingressar no elenco da companhia de Amélia Rey Colaço.*
- *O actor Jose Viana pensa organizar espectáculos de variedades no próximo Verão.*
- *O Teatro Experimental de Cascais vai levar à cena a peça de Ionesco, «O rei está a morrer».*
- *Continua em ensaios no Teatro Villaret a comédia «Oh! Que delícia a morte!».*
- *É muito provável que a peça «Jacob e o Anjo», presentemente em cena no Teatro da Estufa Fria, volte a ser apresentada em Outubro noutro teatro, embora pela mesma companhia.*
- *Deve ingressar na companhia do Monumental, após o seu regresso de Madrid, a actriz Io Apolloni.*
- *Estreia-se, na próxima semana, no Porto, a companhia do Teatro ABC*
- *Entretanto só em Julho deverão principiar as obras de restauro daquele teatro, tudo levando a crer que a reabertura se fará em Outubro.*
- *O actor Jose Viana, com os seus colegas Mariema, Dora Leal e Vítor Mendes, pensa organizar uma digressão estival para percorrer a província com espectáculos de variedades e quadros de comédia.*
- *A actriz Mirita Casimiro foi convidada pelo empresário Vasco Morgado a entrar para o elenco de uma das suas companhias.*
- *A peça «Rosa Tatuada», com Laura Alves na protagonista, servirá de inauguração do novo teatro da Rua da Palma.*
- *O agrupamento teatral Gente Sem Nome anda presentemente a apresentar na província a peça de Bernardo Santareno, «António Marinheiro».*

MONUMENTAL

«Lisboa é sempre mulher»

Abriram as bilheteiras do Teatro Monumental para o estreia da super-revista «Lisboa é sempre mulher», com poema de Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha e musica de João Nobre e Carlos Dias, um espectáculo de Vasco Morgado para servir o grande publico e o turismo. «Lisboa é sempre mulher» vai ser certamente o cartaz dos

(Continua na 6.ª página)

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO OLÍMPIA

TÍTULO — «Forte Utah».
REALIZADOR — Lesley Selanger.
INTÉRPRETES — John Ireland, Virginia Mayo, Scott Brady, John Russel.

Concluindo a sua temporada de estreias de 1967-68, a popular sala do Olímpia repôs, na passada segunda-feira, um novo «western», uma realização mediocre de Lesley Selanger, director norte-americano famoso (ou melhor, medianamente famoso) pelos seus filmes de «cow-boys» datados das décadas de 30 e 40 e onde apareciam homens como Hoppalong Cassidy, Roy Rogers ou Gene Autry.

Cineasta veterano (que nos dizem capaz de, por vezes, atingir a notoridade, Jean-Pierre Coursodon considera o seu «Shotgun (57)» uma obra-prima do género, contando «a perseguição dum fora-da-lei fascinante por um «sheriff» fatigado»), Selanger «serve» uma história, ilustrando uma intriga. Em «Forte Utah» sente-se falta de imaginação e de arojo. Tudo se processa no plano convencional do «western» da série Z, com bandidos e foras-da-lei, «sheriffs» (ou delegados do Governo) e índios em pé de guerra.

Curioso é rever Virginia Mayo (que também vimos em «Furia Sanguinária», exemplar peculiar de *gangster* em exibição igualmente em Lisboa) e John Ireland.

LAURO ANTÓNIO

• NO ODEON

TÍTULO — «Noiva por um dia».
REALIZADOR — Luis Cesar Amadori, 1967.
INTÉRPRETES — Rocio Durcal, Vicente Parra, Gracita Morales.

O «inexistente» *Amor Desceu em Pára-Quedas* (português), cedeu ontem o seu lugar, no «écran» do Odeon, a *Noiva por um Dia* (espanhol). Algo mudou, portanto, mas não o essencial. A fitinha estreada, critica-se por si só. Reclamando-a, afirmava-se: «Tudo quanto se deseja de belo em fantasia e fascinação espectacular» e «Deliciosa história de uma jovem pobre, que aceita ser *alugada*, para enganar um tio rico que a julga filha de condes e *noiva* do sobrinho...»

E ainda: «Admirável estreia musical em novo estilo de comédia». «Rocio Durcal numa grande criação em todo o esplendor da sua beleza e sedução a cantar e a dançar».

Depois destas citações esclarecedoras será necessário acrescentar algo mais? Cremos que tudo fica dito. A bom entendedor...

L. A.

• NO IMPÉRIO:

TÍTULO — «O homem que valia um milhão de dólares» (Versão inglesa — 1967).
REALIZADOR — Michel Boisrond.
INTÉRPRETES — Frederick Stafford, Raymond Péllegrin, Peter Van Eyck.

Um entrecho não muito original, mas apresentando alguns momentos de interesse e até de «suspense», é o principal elemento do filme ontem estreado na sala do Império, perante uma assistência inesperadamente numerosa. Trata-se da história de um colaboracionista da ultima guerra que, condenado a prisão perpétua, resolve, ao cabo de alguns anos, preparar a sua fuga, para poder recuperar uma enorme quantia de dinheiro que o Governo alemão lhe confiara em missão secreta. Em tudo isto vão envolver-se vários grupos, uns identificáveis, outros não, e o maior interesse consiste em decifrar as suas relações e intenções. A segunda parte do filme, decorrendo no Norte de África, é de menor qualidade, uma vez que se entra no domínio pleno da aventura, com perseguições de carros, tiros e combates em subterraneos.

A realização de Michel Boisrond não chega a valorizar ou a desvalorizar o enredo. Conta, contudo, com dois trunfos importantes no domínio da interpretação: Raymond Pellegrin e Peter Van Eyck, além de um «duro» bastante sólido: Frederick Stafford.

O homem que valia um milhão de dólares surge-nos no entanto na versão inglesa, o que torna certas cenas e ambientes menos convincentes.

EM COMPLEMENTO: Exibiu-se o filme *Guiné-68*, do tenente Quirino Simões. Indiscutível interesse documental.

EDUARDO PRADO COELHO

RECINTOS DE DIVERSÕES

* O poeta popular João de Freitas escreveu dois novos numeros para o reportório da artista Ana Hortense que, brevemente, deve fazer uma digressão pelo estrangeiro.
* Mariema, Maria José Valério, Lena Branco, o bailarino Sande e o Conjunto Sem Nome fazem parte do agrupamento, dirigido pelo actor Francisco Nicholson, que vai dar uma série de espectáculos pela província.
* Após ter cumprido um contrato em Paris, na casa típica «Au Portugal», regressou a Lisboa a cantadeira Alice de Aguiar.
* Estreou-se com êxito na Adega Machado a artista Natércia Maria.
* Encontra-se a actuar no «Fado» em Madrid, o artista Vítor Moreira.
* O cantador Filipe Duarte é o actual gerente artístico do restaurante «Solar da Madragoa».

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

VA RI EDADES ALEMÃS

Já se sabe. As variedades são um bico-de-obra, não apenas na tv do Lumiar, mas também na televisão de qualquer país. O problema torna-se mais complicado quando: a) existem precários meios financeiros e técnicos; b) existe falta de experiência; c) se manifesta ausência de imaginação.

Estas dificuldades podem atenuar-se recorrendo ao melhor que existe no mercado interno e externo. Foi este, aliás, o princípio seguido no futebol, como devem estar lembrados. Quando as provas internas de um país começaram a declinar no interesse do publico, recorreu-se ás competições entre clubes de diversos países. E a verdade não se pode iludir: vale mais no conceito publico um desafio entre o Benfica-Manchester do que qualquer outro desafio nacional.

A sessão de ontem de variedades que nos foi proporcionada pela televisão da Alemanha Ocidental foi uma competição internacional amigável, uma espécie de solteiros e casados da canção ligeira. Não foi um jogo histórico, como se costuma dizer, não houve uma qualidade excepcional, daquelas que a nossa memória perde através do tempo. Mas, também como se costuma dizer, foi uma partida bem disputada e com lances de boa técnica futebolística, perdão, de boa técnica televisiva.

Lembremos, a este respeito, a actuação do nosso «Duo Ouro Negro». Repararam como o Raul e o Milo foram tratados lá como nunca o foram cá. Ontem eles estiveram em nossa casa, conviveram e viveram connosco, foram as personagens centrais durante o tempo que ocuparam o pequeno visor, não se diluiram nos cenários espampanantes, não se perderam nos atalhos e trabalhos que lhes armam (a eles e a outros) os realizadores ignorantes, naturais da Aldeia Nova da Serra.

Seria fastidioso estar a recordar aqui os participantes merecedores de elogios, e tantos foram. Repito: nesta sessão de variedades, é a qualidade televisiva dela que deve ser realçada. Tratando-se embora de um espectáculo ao vivo, com vasto publico presente, nunca se perdeu de vista a sua característica de espectáculo para a televisão — e nesse sentido nenhum pormenor foi descurado: som, iluminação, perfeito enquadramento, o grande plano propiciador de um mais íntimo, real contacto com o telespectador. Aí, sim, aí esta emissão de variedades vai ganhar direito á nossa admiração e ao nosso aplauso.

M. C.

HOJE PODE VER...

HOJE PODE VER...

● **Às 21 e 55: Noite de Cinema**

Na sua rubrica «Noite de Cinema», a R. T. P. apresenta esta noite, o filme de grande metragem intitulado «O gavião dos mares», interpretado pelos artistas Errol Flynn, Claude Rains e Brenda Marshall.

Germinal Casado, que é também autor do dispositivo cénico montado no Coliseu e dos figurinos, interpreta um dos principais papéis

TV FOGUETE — Telefone 835299
Assistência permanente em Rádio e T. V. ao domicílio

Com as suas curiosas decorações que lhe dão um aspecto novo e rico de cor

A FEIRA POPULAR de LISBOA

A favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século»

oferece a todos os visitantes um panorama admirável e festivo

HOJE — ABERTURA ÀS 19 HORAS

Todo o parque de Entrecampos num deslumbramento de luz, alegria e movimento

TODAS AS ATRACÇÕES EM MOVIMENTO DE TUDO PARA COMER E BEBER

ENTRADA GERAL: QUINZE TOSTÕES

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

A GERAL TRANSFORMADA NO MELHOR LUGAR DO COLISEU PARA VER «ROMEU E JULIETA»

É esta noite, finalmente, ás 21 e 30, que o «Ballet du XX.ème Siècle» estreia, no Coliseu dos Recreios, o segundo programa dos que veio apresentar a Lisboa no âmbito do Festival Gulbenkian de Música.

Sobe à cena «Romeu e Julieta», versão coreográfica de Maurice Béfort da célebre peça de Shakespeare.

Servindo-se da música de Berlioz, a que adaptou outros sons, marcando os tempos com os próprios silêncios, Béfort reconstruiu, de forma maravilhosa, a célebre história de amor.

Para obedecer à sua versão, em teatro de arena, desta sua obra, foi necessário, em Lisboa, adaptar o Coliseu dos Recreios às exigências da estrutura da pista sobre a qual decorre o espectáculo. Este «Romeu e Julieta» foi, aliás, criado, há dois anos, no Circo Real de Bruxelas, justamente sobre uma pista central. Depois, em Paris, o bailado subiu à cena no Palácio dos Desportos, que tem capacidade para seis mil espectadores e esgotou a lotação durante uma semana.

Em Lisboa, «Romeu e Julieta» estará em cena apenas três dias — quinta, sexta e sábado. Mesmo assim, a Fundação Gulbenkian gastou quinhentos contos nas obras de montagem do bailado e adaptação da sala. O mais curioso, no entanto, é que esta metamorfose da velha sala veio dar aos lugares da «geral reservada» a primazia da qualidade de visão relativamente á pista. É que esta acabou por ficar apenas um pouco sobreelevada em relação à pista e envolvendo esta de uma forma que vai ser um autêntico brinde para os espectadores mais .. pobrezinhos!

Uma equipa composta por sessenta operários portugueses, dos quadros do Coliseu dos Recreios e da Fundação Gulbenkian, além de técnicos desta e peritos belgas ajustam a montagem às necessidades do bailado.

A noite de amanhã vai ser, pois, uma memorável noite de bailado, com este «Romeu e Julieta» que está considerado como uma das melhores obras de Maurice Béfort.

Os melhores filmes dos melhores realizadores no Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa

Segundo um critério estabelecido por um grupo de críticos de jornais e revistas de Lisboa, a Casa da Imprensa vai apresentar nos cinemas S. Luiz e Alvalade, de 14 de Junho a 1 de Julho, um ciclo de cinema organizado com os melhores filmes estreados em Lisboa de 1963 a 1967.

Entre os trinta e cinco filmes que constituem este programa, o público vai ter oportunidade de ver, ou rever, obras assinadas por Hitchcock, Resnais, Renoir, Fellini, Welles, Lewis, Rosi, Losey, Lester, Huston, Mizoguchi, Godard, Hawks, Varda ou Mackendrick.

Nenhum espectador que ame verdadeiramente a arte do cinema pode ficar alheio a esta interessante iniciativa da Casa da Imprensa. Os filmes seleccionados são particularmente representativos dos realizadores que fazem parte do presente ciclo. Mesmo que já tenham sido vistos, em numerosos casos, impõe-se uma nova visão de certos filmes pois alguns só revelam as suas virtualidades técnicas e estéticas após uma segunda ou terceira apresentação.

Por este motivo, rodeia-se da maior espectativa o V Ciclo da Casa da Imprensa, entidade que se mantém atenta á divulgação da cultura cinematográfica em Portugal.

Espectáculo de bailado em Braga

BRAGA, 6 — Amanhã, no Teatro-Circo, haverá um espectáculo de «ballet», incluído no Festival Gulbenkian de Musica.

Serão interpretados os bailados «Gisella» e «Encruzilhada». Solistas Paula Hinton e Isabel Santa Rosa.

FILMES CASTELLO LOPES

MONTGOMERY WOOD
ABANDONA O "COLT" DE "COW-BOY"
PELO MACHADO VINGADOR DOS VIKINGS!

A Vingança dos Vikings
(ERIK IL VICHINGO)

UMA EPOPEIA SANGUINÁRIA E BRUTAL QUE REVIVE OS FEITOS, AS VINGANÇAS E OS AMORES DO POVO MAIS TEMERÁRIO, GUERREIRO E IMPIEDOSO DA HISTÓRIA!

com
GORDON MITCHELL · ELISA MONTES

Realização de MARIO CAJANO em CINEPANORAMIC e EASTMANCOLOR
Maiores de 12 anos

AMANHÃ UM ESPECTÁCULO GRANDIOSO!

CONDES

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

Continuação da 4.ª página)

visitantes nesta quadra festiva à nossa cidade, pois conta com um valioso elenco de que fazem parte Camilo de Oliveira, Florbela Queirós, e Nicolau Breyner, com Maria Adelina, Octávio de Matos, Yola, Linda Silva, Célia de Sousa, Hélder de Oliveira, Alice Carla, Luís Mascarenhas, Rosemary, Sandy, um encantador friso de modelos, um excepcional Ballet Internacional formado por 20 bailarinas e 4 bailarinos internacionais, e ainda as atracções Maria Teresa Quinta, a voz portuguesa que - Brasil nos enviou, e Vum-Vum, o cançonetista angolano que vai dar que falar. A encenação pertence a Camilo de Oliveira, a coreografia é de Fernando Lima, a montagem de Pinto de Campos e a direcção musical de Carlos Dias. A partir de hoje, bilhetes á venda para a estreia e dias seguintes.

AS ESTREIAS DE HOJE

No São Jorge

Título em português — «Um estranho em casa»
Título original — «Stranger in the House».
Produção — Inglesa.
Realização — Pierre Rouve.
Intérpretes — James Mason, Geraldine Chaplin e Bobby Darin.
Género — Romance.
Distribuição — Rank Filmes.
Processo — Color.
Classificação — 17 anos.

O prémio «March of Dimes» vai ser entregue a um dirigente cinematográfico

No decorrer de um jantar que se realiza no salão imperial do Hotel Americano, no dia 12, Leo Jaffe, presidente da Columbia Pictures, receberá o décimo prémio anual «March of Dimes».

Este prémio, concedido anualmente a uma figura de relevo no campo do espectáculo, pela sua dedicação e assistência a causas humanitárias, foi já atribuído a Leonard A. Goldenson, Jack L. Warner, Jack Benny, Bob Hope, Danny Kaye, Robert H. O'Brien, Rex Harrison e ao saudoso Eddie Cantor.

Os fundos desta organização, que tem, actualmente, 100 centros de assistência espalhados pela América, destinam-se á investigação das causas e prevenção de nascimentos defeituosos e ainda a aumentar a rede de centros médicos.

Leo Jaffe que foi recentemente eleito para a direcção da Universidade de Brandeis pelo seu interesse no domínio das artes, é presidente do Conselho da Universidade Comercial de New York, e ocupa também o lugar de presidente da Organização de Fundos da Industria dos Espectáculos, da United Jewish Appeal e da Federação Filantrópica Judia. Foi director da Fundação George Gershwin e vice-presidente e director do Jewish Theatrical Guild. É presentemente administrador e director do B'nai Brith e da Instituição de Will Rogers. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi con-

LEO JAFFE

decorado pelo Governo americano pelo seu esforço em conseguir fundos para o Tesouro do Estado. Foi também agraciado pelo Governo Italiano pela contribuição para uma maior cooperação entre os Estados Unidos e aquele país.

Orfeão de Vila Praia de Âncora

O Orfeão de Vila Praia de Âncora festeja no sábado o seu 10.º aniversário.

Haverá um sarau na sede da corporação dos Bombeiros Voluntários locais.

COLISEU DOS RECREIOS

(Empresa Ricardo Covões, Filhos)

XII FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA

HOJE, Amanhã e Sábado, às 21,30 horas

O «BALLET DU XX.E SIÈCLE» apresenta

ROMEU E JULIETA

Coreografia de MAURICE BÉJART

Música de BERLIOZ

HOJE E AMANHÃ: M. de 12 anos — SÁBADO: M. de 6 anos

PREÇOS: Fauteuils, 60$00 e 80$00; Geral Reserv., 20$00; Geral, 15$00

«Rigoletto», de Verdi no Teatro da Trindade

Com o «Rigoletto» tivemos ontem a apresentação do 3.º cartaz da presente temporada lírica do Teatro da Trindade. Antes de mais, deve referir-se, com elogio, que foi adoptada a encenação (marcações, maquetas de cenários e até indicações de guarda-roupa) de Tomás Alcaide, o grande artista cuja última fase da carreira — precisamente de encenador — ficou ligada, de maneira indelével, ao notabilíssimo e corajoso empreendimento da Companhia Portuguesa de Ópera da F. N. A. I. O trabalho e a concepção da Alcaide — e indispensável acrescentar desde já — recomendam-se pelo bom gosto, cuidado do pormenor e delicado sentido plástico, através de uma curiosa policromia de bom efeito visual.

Após estas referências, não é de menor justiça salientar a tarefa de Asta-Rose Alcaide e Hugo Casais, que ensaiaram o espectáculo com eficiência e escrupulosa fidelidade as intenções de Tomás Alcaide. Quanto ao guarda-roupa, realizado sob a direcção de Anahory, é simplesmente primoroso. A récita de ontem bem pode apontar-se, sob este aspecto, como modelar.

Vamos agora aos cantores.

Teresa Nina fez uma estreia auspiciosa. Não dispõe, é certo, de uma voz encorpada, mas possui uma voz muito bonita, agradável, pura. Quando adquirir maior segurança nos agudos e mais á-vontade em cena, teremos, sem favor, uma excelente artista. No entanto, é já hoje um elemento muito valioso. Merece destaque a versão do célebre trecho, «Caro nome», inclusive pela sensibilidade que nela transpareceu. Apenas um pequeno repado: pareceu-nos notar uma certa tendência de Teresa Nina para arrastar os andamentos. E isto verificou-se nomeadamente, no trecho acabado de citar.

O tenor Vasco Gil, que se encarregou pela primeira vez de um papel de grande relevo, tem qualidades para triunfar. O timbre é bonito, as inflexões apropriadas. Por outro lado não se mostrou intimidado com as responsabilidades que lhe couberam, o que, se for tomado na devida conta, mas sem jactância, constitui factor importante para vencer. Foi desigual, sem duvida e menos feliz no 1.º acto. Mas nem por isso deixa de merecer estímulo.

Natália Viana desenhou uma «Madalena» desenvolta e gentil, que se distinguiu pela musicalidade ao longo do difícil «quarteto», o qual (valha a verdade) não resultou impecável.

Não será descabido dizer que o grande triunfador da noite, no plano vocal e cénico, foi Luís França, que encarnou o protagonista. Apesar de não se encontrar completamente refeito de uma recente indisposição de saude, cantou e interpretou muito bem a sua parte não isenta de escolhos, apenas se ressentindo nalgumas passagens mais agudas. Mas Luís França impôs-se, uma vez mais, como cantor de largos méritos. Justíssima a grande ovação que lhe foi tributada no final de «Cortiggiani...».

Os restantes contribuiram para o equilíbrio do conjunto O coro portou-se com o aprumo que lhe é habitual e a Orquestra de Ópera da Emissora Nacional cumpriu, e desta vez com mais felicidade que em récitas anteriores. O maestro Jaime Silva não desmentiu os seus créditos mais sólidos, demonstrando uma indispensável maleabilidade.

Em resumo: uma récita que decorreu com muita dignidade, evidenciando altos e baixos, mas acusando saldo amplamente positivo.

NUNO BARREIROS

EM TRÊS LINHAS

A folha oficial publicou uma declaração, pelo Ministério das Obras Públicas, de ter sido aprovada a planta parcelar relativa á melhoria da concordância do caminho de acesso á capela da Senhora da Póvoa com a estrada nacional n.º 233 e de ter sido declarada a utilidade pública e urgência das expropriações dos terrenos necessários á sua efectivação.

///

Um despacho do ministro das Corporações designa a Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família, ou as caixas suas federadas, como entidade responsável pela cobertura financeira dos encargos resultantes da prestação de assistência médica e medicamentosa aos familiares dos portugueses ocupados em França, na parte que exceder os três quartos a cargo das entidades francesas.

///

Outro despacho determina que várias empresas passem a contribuir para a Caixa Nacional de Seguros de Doenças Profissionais com 2 por cento dos ordenados ou salários do pessoal ao seu serviço que vier a ser abrangido pela mesma instituição.

///

Um aviso do Ministério dos Negócios Estrangeiros torna público que a Convenção Relativa ao Processo Civil, concluída em Haia em 1954, aprovada para ratificação pelo Decreto-Lei n.º 47 097 e em vigor desde 31 de Agosto de 1967, passou a vigorar nas relações jurídicas entre Portugal e o território das Antilhas Holandesas a partir de 2 de Abril do corrente ano.

///

O decrto n.º 48 420 (Ministério do Ultramar) altera a orgânica da actual Secção Especial de Expediente Sínico, que passará a denominar-se Secretaria dos Negócios Chineses, anexa á Repartição Provincial dos Serviços de Administração Civil da província ultramarina de Macau.

///

A portaria n.º 23 417 do Ministério do Ultramar reforça verbas das tabelas de despesa ordinária dos orçamentos gerais das províncias ultramarinas de S. Tomé e Príncipe e de Timor e abre um crédito para a respectiva importância ser inscrita em adicional á tabela de despesa extraordinária do orçamento geral da de Moçambique destinado a ultimar trabalhos de reparação e ampliação de edifícios das oficinas navais de Lourenço Marques.

VIDA MUSICAL

Concerto evocativo de Camões em Coimbra

«Roteiro Camoniano» é a designação dada pela Pró-Arte á interessante iniciativa de realizar em Coimbra na sua delegação (a cargo do Orfeon Académico), na segunda-feira uma exposição e concerto, no Museu Machado de Castro evocativos da obra e da projecção do espírito do poeta no pensamento nacional.

Gravuras antigas, representando pessoas e factos ligados á vida e á obra de Camões, edições antigas de «Os Lusíadas» e das rimas, as primeiras edições em alemão, francês e latim, mapas antigos e obras literárias relacionadas com Camões, estarão patentes ao publico na exposição. Não faltarão ainda obras musicais com o texto de Camões, incluindo um exemplar raríssimo da Missa de Requiem de João Domingos Bomtempo — primeiro director do Conservatório Nacional — editado em Paris e dedicado á memória de Camões, com o autógrafo de esboço da «cantata» a Camões da autoria de Miguel Ângelo Pereira, que foi preparada para as comemorações do terceiro centenário da morte de Camões, a propósito do qual João Arroio fundou em 1880 o Orfeon Académico de Coimbra.

Esta exposição é realizada pela primeira vez em Coimbra prestando-se assim uma homenagem não só á velha cidade mas também á Universidade onde Camões estudou e que tanta influência exerceu no seu fundo lírico.

O concerto realiza-se no mesmo dia, ás 21 e 30, também no referido museu e tem como intérpretes três artistas de carreira internacional: a cantora Helena Pina Manique, que chegou recentemente de Salzburg, o tenor Fernando Serafim — regressado de Itália — e a pianista Dinorah Leitão Cruz, tomando também parte, como acompanhador do seu ciclo «Os amores do Poeta», o dr. Ivo Cruz, director do Conservatório Nacional.

No programa — inteiramente preenchido com obras e poesias de Camões — figuram os compositores João Arroio, Ruy Coelho, Cláudio Carneyro, Frederico de Freitas, Luís de Freitas Branco, Berta Alves de Sousa, Lopes Graça, Croner de Vasconcelos, Fernandez Gil e Luís Filipe Pires.

POR 200$00 MENSAIS PODE ADQUIRIR A EDIÇÃO MONUMENTAL DA

HISTÓRIA DE PORTUGAL

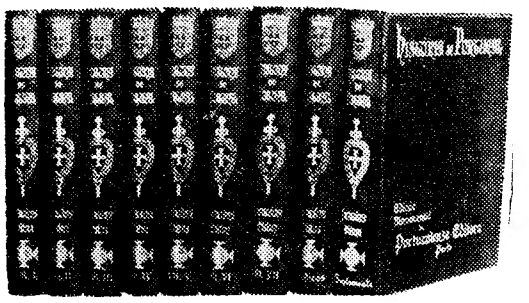
Edição Monumental louvada pelo Ministério da Instrução Publica e recomendada pelo Subsecretariado das Corporações e pelo Ministério da Educação Nacional. Colaborada pelos mais eminentes historiadores portugueses

DIRECÇÃO LITERÁRIA DO

DOUTOR DAMIÃO PERES

Professor da Universidade de Coimbra

5916 páginas de texto que abrangem todos os aspectos da história nacional desde as origens até 1934. 5000 gravuras, 132 cromos e mapas coloridos. **9 elegantes volumes magnificamente encadernados, no formato 22×30 cm.** Obra completa, 9 vols., encadernada em balacuir **Esc. 3190$00**



ENTREGA IMEDIATA DA OBRA CONTRA O PRIMEIRO PAGAMENTO — ESC. 200$00

O interessado deverá solicitar um impresso-proposta á

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO

ou à FILIAL EM LISBOA

AV. ALMIRANTE REIS, 102, R/C, DIR. — LISBOA-1

RECORTAR ESTE CUPÃO E REMETER À

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Alberto Aires Gouveia, 27 — PORTO

(D. L.) Agradeço me enviem um impresso proposta para aquisição «História de Portugal» na modalidade de PAGAMENTOS SUAVES

Nome (bem legível) .....

.....

Endereço .....

... ...

MAIS DE 500 QUILOS DE CARNE (E DERIVADOS) REJEITADOS EM LISBOA NO MÊS DE ABRIL

No mês de Abril, os médicos veterinários da Camara Municipal de Lisboa inspeccionaram e aprovaram, nos respectivos departamentos, na doca de Pedrouços, nos postos de concentração, nos mercados e em outros estabelecimentos da cidade, os seguintes produtos: carnes e derivados, 1 585 624 quilos; peixe e marisco, 4 398 350; ovos, 387 426; lacticínios, 223 310; e criação e caça, 196 399 peças.

Rejeitaram e inutilizaram, como impróprios para consumo: carnes e produtos derivados, 504 quilos; peixe e marisco, 408 993; ovos, 7814; lacticínios, 1; diversos, 35; e criação e caça, 584 peças.

Fizeram 59 vistorias a estabelecimentos e outros locais de venda, preparação, fabrico e depósito de produtos alimentares, para efeito de abertura, licenciamento e execução de obras, e 1671 a mercados e outros estabelecimentos, para fiscalização e inspecção sanitária de produtos alimentares.

No Matadouro-Frigorífico foram abatidas 29 988 reses das espécies bovina adulta e adolescente, suína, ovina, caprina e equídea, com 700 643 quilos; aprovadas para consumo 29 945 cabeças, com 697 997 quilos; rejeitadas totalmente 43 cabeças, com 1988 quilos, e parcialmente 658 quilos.

O movimento na Central Pasteurizadora de Leite traduziu-se pelos seguintes numeros: leite pasteurizado consumido em garrafas de litro, 2 099 777; em garrafas de 1/2 litro, 799 869,5; em garrafas de 1/4 de litro, 158 314,5 e em bilhas 394 159.

Foram visitados 323 estabelecimentos de revenda, venda e consumo

ALMOÇO DE HOMENAGEM A UM MÉDICO

PERNES, 6 — Promovido por um grupo de amigos, efectua-se no próximo dia 9 um almoço de homenagem ao dr. Manuel Ferreira da Silva, distinto médico, para comemorar os seus 25 anos de serviços clínicos prestados nesta freguesia.

As inscrições encontram-se abertas nos cafés desta vila. No final do almoço a comissão fará entrega de uma lembrança, oferta desta freguesia e de outras limítrofes.

Tarde infantil no Bairro das Furnas

A próxima tarde cultural infantil da programação camarária está marcada para sábado, às 17 e 30, no salão de festas do bairro das Furnas. Mais uma vez, a Fundação Musical dos Amigos das Crianças, a cuja orientação preside Adriana de Vecchi, preenche um espectáculo variado compreendendo solos de piano de violoncelo e piano, duas valsas pelo corpo de baile infantil, canções populares portuguesas pelo coro misto, dirigido pelo professor Jaime da Silva, e trechos musicais pela orquestra infantil de instrumentos de corda.

VENDA POR ANDARES

GRANDE LUXO

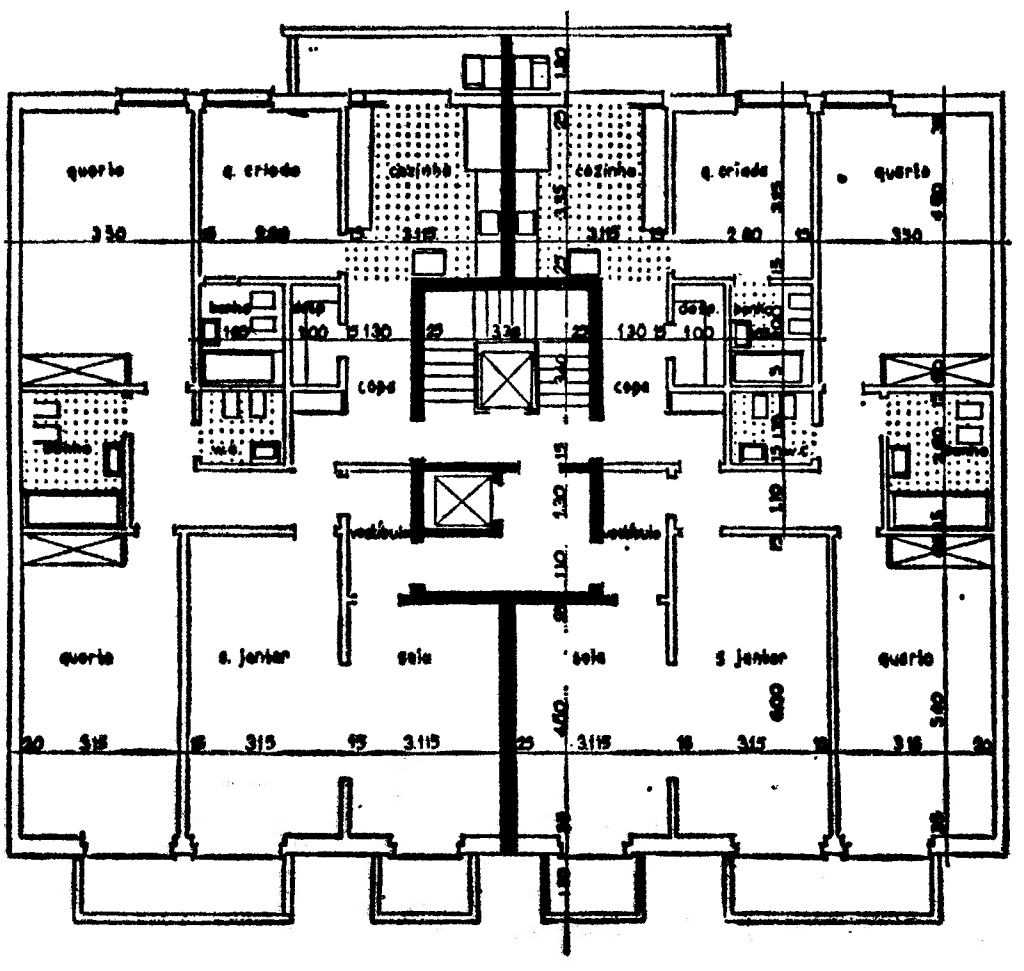
MAIS UM EMPREENDIMENTO DA

METALCIME

JUNTO À AV. DUQUE D'ÁVILA

- Magnífico imóvel em acabamento na Rua Filipe Folque, n.º 67 com 5 grandes casas assoalhadas e mais uma ampla arrecadação.
- Pronto a habitar dentro de 2 meses
- Óptima localização e orientação
- Acabamentos os mais modernos e perfeitos
- Aquecimento, ar ventilado e renovado

ACEITAM-SE INSCRIÇÕES PARA OS ANDARES AINDA LIVRES



Para mais informes tratar com os proprietários e construtores

METALCIME Rua Barata Salgueiro, 21, 1.º, Dt.º - LISBOA - Telef. 53 71 15

FÉRIAS EM PORTUGAL 8

ESPINHO

DA AVENIDA OITO À COSTA VERDE

EM TERMOS de turismo Espinho é o Verão que se lá passa, quando a esplanada da Avenida 8, fechada ao trânsito automóvel, suporta mal os vaivéns da multidão. Então, sim, a vila fala outra língua, deita-se e levanta-se tarde, frequenta o casino, bronzeia-se à beira-mar ou na piscina, inventa longos passeios para fazer melhor a digestão. Fora da época balnear são dez mil habitantes à espera dessa época. Depois os números crescem, duplicam até. No Verão há duas metades de Espinho: a de dentro e a de fora. Aceitam-se bem uma à outra. Mas ambas são tentadas (tentação quase diária para os de dentro) pela Avenida 8, «quando a esplanada da Avenida 8, fechada ao trânsito automóvel, etc., etc.»

Quer isto dizer que as ruas de Espinho são numeradas? Exactamente. A essa numeração chama-se «à americana», pormenor com que o espinhense se sente bastante lisonjeado. Assim, o Parque João de Deus está entre as ruas 19 e 23, perto do edifício dos Paços do Concelho, e para a Igreja Matriz o melhor caminho é a Rua 27 (ou 29: à escolha), cortada pela 18. Isto não deixa de criar uma certa confusão (passageira) no espírito do forasteiro. Daí a dias tudo corre pelo melhor: o Parque João de Deus é entre as ruas 19 e 25, perdão, 23, com bancos, canteiros de flores, árvores.

Quem frequenta Espinho? Gente da região, e do Porto, e de mais longe, sem esquecer os habituais espanhois.

Em 1910, por exemplo, publicou-se um jornal chamado «El Bañero». Anteriormente, ano de 1830, Espinho é o *ai-jesus* dos habitantes de Vila da Feira, que ali criam raízes e dão um grande impulso á modestissima praia de pescadores.

A ORIGEM DA VILA: PESCA E BANHOS

Falemos das origens de Espinho. Para isso teremos de reportar-nos a uma época imprecisa (século XVI?), em que pescadores do Furadouro — mais ao sul, perto de Ovar — começam a frequentar o que hoje é o areal amputado de Espinho. Há ali abundancia de sardinha, peixe apreciadissimo, com boa cotação no interior... Os pescadores vêm, fazem a sua época no areal, dormindo ao abrigo dos próprios barcos, mais tarde constroem *palheiros* (o nome diz tudo) de ocasião.

Esta deslocação maciça de gente do mar coincide com a estação calmosa. No século XVII existe já um aglomerado distante da costa, Espinho-Terra, e os poucos palheiros do areal, Espinho-Mar. 1807: contam-se em Espinho-Mar 125 casas de pescadores. Vinte e tal anos depois surge o interesse dos feirenses: afinal em Espinho, terra pacata, com o mar ali ao pé... Alojados primeiramente nos palheiros, os feirenses vão dentro em breve construir casas de pedra e cal. Espinho é um vulto sério.

Em 1867, com a abertura da linha férrea do Norte, o pulso da localidade acelera. Virá ainda uma outra linha férrea, a do Vale do Vouga, fazer progredir a praia, para cujo fomento contribuem também dois particulares, Joaquim de Sá Couto e Manuel Alves Moreira. (Sá Couto não assistirá a uma tristeza: a sua casa devorada pelas marés-vivas, anos depois.

Agora, sim, o capricho de Espinho é uma terra em crescimento. Em 1883 inaugura-se a igreja Matriz, cinco anos volvidos cria-se a freguesia de Espinho.

O mar espreita. Já em 1834 fizera alguns estragos, como que a ameaçar. Nos quarenta anos seguintes, a costa é francamente desgastada. A erosão acentua-se em 1889: dedos apontam para Leixões, cujo porto carrega, daí em diante, o estigma de prejudicar a vila (que só será vila em 1899). Estamos em 1896: as águas levam 76 casas de habitação. Um ano mais, e é a vez de desaparecer a Praia Velha.

A própria igreja matriz tem de recuar. Destruída em 1904, substituída logo a seguir, é novamente destruída (noutro local) em 1910. O edifício actual data de 1916.

Que fazer? Constrói-se um molhe em 1909: dura um ano. Recorre-se aos esporões: em 1936 o mar *come* parte da primitiva esplanada e o posto de socorros a náufragos. Situação precária, dores de cabeça contínuas. O espinhense ainda hoje está de vigília.

Quanto á actividade pesqueira, forçoso é que se diga: decresceu extraordinàriamente com os anos. O homem de Espinho nasceu, dizem, para pescador. Mas as companhas da terra — onde vão elas, quem lhes acode? Por isso os braços começam a ser absorvidos pela indústria.

Casino, golfe e piscina

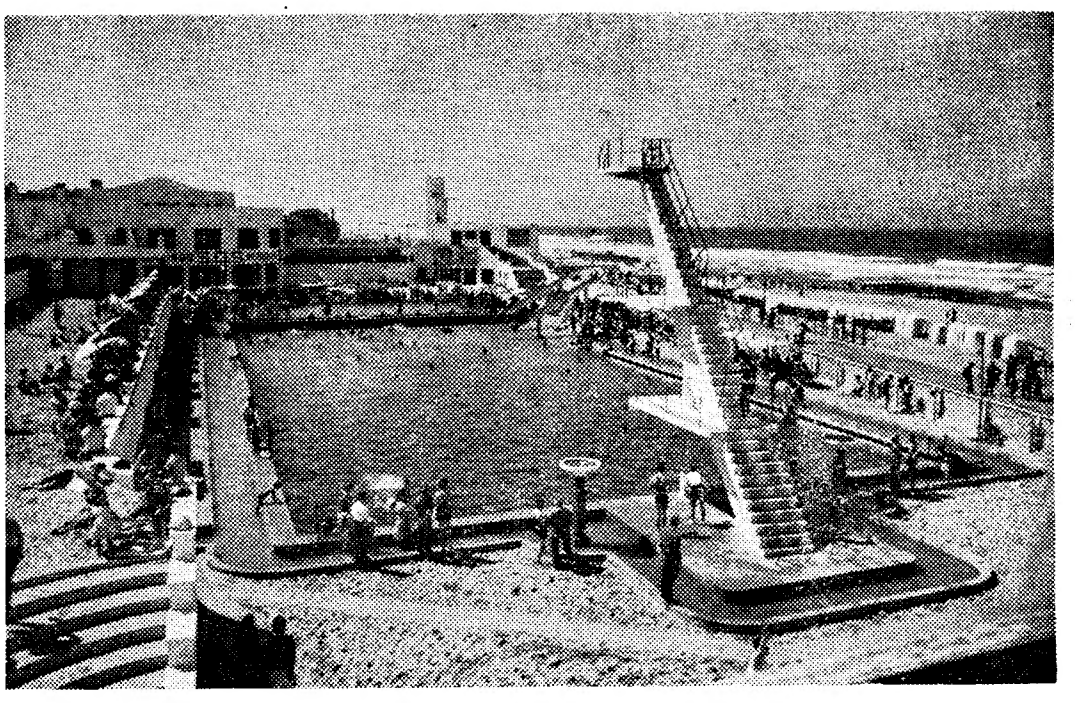
No Verão tudo se transforma. Espinho é outra. Com o Casino, onde se jogam várias modalidades ditas «de azar» (ou de sorte, conforme as ocasiões). O Casino tem restaurante e salão de dança. Atracções musicais: a época reabriu a 1 do corrente, com Gérard Sotto e Beatriz Ferreira ao microfone.

Veraneantes dotados do meticuloso espírito inglês têm o campo de *golf* para distrair-se. Ele foi, de resto, uma criação do Oporto Golf Club, associação restrita, com vista ao consumo dos *Englishmen*.

A escassa distância do mar fica a Piscina-Solário Atlântico, aliás, com duas piscinas, uma para adultos e outra para

(Continua na pág seguinte)

Uma visão pessoal do repórter de serviço FERNANDO ASSIS PACHECO



Inaugurada em 1943, a Piscina-Solário Atlântico é uma das melhores do Norte do País

HOTÉIS E PENSÕES

- HOTEL DE ESPINHO (2.ª prov.ª)
- HOTEL MAR AZUL (2.ª)
- PENSÃO OCEANO (1.ª prov.ª)
- PENSÃO LUSO-BRASILEIRO (2.ª)
- GRANDE PENSÃO PARTICULAR (2.ª)
- PENSÃO PORTO (2.ª prov.ª)

RECORTE O CUPÃO PUBLICADO NA PÁGINA DOIS E LEIA O REGULAMENTO DE

FÉRIAS EM PORTUGAL

UM VILA MODERNA PARA PASSAR O VERÃO

(Continuação da pág. anterior)

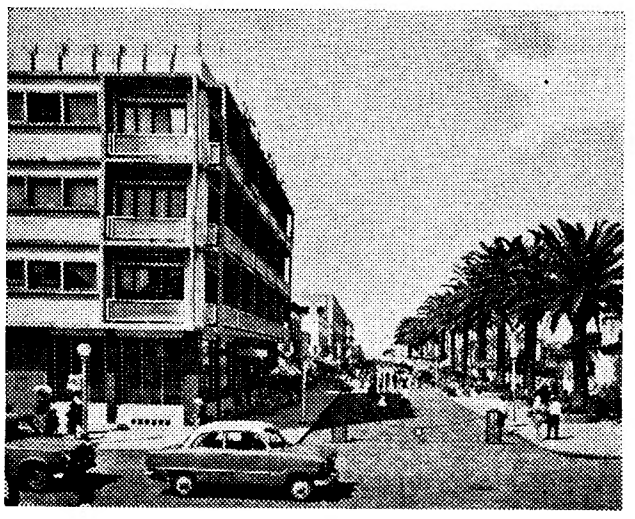
crianças. Inaugurada em 1943, é frequentadissima no Verão.

Além do *golf*, pode praticar-se ténis, para o que existem dois *courts* de bom traçado. Não esquecer, também, a pesca, e, sobretudo, a caça (há apreciadores), com grande diversidade de espécies: mergulhos, pombos bravos, galinholas (raras), frangas de água, narcejas abertardas, rolas, codornizes, perdizes (igualmente raras).

Touros (para ver) é que já não há. Existiu uma praça de tijolo, depois outra de madeira em vez daquela. Pertencem ao passado. O aficionado terá què consultar a sua agenda e resignar-se a algumas viagens.

Entretanto, a animação das romarias pode gozar-se nos próprios limites da vila. Veja-se a de N.ª Senhora de Ajuda, que é no penúltimo domingo de Setembro, seguida da tradicional «Feira das Cebolas». Três meses antes, ensaio geral com as festas de São João.

A respeito de N.ª Senhora de Ajuda, romaria centrada numa ermida pequena, sabe-se que o culto não vem de longe. Corre uma lenda dizendo que dois pescadores espanhóis em risco de naufragar, prometeram, em troca da vida, erguer um templo de acordo com as suas posses. Daí a Senhora da Ajuda, daí a romaria. Tudo relativamente recente.



A célebre Avenida 8, «picadeiro» de Verão

À lagoa de Paramos e outros passeios

De Espinho ao Porto são 18 quilómetros. O intercâmbio estival nos dois sentidos processa-se em bom ritmo. Para sul, surpresa: a Ria de Aveiro a dois passos de Ovar, que por sua vez está pertíssimo de Espinho. O banhista conhece perfeitamente esta situação privilegiada da sua vila-praia.

Dentro dos limites do concelho pode ir-se á freguesia de Anta (pouco mais de um quilómetro de caminho), onde a sardinha é de primeira qualidade, ou a Guetim (4 km por estrada). Silvalde, mais longe de Espinho, tem bons tapetes e está na vizinhança do aeródromo «Capitão Aviador Dias Leite».

Passeio aconselhado: á lagoa de Paramos, rica de peixe e moliço, como a Ria que lhe está próxima. Esta lagoa tem água salgada, proveniente das aberturas da «barrinha». Sitio bom para nadar ou simplesmente espairecer — melhor ainda com um farnel a preceito.

A povoação de Paramos — curiosidade a sublinhar — já foi vila, pelo menos até princípios do século XIII. Quando vila, adquiriu-a um tal Gonsalvo Ibn Egas a duas senhoras, a condessa D. Tuda e sua filha D. Loba, pelo módico preço de 600 soldos em espécie: uma mula e uma pele... A História registou devidamente este facto saboroso.

Visitantes dados ás letras saberão que um ilustre espinhense de adopção foi o médico e pensador Manuel Laranjeira, tràgicamente desaparecido em 1912. Muito amigo de Miguel de Unamuno, para aqui o chamou mais que uma vez. Unamuno vinha a banhos a Espinho, com mulher e filhos. Outro espinhense adoptivo: o ficcionista José Marmelo e Silva, autor de «O ser e o ter» e «Anquilose.»

Perto da vila, em Miramar, está a paisagem de infância duma grande poetisa, Sophia de Mello Breyner Andresen:

«Era o céu azul, o campo verde, a terra escura,/ a carne das árvores, elástica e dura, / eram as gotas de sangue da resina / e as folhas em que a luz se descombina».

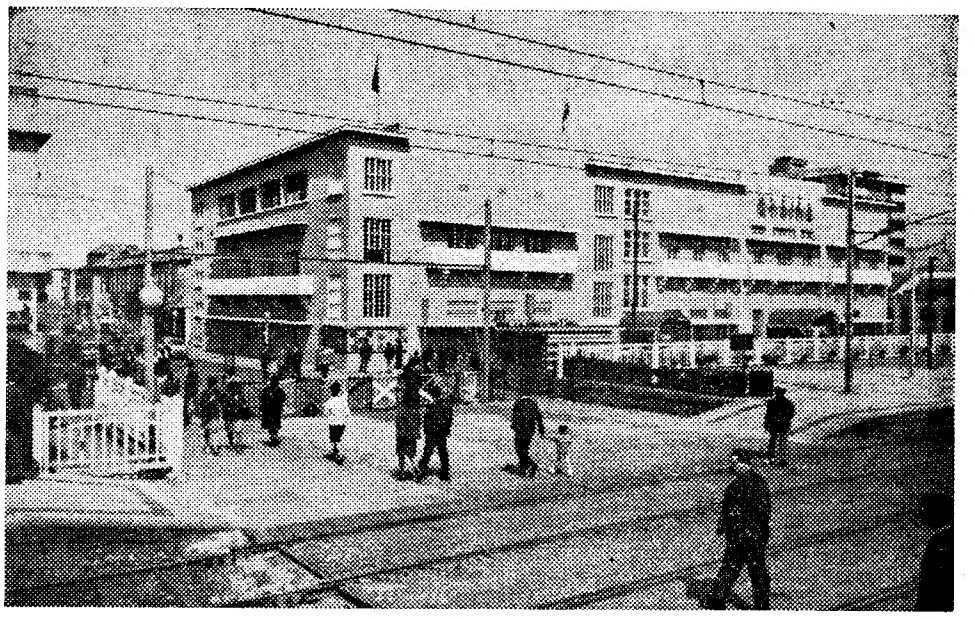
E noutro poema:

«Quando o meu corpo apodrecer e eu for morta / continuará o jardim, o céu e o mar...»

Sugestão derradeira: ver — a pouca distância de Espinho — a Ponte dos Suspiros e a gruta da Fonte do Mocho. O passeio vale a pena.

Espinho: o que pica os pés

O topónimo «Espinho» vem, segundo se pensa, de umas plantas rasteiras, com espinhos no caule, que os pescadores do Furadouro encontraram ao desembocar no areal enorme. Já lá vai o tempo...



Aspecto do Casino, onde a época de jogo abriu a 1 de Junho

Entretanto, pés mimosos gostarão de saber que a TAP, de colaboração com o Aero Clube da Costa Verde, pensa estabelecer em Espinho uma escala para táxis aéreos. A ideia, se for concretizada, deverá alastrar a Vila Nova de Gaia. Vila da Feira, S. João da Madeira, Ovar e Estarreja. Há já a promessa (condicionada) de construir uma pousada junto ao aeródromo.

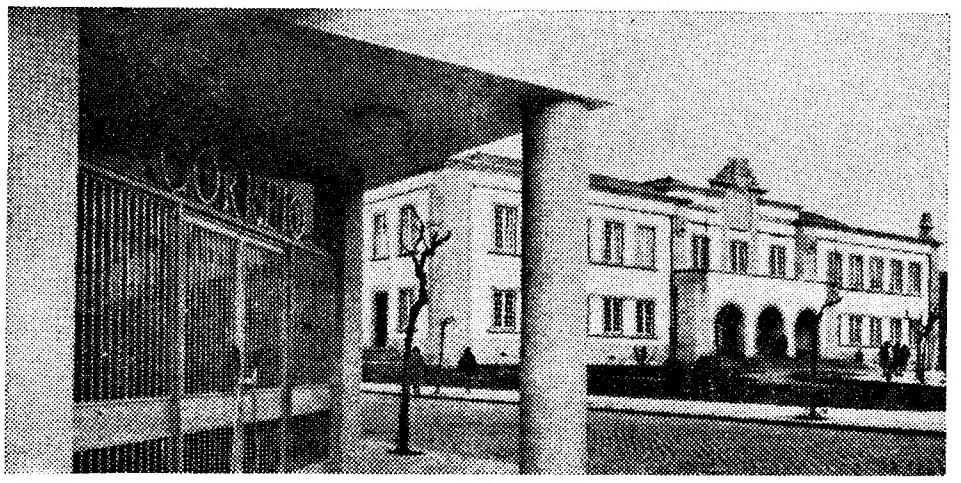
Chegar-se-á mais depressa á Costa Verde. Para ficar mais tempo, oxigenando os pulmões e dando á pele o tom acastanhado das revistas «pink». Até lá, o que existe é de sobejo. Espinho está á sua espera, leitor.

CALDEIRADA e sardinha assada

TERRA DE FUNDAÇÃO tardia, burgo de pescadores que ali vinham na mira de boas safras, Espinho não chega a ter uma tradição culinária, como é o caso da Póvoa de Varzim, mas propõe hoje (e são saborosos) alguns petiscos da beira-mar.

Antes de mais, a caldeirada. Dizem-na modesta em comparação com a da Ria de Aveiro, e realmente a sua variedade não é de espantar. Há um outro pequeno restaurante, porém, que apresenta caldeiradas bem apuradas, com tempero à medida. Também aí o visitante pode encomendar sardinha e outros peixes assados na brasa, parte deles fornecidos pela lagoa de Paramos. Tudo depende do afluxo dos veraneantes.

Para beber, hesita-se os vinhos verdes e maduros. Pròpriamente da região não haverá grandes surpresas vinícolas a assinalar. Produções de Silvade ou Paramos há que experimentá-las à mesa do lavrador, e para isso é preciso fazer a competente viagem.



Ao fundo, à Câmara Municipal.
Nas imediações fica o parque de campismo

F. RAMADA
Aços e Indústrias, S. A. R. L.

HORÁRIO DE VERÃO

Comunica-se a todos os nossos estimados CLIENTES e AMIGOS, que os nossos estabelecimentos fabris e comerciais de OVAR e PORTO encerram aos sábados durante os meses de **Junho** a **Agosto**, inclusive.

Em RIO MAIOR o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA SANTANA — Rua Serpa Pinto, n.º 20.

FRIGORÍFICOS
COMERCIAIS DE 500 A 1200 LTS.
E DOMÉSTICOS DE 130 A 500 LTS.
VEJA A NOVA LINHA
KELVINATOR
A PREÇOS EXCEPCIONAIS
CASA JUNIOR
R. do Alecrim, 21-A (ao Cais do Sodré) — Tel. 321053

HOMENAGEM AO INDUSTRIAL JOÃO PIMENTA

É já na próxima sexta-feira, dia 7, pelas 21 horas, que se efectuará no restaurante Cozinha Velha, em Queluz, o jantar de homenagem ao industrial João Pimenta, agraciado com a medalha de prata, um dos mais altos galardões com que o Município de Oeiras premeia aqueles que em benefício do concelho consagram as suas actividades.

A comissão organizadora conta já com numerosas inscrições. Estas continuam abertas e poderão ser feitas directamente na Cozinha Velha, telef. 950232, em Lisboa no Largo do Carmo, 18-2.º, telef. 33481, ou na Rua Elias Garcia, 364 1.º, dt.º telef. 938147, Amadora.

Beja tem desde hoje uma Estação Rodoviária

BEJA, 6 — Esta cidade conta, desde hoje, com mais um importante melhoramento: a grande Estação Rodoviária, que tem em frente o monumento ao grande bandeirante Raposo Tavares.

Em COIMBRA o «Diário de Lisboa» vende-se na tabacaria TIVOLI.

O I CONGRESSO NACIONAL DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA COMEÇA NO DIA 19

Como estava anunciado, o I Congresso Nacional da Indústria Farmacêutica inicia-se no dia 19 com uma sessão inaugural que decorrerá no Palácio Foz, prosseguindo em sessões plenárias de trabalhos que se realizam nas instalações da Feira Internacional de Lisboa durante os dias 20, 21 e 22 de Junho. O Congresso encerra-se, no dia 23, com um almoço de confraternização. Os trabalhos preparatórios desta importante reunião encontram-se praticamente concluídos, registando-se a inscrição de cerca de três centenas de participantes e a apresentação de algumas dezenas de comunicações sobre o vasto leque de temas que serão debatidos.

O encontro é aguardado com grande expectativa em amplos e importantes sectores da vida económica portuguesa. Pela primeira vez, com efeito, os problemas e aspirações de um dos mais avultados sectores da nossa indústria química, com missão relevante na vida económica e social do País e com papel de progressivo significado nas exportações nacionais, vão ser estudados numa ordem sistemática e plenamente documentada, com a participação de todos os sectores de actividade que lhe estão ligados.

O número de inscrições recebidas e o nível representativo das individualidades que se associaram a este empreendimento são expoentes da importância e oportunidade do Congresso na presente conjuntura.

Nos dias próximos será distribuído o programa definitivo do Congresso, com as indicações necessárias de horários de sessões, actos sociais, normas de funcionamento e personalidades convidadas para intervir nas sessões de abertura e encerramento e nas sessões plenárias. A organização do Congresso manterá um serviço informativo permanente na Feira Internacional de Lisboa, estando previsto que na manhã de 19 se fará entrega a todos os participantes da documentação necessária.

Entretanto, a Exposição da Indústria Farmacêutica integrada na Feira Internacional de Lisboa será aberta ao público, na mesma ocasião da abertura deste certame, no domingo. A exposição comporta cerca de 70 representações da indústria farmacêutica e de organismos com ela relacionados, prevendo-se que a demonstração pública dos recursos e progressos da produção nacional de medicamentos terá, nesse acto, uma expressão invulgar em realizações de tal género.

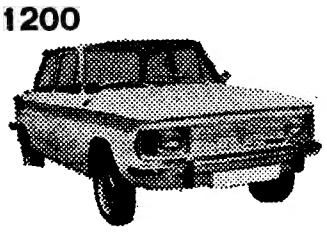
TEMPO

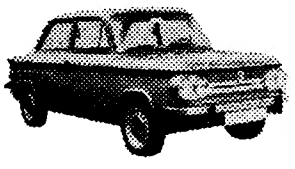
A PRIMAVERA É MELHOR COM NSU

NSU

oferece-lhe esta primavera
um original porta chaves
em prata
e gasolina para os seus primeiros 1.000 quilómetros

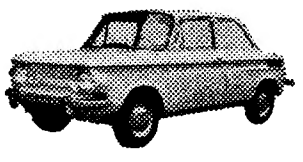
1200



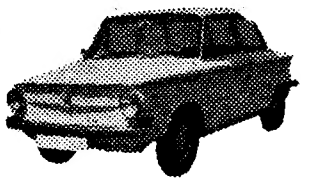


NSU TT

1000



PRINZ 4



NSU A SUA PRIMAVERA NAS ESTRADAS

visite durante a primavera os "stands" NSU em todo o país

representantes LUSOLANDA avenida antónio augusto de aguiar, 25 C

aberto até às 20 horas

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 20 000 000$00

SEDE SOCIAL: Calç. do Duque 20 LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DOS SRS. ACCIONISTAS

Nos termos dos artigos 41.º e 43.º dos Estatutos da Companhia, aprovados pelo Decreto de 11 de Agosto de 1966, publicado no Diário do Governo n.º 186 — III série, da mesma data, é convocada a Assembleia Geral Ordinária dos Srs. Accionistas que se encontram nas condições previstas no artigo 35.º dos mesmos Estatutos, para se reunir em Lisboa, na Estação do Rossio, 1.º andar, no dia 28 do corrente, pelas 15.45 horas.

ORDEM DO DIA

1.º — Conhecimento das Contas respeitantes ao exercício de 1967, do Relatório do Conselho de Administração e do Parecer do Conselho Fiscal, votação sobre essas Contas e o mais a que se tenha de proceder por virtude da lei geral;

2.º — Preenchimento das vagas existentes nos Corpos Gerentes, nos termos estatutários.

Para os Srs. Accionistas poderem tomar parte nesta Assembleia Geral, devem as acções nominativas ter sido averbadas e as acções ao portador ter sido depositadas até ao dia 17 do corrente, nos seguintes lugares:

Em Lisboa: na Sede da Companhia e no Banco Fonsecas & Burnay;

No Porto: na filial do Banco Lisboa & Açores ou na filial do Banco Fonsecas & Burnay.

As cartas de admissão à Assembleia Geral serão passadas pelo Conselho de Administração da Companhia, em vista das acções averbadas ou dos recibos dos depósitos das acções ao portador.

A Assembleia Geral constitui-se e poderá válidamente deliberar nos termos dos artigos 34.º a 48.º dos Estatutos.

Lisboa, 1 de Junho de 1968

O PRESIDENTE DA MESA
DA ASSEMBLEIA GERAL

Afonso Rodrigues Queiró

NSU
CONCESSIONÁRIO
AUTO EDUARDO COSTA, LDA.
Rua de Campolide, 27 — LISBOA
Telefs. Escrit 687615 | OFIC 685080 | Vendas 685081
ASSISTÊNCIA TÉCNICA EFICIENTE

HIPOTECAS
FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3-2.º TELEF. 369384

MÁQUINAS DE TRICOTAR
Concede-se a Agência da melhor marca mundial nas zonas concelhias ainda disponíveis. Resposta ao Apartado 1421 — Lisboa 1.

NOTÍCIAS DE AVEIRO

1563 contos para casas de Previdência

AVEIRO, 6 — Há pouco tempo referimo-nos a um avultado empréstimo dos organismos corporativos deste distrito ao abrigo da Lei n.º 2942.

Hoje, damos conta de que mais 1563 contos foram concedidos a beneficiários daqueles organismos. Foi assim distribuída aquela quantia: Aveiro, 500 contos; Oliveira de Azeméis, 390; Anadia, 83; Águeda, 30 (reforço); S. João da Madeira, 85; Albergaria-a-Velha, 25; Ovar, 69; Estarreja, 160; Vila da Feira, 5 (reforço); e Almade, 216.

Comemoração do «Dia de Portugal»

Hoje, no ginásio do Liceu Nacional desta cidade efectua-se uma cerimónia integrada na comemoração do «Dia de Portugal». Dela fazem parte números pelo Orfeão daquele Liceu, uma conferência pela dr.ª D. Maria Emília Frade de Andrade Rente, sobre «A poesia tradicional na Lírica de Camões», e números de ginástica. Haverá ainda a abertura da exposição de trabalhos escolares.

Cargos municipais

Foram constituídas as seguintes Comissões Municipais:

HIGIENE — Presidente, eng. Casimiro Gicchetti; subdelegado de Saúde, dr. António Peixinho; eng. dos Serviços de Obras, eng. Manuel Ramos; veterinário, dr. Manuel Arnados; vogal, dr. Carlos Gomelas.

ARTE e ARQUEOLOGIA — Presidente, eng. Branco Lopes; representante da diocese, padre Manuel Fidalgo; representante do Ministério da Educação Nacional, arq. Carlos Pinto; director do museu, dr. António Gonçalves.

TRANSITO — Presidente, Ulisses Pereira; comandante da P. S. P., cap. Amílcar Ferreira; representante da Direcção de Estradas, eng. Manuel Ferreira; delegado do A. C. P., João dos Santos.

URBANIZAÇÃO e CONSTRUÇÃO CIVIL — Presidente, eng. Branco Lopes; director de Urbanização do distrito, eng. Cunha Amaral; representante da Direcção de Estradas, eng. José Mesquita; arq. João Cramês.

O preço do café nos barcos da carreira Lisboa-Barreiro

A propósito de uma carta que publicámos, da autoria do nosso colaborador sr. Fernando Rosa, de Alhos Vedros, sobre «o preço do café» nos barcos da carreira Lisboa Barreiro, recebemos da C. P., firmado pelo sr. dr. Élio Cardoso, encarregado das relações publicas, o seguinte esclarecimento:

«Referindo-se á local «Dizem os leitores» — o preço do café nos barcos da carreira Lisboa-Barreiro», publicada no jornal que V. tão dignamente dirige, do dia 29 de Abril p.º passado, venho informar V. de que, tendo-se mandado averiguar o assunto, se apurou haver responsabilidade da parte do empregado que estava, naquele dia, no serviço do «bar».

«Foi o mesmo avisado para que não deixasse de ter em atenção as instruções que lhe haviam sido dadas sobre os preços, tendo sido, também, providenciado para que sejam afixadas tabelas de preços.»

J. Santos Graça, Lda.

Certifico que, por escritura de ontem, lavrada de fl. 12 a fl. 16 do livro n.º 40-D de escrituras diversas do 2.º cartório notarial de Lisboa, a cargo do notário licenciado António Lopes Fernandes Costa, foi aumentado o capital da sociedade J. Santos Graça, Lda., com sede em Lisboa, que era de 40 000$, para 500 000$ e substituídos os artigos 2.º e 5.º e seu § único e adicionado um artigo, que é o 9.º, pela forma seguinte:

2.º

O capital social é de 500 000$, está integralmente realizado, em dinheiro e nos diversos valores do activo constantes da escrita, e corresponde à soma das quotas dos sócios, que são as seguintes: Fernando dos Santos Carvalho, 490 000$; Nicolau Oliveira, 10 000$00.

5.º

A gerência, dispensada de caução, fica a cargo do sócio Fernando dos Santos Carvalho, bastando, portanto, a sua assinatura para obrigar a sociedade e representá-la em juízo e fora dele, activa e passivamente.

§ 1.º O gerente Fernando dos Santos Carvalho poderá delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência em quem entender, por meio de mandato em forma legal.

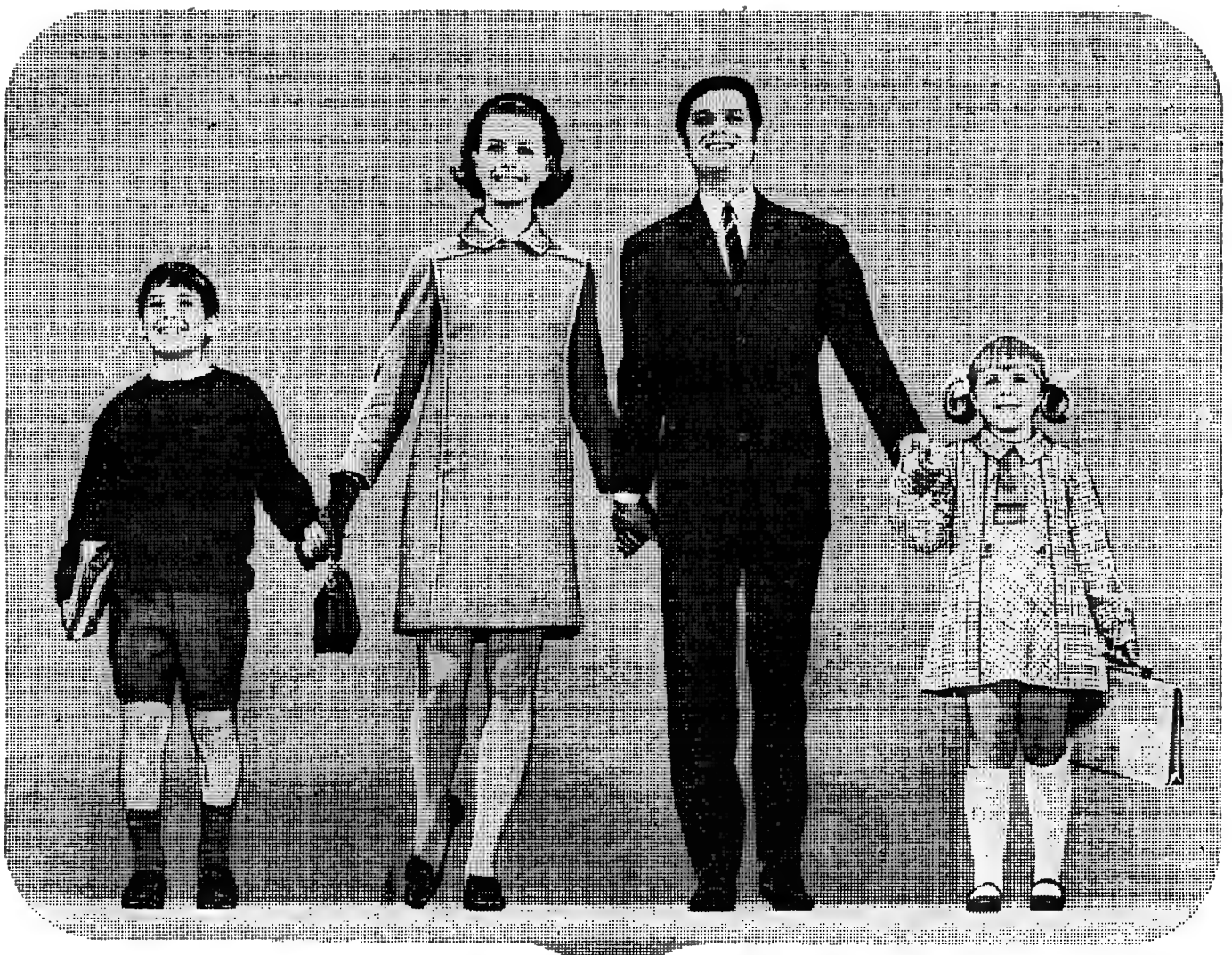
§ 2.º Fica vedado aos gerentes da sociedade intervir em nome desta em fianças, abonações e outros actos estranhos aos negócios sociais.

9.º

As assembleias gerais, quando a lei não exija outras formalidades, serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com quinze dias de antecedência, pelo menos.

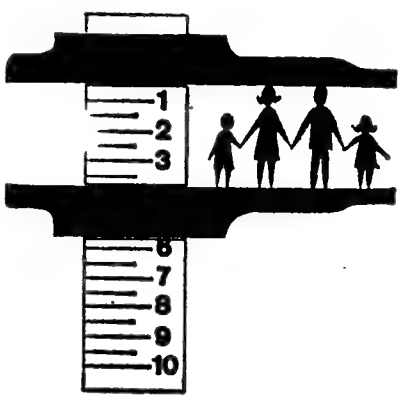
Vai conforme.

Lisboa, 9 de Abril de 1968 — O Ajudante do 2.º Cartório Notarial, *Arménio Coelho de Oliveira.*



Ponha-nos todos os seus problemas.

Estudaremos um seguro especialmente para si.



PLANO DE SEGURO DE VIDA IMPÉRIO

uma nova forma de pensar, traz 50 anos de progresso em seguros de vida

Ponha-nos todos os seus problemas:

- projectos sobre educação dos filhos
- responsabilidades do casal
- garantias em relação ao lar
- responsabilidades para com ascendentes
- outros projectos a longo prazo

Cada Plano de Seguro de Vida Império inclui uma análise das necessidades do cliente. E não há um caso igual a outro! Estudamos cada caso e temos sempre uma solução, mesmo para as economias familiares mais modestas.

UM SEGURO CASO A CASO E NÃO UM SEGURO AO ACASO

Esta nova forma de encarar o seguro de vida oferece-lhe uma ocasião nova e diferente para rever os seus riscos, examinar os seus projectos e lançar bases sólidas no futuro.
Através dos novos Planos de Seguro de Vida Império podemos oferecer-lhe um máximo de possibilidades.

UM SEGURO TOTALMENTE ESTUDADO PARA SI.

À Companhia de Seguros Império
Rua Garrett, 62 Lisboa 2

PLANO DE SEGURO DE VIDA IMPÉRIO

Desejo ser contactado — sem qualquer compromisso da minha parte — para um estudo do meu Plano de Seguro de Vida Império.

Nome .....

Morada .....

AO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO
a sua seguradora

SPI

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

José de Mesquita Troni

Faleceu hoje, subitamente, na sua residência em Lisboa, o sr. José de eMsquita Troni (funcionário superior corporativo), que desempenhava as funções de comissário do Governo e de comandante da Associação Humanitária da Cruz de Malta, casado com a sra. D. Maria do Carmo Perestrello de Alarcão Trono e pai do sr. dr. José Augusto Perestrello de Alarcão Troni.

O funeral sai amanhã, ás 16 horas, da igreja de S. João de Deus para o cemitério de Alenquer, terra da sua naturalidade.

Os serviços funebres estão a cargo da Casa A. G. Magno, Lda., da Avenida Almirante Reis.

D. Maria Fernandes Almendra

VINHAIS, 6 — No Hospital de Bragança, onde fora operada de urgência, faleceu a sr.ª D. Maria Fernanda Almendra, viuva, de 66 anos, que há 10 anos era solicita correspondente do «Diário de Lisboa» nesta vila. A extinta, pelas suas altas qualidades, muito estimada em toda esta região, era irmã da sr.ª D. Francisca Fernandes e dos srs. Francisco e António Fernandes, cunhada das sr.as D. Helena Joana da Nóbrega Lobo Fernandes e D. Carlota Correia Fernandes e D. Maria Emília Ponte Fernandes, tia dos srs. comodoro Jaime Almendra e coronel João Almendra, arq.º Manuel Correia Fernandes, José António Ponte Fernandes e António José Lobo Fernandes, das sr.as dr.ª Maria José Lobo Fernandes, casada com o nosso camarada de redacção dr. José Carlos de Vasconcelos, eng.ª Helena Maria Lobo Fernandes, Maria da Graça Correia Fernandes, etc.

O funeral efectua-se hoje ao fim da tarde para o cemitério local. O «Diário de Lisboa» apresenta sentidas condolências á família enlutada.

DINHEIRO
S/ AUTOMÓVEIS
Empresta-se em boas condições. Transacções rápidas. Sigilo absoluto.
SONIPAL
R CONDE REDONDO, 14-2º
TELEFNS. 52248-556580

PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

António dos Santos Guia Gameiro

MISSAS DO 30.º DIA

Sua viuva e mais família participam que, amanhã, dia 7, pelas 11 h e 30 m, na Igreja dos Mártires, em Lisboa, e pelas 11 h, na Igreja de S. Paulo, em Maçãs de D. Maria, serão celebradas missas por alma do seu saudoso marido e parente, agradecendo a todas as pessoas que se dignarem assistir aos piedosos actos.

Aproveitam para agradecer, também, a quantos lhes manifestaram o seu pesar e assim os acompanharam em tão doloroso transe.

DR. SEBASTIÃO JOSÉ MONTEIRO REGO

Missa do 1.º aniversário

Maria Cristina Bandeira de Lima Rego e filhos participam que será celebrada missa, amanhã, dia 7, pelas 12 e 30, na Igreja de S. Sebastião da Pedreira.

Condenada por homicídio

AVEIRO, 6 — O tribunal da comarca de Aveiro, presidido pelo juiz dr. João Dias Ferreira do Vale, condenou a 17 anos de prisão maior uma mulher acusada de assassinar, com uma foice, o homem com quem vivia.

Caetana Augusta dos Santos, de 35 anos, terá ainda de pagar 2000$ de imposto de justiça e 120 contos de indemnização á mulher e filhos da vítima, Mário Rodrigues Gomes, de 42 anos.

O crime, motivado por ciumes, verificou-se na noite de 27 de Fevereiro passado, em Sarrazola, Aveiro, conforme noticiámos.

COLÓQUIO SOBRE PRÉ-FABRICAÇÃO na Ordem dos Engenheiros

Iniciado ontem, prossegue esta noite, ás 21 e 30, na sede da Ordem dos Engenheiros o Colóquio sobre Préfabricação. Serão debatidas as seguintes comunicações: «Exemplo de projecto e realização, com técnicas de pré-fabricação, dum edifício industrial», pelo eng. Ruy José Gomes, e «O primeiro empreendimento no domínio da pré-fabricação pesada em Portugal», por um grupo de engenheiros e um arquitecto da I. C. E. S. A. Amanhã, efectuar-se-á a última sessão do Colóquio.

A PUBLICAÇÃO NO PRÓXIMO ANO DOS RESULTADOS DO INQUÉRITO ÀS RECEITAS E DESPESAS FAMILIARES — FOI HOJE ESTUDADA NO INSTITUTO DE ESTATÍSTICA

No salão nobre do Instituto Nacional de Estatística realizou-se, ao princípio da tarde, a 7.ª reunião do Conselho Nacional de Estatística, a que presidiu o sr. dr. Amaro Guerreiro, director daquele Instituto.

Entre outros assuntos, foram apreciadas as grandes operações censitárias a realizar em 1969 que são as seguintes: efectuar apuramentos mecanográficos e a publicação dos resultados do inquérito ás explorações agrícolas da Metrópole em 1968; promover um inquérito á distribuição e á prestação de serviços; continuar a preparação dos censos da habitação e da população já iniciada este ano, para o que se pensa realizar um inquérito-piloto e, eventualmente, estabelecer contactos com as províncias ultramarinas; publicar o resultado do inquérito ás receitas e despesas familiares presentemente em vias de apuramento.

VEROS — ADMINISTRAÇÃO E PLANIFICAÇÃO DE EMPRESAS COMERCIAIS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

CONVOCAÇÃO

Nos termos da lei é convocada a assembleia geral ordinária da sociedade VEROS — Administração e Planificação de Empresas Comerciais, S. A. R. L., para o dia 15 de Junho próximo, pelas 12 horas, na sede social, Avenida Almirante Reis, 174-6.º C, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Discussão e votação do relatório, balanço e contas do conselho de administração referentes a 1967;
2.º Nomeação de alguns corpos gerentes;
3.º Quaisquer outros assuntos que no decorrer da reunião se considerem necessários.

As acções devem ser depositadas no cofre da sociedade, nos termos do artigo 15.º do pacto social.

Lisboa, 30 de Maio de 1968.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
Jorge Carlos Chaves da Silva

A vaca anda à solta e faz tropelias

LAMAROSA, 6 — Da Quinta do Vale fugiu há dias uma vaca que «passeia» agora nos arredores de Charneca da Paralva. Fazendo tropelias sobre tropelias, derrubou ás marradas o sr. Constantino Gomes e sua sogra sra. D. Ana Lopes, de 86 anos, que ficou com um braço fracturado. O carteiro da região, sr. Augusto Lopes de Lima, também não lhe fugiu ás «carícias». Todas as vítimas foram tratadas numa casa de saúde de Tomar, recolhendo depois a suas casas.

os shampoos lavam... o tónico stilbépan alimenta

... Sim, é verdade que os melhores shampoos lavam perfeitamente. Essa é a sua função: os shampoos devem lavar. Contudo, o cabelo para ser forte e saudável precisa também de um alimento próprio, de um tónico, de um alimento complementar. Ora, Stilbépan é o único composto biológico que contém vitamina B pantoténica. Por isso Stilbépan age mais eficazmente sobre os processos responsáveis pela saúde e crescimento do cabelo. Assim como V. exige o melhor shampoo exija também o melhor tónico. Stilbépan responde a toda a sua exigência. A exigência de qualidade que caracteriza o homem autêntico. Você.

DAGRA PORTUGUESA, LDA
LISBOA

STILBÉPAN — mais do que uma loção... um tónico!

©IESA-NCK

DIÁRIO DO PORTO

Delegação:
Rua do Almada, 30, 2.º
T. 20954/5 ● Telex 2782

As celebrações do XI centenário da Presuria de Portugale

Vão começar, dentro de dias, a elevado níve. as comemorações do 11.º centenário da Presuria de Portugale (Porto) por Vímara Peres.

A propósito de tais celebrações, a Camara Municipal na sua reunião de 21 de Maio ultimo, aprovou, na sessão habitual, o parecer do presidente sobre a proposta apresentada pela Comissão Municipal de Toponimia para que á Avenida Saraiva de Carvalho (nas proximidades do monumento que está a ser erigido áquele chefe e soldado que tomou e restaurou a velha urbe ribirinha) fosse dado o nome de Avenida Vimara Peres.

Ao apresentar essa proposta, o presidente da referida comissão, informou de que o novo nome daquela avenida já viria no novo roteiro da cidade, que será publicado dentro de dias.

Na realidade assim aconteceu; falta agora que sejam colocadas as placas indicadoras, substituindo o nome antigo daquela avenida.

CALENDÁRIO DESPORTIVO

BILHAR — Campeonato regional de 3.ª categorias (quadro 47/2) — jogos, a partir das 21 e 15, no Leixões Bilharista, em Matosinhos.

Torneio do Boavista — 3.ª categorias — jogos, na sala do café Astória, na Praça da Liberdade, a partir das 21 e 15.

TÉNIS DE MESA — A. T. M. do Porto — taça «Fernando Barbot» — primeira série: Migas Hóquei Clube-Lea — segunda série: Canelas-F. C. Porto. Jogos, ás 21 e 30, nas salas dos primeiros.

DIVERSOS — Assembleia geral do Penafiel — ás 21 e 30, no Cine-Teatro S. Martinho, para eleição dos novos corpos directivos.

Na Associação de Andebol do Porto — ás 21 e 30, reunião de delegados, para elaboração do novo elenco directivo.

Encerra-se a Feira do Livro

Encerra-se hoje, ás 23 horas, a XXXVIII Feira do Livro, que, durante três semanas, foi visitada por inúmeras pessoas, registando-se número avultado de vendas.

A PRIMEIRA SESSÃO DO COLÓQUIO SOBRE PRÉ-FABRICAÇÃO

Na sede da Ordem dos Engenheiros houve ontem á noite a primeira sessão do anunciado Colóquio sobre Pré-Fabricação, iniciativa do conselho cultural da especialidade de Engenharia Civil da secção regional de Lisboa. A sessão foi presidida pelo bastonário da Ordem, o eng.º Mercier Marques, que estava ladeado pelos eng.ºs Teixeira Duarte, presidente do referido conselho cultural, e Brito Folques.

Declarado aberto o colóquio pelo bastonário da Ordem, o qual salientou o interesse da realização e a projecção da construção pré-fabricada na economia do País, seguiu-se a apresentação das comunicações: «Pré-fabricação e industrialização: sugestões para o seu desenvolvimento em Portugal», pelo eng.º Fradique Morujão; «A pré-fabricação e sua aplicação á construção escolar primária», pelo eng.º Macedo Gonçalves; e «Situação da pré-fabricação de pavimentos para edifícios em Portugal» e «O projectista perante a pré-fabricação de edifícios», ambas pelo eng.º Ruy José Gomes.

O colóquio prossegue hoje, á mesma hora e no mesmo local, com a apresetnação de mais duas comunicações.

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no café e cervejaria Sabino Faria, 18-A.

II «rallye» de automóveis antigos

Nos proximos dias 8 e 9 do corrente, realiza-se o II «rallye» de automóveis antigos as Caldas de Vizela, prova organizada pelo Clube Português de Automóveis Antigos com o patrocinio da Junta de Turismo das Caldas de Vizela.

As inscrições que terminaram ontem, foram superiores a sessenta e entre elas há a salientar grande numero de concorrentes femininos.

A partida será ás 15 e 30, do próximo sábado na Estrada da Circunvalação junto ao quartel de Infantaria 6 e os veículos partirão com o intervalo de 1 minuto, iniciando-se pela classe de veteranos.

Caixa de Previdência do Pessoal do S.T.C.P.

Na sede da Caixa de Previdência do Pessoal do S. T. C. P. tomaram posse os componentes dos corpos gerentes para o triénio 1968/70: *Conselho geral* — srs. dr. Arnaldo de Araújo Abreu Pinheiro Torres, presidente; Manuel Rocha Barbosa, eng Fernando Cayola, Manuel Ferreira Ribeiro e Manuel Eduardo Ribeiro da Silva, efectivos; e António Gustavo da Silva Lemann, Teófilo Correia Vilas-Boas, Serafim Pereira Rodrigues e Fernando Manuel Carvalho de Matos, suplentes. *Direcção* — srs. dr. Adérito Gomes de Almeida, presidente; dr. Frazão Nazaré, eng. Joaquim Torquato Barroca, Emílio Augusto Duarte e José Almeida Ribeiro, efectivos; eng.º Fernando Pinto de Oliveira, eng.º Paulino Celestino da Silva, Joaquim de Sousa Rodrigues e Ernesto Ferreira de Magalhães, suplentes.

Curso de Aperfeiçoamento em Psiquiatria

«Sindromos infantis do tipo psicótico» é o tema da conferência que o sr. prof. dr. Schneeberger Athayde faz hoje, ás 21 e 30, no anfiteatro norte da Faculdade de Medicina, incluida nas lições do I Curso de Aperfeiçoamento em Psiquiatria, que segundo o Plano de Fomento, a Clínica Psiquiátrica Universitária vem realizando.

Artes Plásticas

No Ateneu Comercial será inaugurada no sábado, ás 18 horas, uma exposição de trabalhos de pintura da artista Maria Brígida.

Espectáculos para hoje para esta noite

TEATROS

SA DA BANDEIRA — As 21 e 45: «A flor do cacto» (+ 7 anos)
ANTÓNIO PEDRO — As 21 e 45: «Vestir os nus» (17 anos)
FEIRA DO PORTO — As 20: Variedades (6 anos)

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 21 e 30: «Viver para viver» (17 anos).
RIVOLI — As 21 e 30: «Wil Penny» (17 anos).
COLISEU — As 21 e 30: «O direito de nascer» (17 anos)
ÁGUIA D'OURO — As 21 e 30: «O maior espião da história» (17 anos)
TRINDADE — As 21 e 30: «Quem brinca com o fogo queima-se» (17 anos)
BATALHA — As 21 e 30: «O último comboio para Katanga» (17 anos)
OLIMPIA — As 21 e 30: «Os Libertadores» (12 anos)
CARLOS ALBERTO — As 21: «Os caçadores de índios» e «Diga 33 1/2» (17 anos).
VALE FORMOSO — As 21 e 30 «Despedida de solteira» (17 anos)
JULIO DINIS — As 21 e 30: «Os dominadores» e «Mulheres e recrutas» (12 anos).
ESTÚDIO — As 21 e 30: «O Grande Meaulnes» (17 anos)
CINEMA DO TERÇO — As 21 e 30: «A fera amansada» (12 anos).
ODEON — As 21 e 30: «Ursus, o Gladiador» (12 anos)
CINE-GAIA — As 21 e 30: «Se tu não existisses!» (12 anos).

para amanhã à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 15 e 30: «Viver para viver» (17 anos)
RIVOLI — As 15 e 30: «Wil Penny» (17 anos)
COLISEU — As 15 e 30: «O direito de nascer» (17 anos)
TRINDADE — As 15 e 30: «Quem brinca com o fogo queima-se» (17 anos)
BATALHA — As 15 e 30: «O último comboio para Katanga» (17 anos).
OLIMPIA — As 15 e 30: «Os Libertadores» (12 anos).
ÁGUIA D'OURO — As 15 e 30: «O maior espião da História» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — As 15: «Cavalgada sangrenta» e «O filho do pistoleiro» (12 anos).

Farmácias de serviço esta noite (2.º turno)

ALBERTO FERREIRA, R do Estação, 01 (T. 5-1302) ✻ **ANTUNES**, R do Bonjardim, 485 (T 2-7936) ✻ **CAMPO ALEGRE**, R. do Campo Alegre, 123 (T 6-2245) ✻ **FÁTIMA**, R. Oliveira Monteiro, 475 (T 6-5406) ✻ **FERREIRA DA SILVA**, R. Mártires da Liberdade (T 2-4023) ✻ **MARQUES DE MENDONÇA**, R do Ameal, 25 (T 4-7116) ✻ **PEREIRO**, Rua do Precoso 35 (Tel. 68-1027) ✻ **S. JERÓNIMO**, R de Santos Pousada, 622 (T 5-4526) ✻ **S. LÁZARO**, Av Rod de Freitas, 497 (T. 2-7043) ✻ **SARABANDO**, Large dos Lóios, 36 (Tel 2-1701) ✻ **SAUDE**, Av dos Comb da G. G., 689 (T 4-05-76) ✻ **SOUSA SOARES**, R. de S Catarina, 4 (T. 2-21-45) ✻ **VITÓRIA**, R. de S. R do Loreiro, 156 (Tel 5-2225) ✻ **GONDARÉM**, R. de Gondarém, 860 — Foz

O TEMPO QUE FAZ

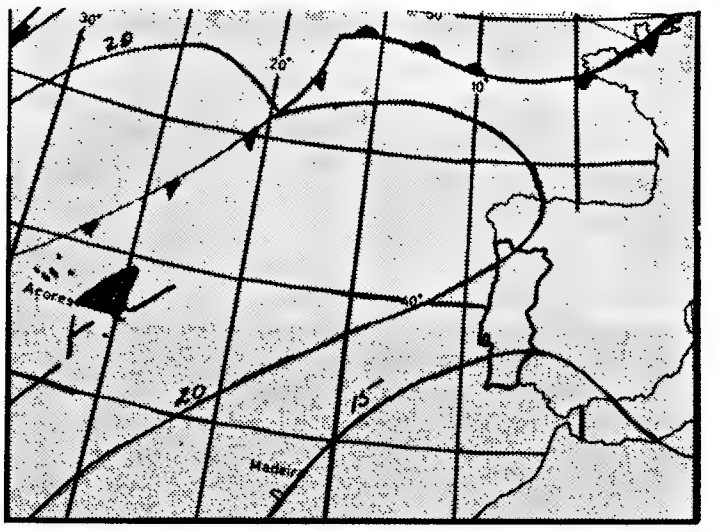
Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima, Régua, 34°,5; mínima: Viseu, 7°,5

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Coimbra, 4°; Faro, 26°; Lisboa, 18°; Penhas Douradas, 9°; Portalegre 21°; Porto, 16° e Funchal, 18°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 19°,5; na água do mar, 16°



Carta de prognostico para as 24 horas de hoje

EVOLUÇAO PROVAVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 7 — Céu geralmente limpo, vento fraco a moderado do quadrante Norte.

Previsão geral até às 24 horas de amanhã

CÉU GERALMENTE LIMPO; VENTO FRACO A MODERADO DE NOROESTE.

SOL Amanhã: Nascer às 6 e 12 Ocaso às 20 e 59

PREIA-MAR: Dia 6 — 12 e 27 (3,5 m). Dia 7 — 0 e 48 (3,7 m); 13 e 23 (3,7 m). Dia 8 — 1 e 43 (3,8 m); 14 e 16 (3,9 m). BAIXA-MAR: Dia 6 — 5 e 58 (1,3 m); 18 e 25 (1,3 m). Dia 7 — 6 e 57 (1,1 m); 19 e 20 (1,1 m) Dia 8 — 7 e 44 (1,0 m); 20 e 10 (1,0 m).

FASES DA LUA

Dia 10 Dia 17 Dia 25 Dia 3

VULCAIN
RELÓGIO SUIÇO DE PRESTÍGIO MUNDIAL

TRANSPORTES DE MILITARES EM COMBOIOS ESPECIAIS DE FIM-DE-SEMANA

Todos os militares que estejam munidos de bilhetes válidos para este comboio especial — os quais podem ser adquiridos na própria estação do Porto (São Bento) — podem utilizar a referida automotora sem acréscimo de preço.

Quando o tema é o frio, muito frio, gelado, ou mesmo congelado...

pali

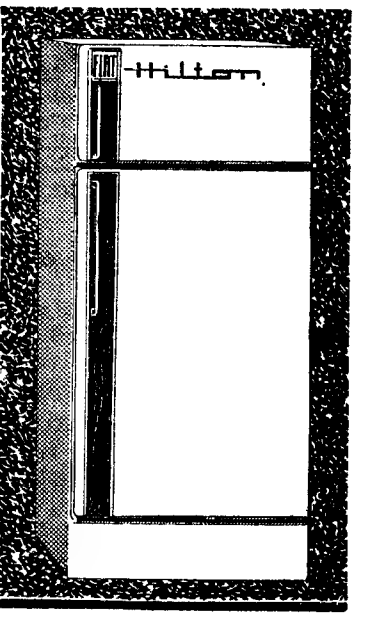
Fala-se de HILTON sempre que uma conversa incide sobre bons frigoríficos. Porquê?... Porque há sempre uma faceta que coloca um frigorífico HILTON em evidência. Ou pelas suas linhas modernas e funcionais, ou pela técnica da vanguarda ou ainda pelo seu poder de refrigeração. Mas, sobretudo, pela confiança que inspira a TRADICIONAL QUALIDADE

FIAT

FRIGORÍFICOS

Hilton

a marca que recordamos quando se fala em muito frio



AGENTES GERAIS EM PORTUGAL Frigel PORTO LISBOA | À VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Mil e quinhentas pessoas colaboraram (em Lisboa) no peditório da Cruz Vermelha

A Cruz Vermelha Portuguesa efectuou, hoje, um peditório em todo o território nacional. Na recolha de donativos em Lisboa, além das filiadas da benemérita instituição, participaram duas filhas do Chefe do Estado e esposas de membros do Governo e do corpo diplomático num total de quase um milhar e meio de pessoas, em que também se incluiam muitas outras figuras destacadas dos meios sociais lisboetas.

Na mesa do presidente da C. V. P., sr.ª D. Margarida de Morais, instalada em frente da estação do Rossio, colaboraram as embaixatrizes da Áustria, África do Sul, Equador e Itália e as srs. D. Maria Helena Spínola, Maria Antónia de Barros, Ana Maria Vaz de Carvalho e Maria de Lourdes Mineiro. Elvira Velez e Raul Solnado.

Frente ao Teatro Nacional, o peditório foi realizado, a partir do fim da manhã pela Companhia de Amélia Rey Colaço e na Praça da Figueira, auxiliando um grupo de esposas de oficiais de Marinha, soldados da Armada, cadetes da Academia Naval e algumas das estrelas do Futebol nacional — de manhã, o Sporting (Carvalho foi o mais madrugador) e, á tarde, o Benfica, com Eusébio á frente.

Noutros postos, situados na zona central da «baixa», viam-se as filhas do Chefe de Estado (escadinhas de Santa Justa) e as esposas dos ministros e altos funcionários do Estado (Rua do Carmo, Avenida Palace, Rossio, Chiado, etc.

O peditório da Cruz Vermelha prossegue, no próximo sábado, com recolha de donativos nas casas de espectáculo e na Ponte Salazar.

A actriz Elvira Velez colaborou no peditório nacional da Cruz Vermelha, trabalhando incansàvelmente, em frente à estação do Rossio

Banhistas ao sol nas novas e agradáveis instalações do Tamariz

A fisionomia do Estoril melhorada com as novas instalações balneares do Tamariz (Custaram-se nas obras catorze mil contos)

Com o início da época balnear, começou a funcionar o novo estabelecimento de banhos de mar do Tamariz — a cosmopolita praia do Estoril, por onde anualmente passam milhares de turistas nacionais e estrangeiros. As novas instalações, que ficam a dever-se ao já tradicional espírito de iniciativa da Estoril-Sol, valorizam extraordinàriamente a fisionomia da praia mais aristocrática da nossa Costa do Sol.

Integrado num vasto plano de valorização urbanística da zona marginal do Estoril, este importante complexo de exploração balnear será servido por dois acessos sob a via férrea, cuja construção, a cargo do Estado, deverá principiar muito em breve. Essas passagens proporcionarão a todos quantos utilizem a praia do Tamariz uma acessibilidade directa a partir da estação de caminho-de-ferro ou desde a arcada poente do Parque do Estoril á esplanada marginal, sem atravessamento da via férrea. Esses dois acessos, que constituirão verdadeiras ruas de circulação inferior para peões, são valorizados por um conjunto de estabelecimentos comerciais, interessando o turismo local e contribuindo, assim, para a qualificação do conjunto.

Três mil metros quadrados de área coberta

As instalações ocupam uma área coberta superior a 3000 metros quadrados e desenvolvem-se numa extensão de 187 metros, nos terrenos compreendidos entre a via férrea e a esplanada marginal, desde o actual restaurante do Tamariz até ao extremo oriental da praia. O conjunto compreende, nomeadamente, as seguintes instalações: balneários para homens e senhoras comportando, respectivamente, 43 e 22 cabinas com duche, apoiados por um amplo vestiário com capacidade para depósito normal de 2000 cabides de roupas e incluindo serviços de informação e recepção de banhistas, instalações sanitárias e outros serviços complementares indispensáveis em instalações desta natureza. Há, ainda, 20 cabinas individuais de aluguer, independentes dos balneários referidos.

Um amplo «snack-bar» coberto, com uma extensão de balcões superior a 50 metros, abrange uma área total coberta de cerca de 750 metros quadrados, incluindo nesta área as cozinhas, copas, instalações de pessoal e fábrica de gelados, etc. Há, ainda, um outro «snack-bar» que ocupa uma área coberta de cerca de 100 metros quadrados. Ambos estão servidos por extensas zonas de esplanada.

Uma inovação: solários privativos

O conjunto balnear completa-se com um posto de primeiros socorros, sanitários dispersos, amplas arrecadações de material de praia, estabelecimentos comerciais — uma sala de jogos mecânicos, uma tabacaria, uma «boutique», uma ourivesaria e um salão de cabeleireiro de senhoras.

Uma importante inovação em instalações desta natureza consiste na existência de um grupo de cabinas privadas — sete ao todo — dispondo cada uma de «loggia», solário com areia (sobranceiro ao mar) e instalações sanitárias privativas, com água quente e fria.

O novo estabelecimento de banhos desenvolve-se, de um modo geral, num único piso. No entanto, a respectiva cobertura, escalonada a níveis diferenciados e constituindo plataformas em terraço, proporciona extensas zonas de estar e de convívio gozando de excepcionais condições de utilização pela sua situação sobranceira à praia, condições essas asseguradas por um conjunto de acessos dispersos estabelecendo uma ligação íntima com todas as zonas situadas inferiormente.

Uma extensa cobertura, desde o actual restaurante do Tamariz e cobrindo parcialmente aqueles terraços, constitui um elemento de valorização arquitectónica do conjunto e proporciona vastas zonas cobertas ao nível daqueles terraços.

Para a implantação desta construção procedeu-se ao completo desaterro de todos os terrenos contíguos ao caminho-de-ferro até à esplanada marginal existente e à construção de um muro de suporte de via férrea numa extensão superior a 100 metros.

As obras custaram 14 mil contos

Para uma melhor distribuição dos serviços inerentes e para beneficiar quantos os utilizem, o extenso areal foi dividido em oito zonas, cada uma das quais é servida por um banheiro e o respectivo ajudante. Ao todo, podem montar-se na praia quinhentas barracas e mil toldos, sem que isso implique a ocupação de mais do que a quarta parte do areal. A segurança dos banhistas foi também providenciada, instalando-se um posto de vigia munido de sirene de alarme. Para qualquer eventualidade está sempre pronto a entrar em acção um moderno barco salva-vidas a motor, cujo arrais está sempre de prevenção.

Em matéria de barcos, há um outro barco a motor para prática de «ski» aquático e quase meia centena de barcos de recreio, desde o prático «barco-coco» à gaivota de fácil manejo.

O projecto do conjunto destas instalações — em que se emprega mais de uma centena dos mais diversos profissionais — é da autoria do arquitecto José Pinto dos Santos, tendo sido os respectivos cálculos de estabilidade elaborados pelo eng. Chorão de Carvalho. Na sua construção gastaram-se mais de 14 mil contos, o que ultrapassa em muito a verba de 2000 contos estipulada para cumprimento, por parte da Estoril-Sol, da obrigação de, apenas, remodelar, modernizar e ampliar as antigas instalações da praia do Tamariz.

O prof. Edgar Cardoso é o autor do projecto da ponte rodoviária da Avenida 5 de Outubro

É da autoria do prof. eng.º Edgar Cardoso, catedrático do Instituto Superior Técnico, o projecto da ponte rodoviária a construir na Avenida 5 de Outubro para melhor e mais rápido escoamento do transito automóvel naquela zona da capital, e cuja maqueta, como ontem noticiámos em primeira mão, foi já entregue ao general França Borges.

O referido projecto, que deverá estar integralmente executado até 1970, prevê, nomeadamente, a implantação a nível superior de uma via de acesso extra, uma faixa de rodagem central suportando dois veículos a par, e ainda duas faixas laterais, especialmente destinadas a transportes de carga.

O prof. eng.º Edgar Cardoso, técnico muito conhecido nos meios internacionais ligados á engenharia civil, é autor de dois projectos célebres: o da ponte da Arrábida, no Porto, e o da ponte sobre o rio Save, em Moçambique.

LIBRAS OURO
Começaram a sair as libras na PASTA COUTO VULGAR
1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª
JÁ ANUNCIADAS
6.ª) — SR. MANUEL J. CARLOS — S. MAMEDE
7.ª) — D.ª MARIA BONANÇA CARVALHO — FOZ
A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brancura natural dos dentes e libras, mas a Pasta Medicinal Couto, DÁ-LHE A SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES

JÓIAS
ANTIGAS E MODERNAS
Compro cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
RUA AUGUSTA, 253
Telef 324564

CHAVE D'OURO
O MELHOR CAFÉ...

Jóias antigas e modernas
Compramos por mais alto preço
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Ourivesaria da GUIA
UM NOME NA OURIVESARIA PORTUGUESA
FUNDADA EM 1919
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Cerca de setenta professores do ensino primário galardoados com a Ordem da Instrução Pública

Como de costume, as celebrações do Dia de Portugal, que decorre na segunda-feira, incluirão uma jornada de consagração ao professorado primário português e brasileiro. O Chefe de Estado presidirá á sessão, no ginásio do Liceu de Camões, durante a qual imporá aos professores galardoados as insígnias da Ordem da Instrução Pública.

São sessenta e nove os professores portugueses distinguidos — da metrópole e do ultramar — que se homenageiam agora, atendendo-se á sua antiguidade, á assiduidade, ao interesse pela escola, á promoção de actividades circum-escolares, á sua projecção no meio social em que vivem e á devoção com que se entregaram ao ensino.

Estará presente, como representante do professorado do Brasil, a sr.ª D. Ana Bernardes Silveira Rocha, que exerce o magistério em Brasília.

A cerimónia, no Liceu de Camões, está marcada para as 12 horas e a ela estarão presentes, além do sr. Almirante Américo Thomaz, os ministros da Educação Nacional e do Ultramar, o embaixador do Brasil, os directores-gerais do Ensino Primário e da Educação do Ministério do Ultramar e mais algumas individualidades convidadas.

Falarão os professores sr. Valério Lemos da Veiga (Porto), a professora brasileira sr.ª D. Ana Bernardes da Rocha; o director-geral do Ensino Primário, sr. dr. José Gomes Branco; o titular da pasta da Educação, sr. prof. dr. Galvão Teles; e o embaixador dr. Ouro Preto ou quem o representar.

Um festival da juventude no Estádio Nacional

Decorre amanhã no Estádio Nacional o ensaio geral das classes de ginástica participantes no Festival da Juventude, a manifestação desportiva tradicional no dia 10 de Junho, comemorando o «Dia de Portugal».

Organizado pela M. P. e M. P. F., que o dedicam á população de Lisboa, o festival começa ás 17 e 30 e obedecerá ao seguinte programa, sob a direcção geral do prof. Reis Pinto: cerimónia inaugural e evocação do XXX Aniversário da M. P. F. e desfile; ginástica infantil — classe musicada do ensino primário masculino, dirigida pelo prof. Helder Matos; ginástica educativa — classe musicada com alunos do 1.º ciclo, dirigida pelo prof. Sena Pinheiro; ginástica com aparelhos portáteis, musicada — classe feminina executando um esquema com cordas, dirigida pela professora D. Brígida Martins; exercícios de aplicação com aparelhos (cama elástica, minitrampolim, paralelas, tapete, mesa alemã) — classe dirigida pelo prof. Reis Pinto; ginástica com aparelhos portáteis — classe feminina na execução de um esquema com arcos, dirigida pela prof.ª D. Antónia Mariana; movimentos com bandeiras — classe de rapazes com acompanhamento musical, dirigida pelo prof. Reis Pinto; alegoria.

Os bilhetes para o festival são distribuídos no Comissariado Nacional e na Delegação de Lisboa da M. P., e nos estabelecimentos de ensino da capital. A entrada para as cabeceiras do Estádio dispensa a apresentação do bilhete de ingresso.

Foram organizados comboios especiais, desde a estação do Cais do Sodré, a partir das 16 horas. A passagem de ida e volta é gratuita para os portadores de bilhete de ingresso no Estádio Nacional, aos quais, para esse efeito, será entregue o respectivo bilhete na estação do Cais do Sodré.

Torre de Babel

João Medina

GOETHE FILISTEU

Eckermann andava pelos trinta anos quando conheceu Goethe, em Weimar, num dia de Junho de 1823. A grande oportunidade da vida daquele mediocre aprendiz de poeta está toda neste encontro com um homem mundialmente venerado. Com a cumplicidade distante do bardo alemão, Eckermann lança-se à obra: recolher fielmente todas as pepitas que Goethe for deixando cair ao longo de alguns anos de bate-papo. O olímpico sabe com efeito que o discípulo regista tudo num canhenho, o que dá a essas palestras um ar de ditado. Ventríloquo, Goethe fala à posteridade através desse boneco articulado que se chama Eckermann. Escriba atentíssimo, o basbaque não perde pitada do mais miúdo ronronar mental de Goethe. No fim de cada banquete, o secretário arrecada todas as migalhas num lenço, leva-as para casa e averba a colheita diária das sentenças do Mestre. Sentenças, di-las Goethe aos milhares. Frases lapidares caem da boca do poeta como cerejas: de gatas, o bom Eckermann recolhe os frutos, enche cestos de filosofia, política, ciência, estética e mitologia goethianas. A cornucópia da sapiência do autor do Fausto *não tem fim, lembra um riacho a manar duma vertente alpina. O antigo ministro das Finanças de Weimar sabe-se escutado e estenografado por aquele jovem, de modo que à aproximação deste último, ai o temos, já pelos setenta anos, a discorrer com a frescura, a volubilidade, o entusiasmo e o repentismo do adolescente que patuscava pelas tabernas de Strasbourg nos bons velhos tempos em que Helder e o poeta se encontraram na cidade alsaciana.*

Mas quem é o Goethe cujo retrato Eckermann piedosamente traça, banindo tudo o que possa embaciar a imagem do poeta? O comendador da Legião de Honra? O antigo membro dos «Stürmer», o jovem que há quase cinquenta anos requestava a doce Frédérique Brion? O autor do Goetz von Berlichingen *ou o super-classicista da* Italienische Reise? *O homem que assistiu a Valmy ou o ancião contemporâneo da Santa Aliança? Grave, divorciado dos ardores da mocidade, este Goethe desenhado por Eckermann pouco deve ao ardor dos anos vividos sob o signo do «Sturm un Drang». Falando do alto do pedestal da imortalidade antecipada, uma peruca filistina de rabicho a esconder o perfil jupiteriano, este Goethe não hesita em falar dum Byron como o faria qualquer notário alemão a banhos em Baden-Baden, nos tempos do chorado Frederico Guilherme. Ouçamo-lo censurar os impetos «românticos» do confrade inglês: «O facto de se declarar liberto da tradição, da pátria, não arruinou apenas a personalidade deste grande homem; o seu espírito rebelde e a agitação contínua dos seus sentimentos não permitiram que o seu talento chegasse a uma maturidade completa. Além disso, esse carácter perpétuo de oposição e de negação foi ainda uma das coisas mais perniciosas para as obras literárias dele, por mais belas que estas fossem. De facto, não só o mal estar do poeta se comunica ao autor, como também todo o acto de oposição equivale a uma negação. Ora a negação é o nada. Recolhidas estas coisas belas, graves e profundas, o bom Eckermann comenta: «Sinto-me reconfortado com estas palavras magníficas e pela sabedoria de semelhantes máximas.» Passava-se isto no dia 24 de Fevereiro de 1925, menos de um ano depois da morte de Byron em Missolonghi. E como decerto o venerável Goethe não ignorava, o «negador», o bardo britânico, o romântico Haroldo, essa vítima do «espírito rebelde» e da «agitação contínua», morrera a combater pela libertação da Grécia. Que pensar então da vulgaridade indecente daquele juízo de Goethe sobre Byron? A resposta pode ser procurada no próprio poeta alemão:* O das Alter! O das Alter! *(Ai a velhice, ai a velhice).*

Strasbourg, Junho de 1968.

O Vietcong mantém a pressão sobre Saigão

SAIGÃO, 6 — (R.) — Tropas governamentais e uma força de norte-vietnamianos e «vietoongs» estavam hoje empenhadas numa batalha logo ao norte de Saigão, mas o bairro chinês de Cholon, nesta capital, encontrava-se calmo pela primeira vez há mais de uma semana.

Um informador sul-vietnamiano disse não possuir mais detalhes da acção na província de Gia Dinh nem numeros referentes a baixas. A luta naquela zona tem continuado esporádicamente há cerca de uma quinzena, registando-se ocasionalmente grandes combates.

A comunicação do informador foi feita pouco depois de outra noite de ataques dos guerrilheiros com foguetões contra esta capital, cheia de cicatrizes da guerra.

Seis civis morreram durante os ataques, elevando para 21 o numero de civis mortos em consequência de barragens de foguetões desde 1 de Junho.

Parte da estrutura da ponte em forma de «Y», na estrada principal do sul para a capital, foi danificada por um foguetão, mas a própria ponte encontrava-se ainda aberta ao trânsito.

Cinco dos civis foram mortos por um foguetão que caiu no bairro de Cholon. O outro morreu no porto de Saigão.

Em bombardeamentos efectuados ontem contra o Vietnam do Norte — todos os ataques se registaram abaixo do paralelo 19 — pilotos americanos comunicaram ter destruído batelões de abastecimento, uma ponte, seis baterias da D.C.A. e 10 áreas militares de armazenamento.

PRIMEIRO-MINISTRO AUSTRALIANO NA CAPITAL

Precauções especiais de segurança entraram hoje em vigor na cidade, como preparativo para a chegada amanhã do primeiro-ministro australiano, John Gorton.

Fontes governamentais disseram que mais tropas sul-vietnamianas foram transferidas para a área á volta da base aérea de Tan Son Nhut, onde o avião do primeiro-ministro deve aterrar.

Polícias e «rangers» em Cholon receberam, também, instruções para expulsarem o máximo de «vietcongs» da área, antes da sua chegada.

NÃO SERÁ DESTILADO «WHISKY» EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 6 — (A. N. I.) — Três pedidos apresentados aos serviços de Economia de Moçambique para concessão de autorização para fabrico de «whisky» foram indeferidos pela Secretaria Provincial de Economia. A legislação vigente proibe o fabrico, em Moçambique, de bebidas fermentadas.

LÊ-SE POUCO EM LOURENÇO MARQUES

LOURENÇO MARQUES, 6 — (A. N. I.) — Existem actualmente nesta cidade 61 bibliotecas, mas os laurentinos lêem pouco — é a conclusão de um rápido inquérito realizado pelo matutino local «Notícias».

O jornal recolheu depoimentos que atribuem aos horários de funcionamento das bibliotecas (encerradas a partir das 17 horas), bem como ás condições em que estão instaladas, parte da responsabilidade pela falta de leitores. E salienta que, em contrapartida, é grande o número de crianças que frequentam a Biblioteca Nacional, mas apenas para lerem histórias aos quadradinhos.

LINHOS
BRANCOS E DE CÔR
CAMBRAIAS DE LINHO
HOLANDAS DE LINHO
LINHOS CRUS
PARA APLICAÇÃO
DE RENDAS
PARA BORDAR
A PONTO DE CRUZ
LINHOS PARA FATOS
ESTOPAS DE LINHO
TOALHAS DE LINHO
GUARDANAPOS DE LINHO
TOALHETES DE LINHO
LENÇOS DE LINHO
LINHO PARA ESTOFOS
O MAIOR SORTIDO DE LISBOA
CASA DOS PANOS
R. DE S. JULIÃO-ESQUINA DA R. DOS FANQUEIROS

CHOCOLATES TÁGIDES
BARREIRO • LISBOA • QUELUZ

JOALHARIA MERGULHÃO
Fornecedora do Corpo Diplomático
— Fundada em 1895
A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTÍSTICAS
162, Rua de S. Paulo, 162-B
Telefone 30013 — L I S B O A

No CARREGADO o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na CASA VIOLANTE.

motor
O JORNAL DOS AUTOMOBILISTAS PORTUGUESES
É posto à venda na 6.ª-feira mais um número excepcional de 48 páginas contando-se um Suplemento dedicado às linhas de montagem em Portugal
RESERVE HOJE MESMO O SEU EXEMPLAR
Preço 2$50

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

O corpo de Kennedy será sepultado no cemitério de Arlington

(Continuação da 1.ª página)

As balas prostraram-no por terra quando Bob festejava a vitória alcançada nas «primárias» da Califórnia.

O senador faleceu à 1 e 44, hora local, da manhã (8 e 44 T. M. G.) (9 e 44 de Lisboa).

Um grupo de cirurgiões efectuara ontem uma operação que durou três horas, para lhe extrair uma bala do cérebro, o que conseguiram com excepção de um pequeno fragmento.

Havia sintomas que indicavam que mesmo que não morresse as suas faculdades mentais ficariam gravemente prejudicadas.

O CORPO SEGUE AINDA HOJE PARA WASHINGTON

No momento da morte encontravam-se junto de Kennedy sua mulher Ethel, as irmãs, sras. de Peter Lawford e Stephen Smith, cunhado e uma irmã, Jacquelinne Kennedy, mulher de seu irmão John Kennedy, também assassinado.

Frank Mankiewics, secretário do senador para a Imprensa, entrou na sala dos jornalistas, instalada na sala de jantar das enfermeiras do Hospital do Bom Samaritano, em passos lentos e com uma expressão sombria.

Ficou alguns momentos imóvel, de cabeça caída sobre o peito, perante as câmaras da televisão e as máquinas fotográficas dos repórteres e, após um minuto de silêncio, disse: «Tenho uma declaração a fazer neste momento».

Informou, então, que o senador Robert Kennedy acabava de falecer.

Parcialmente paralisado, e em profundo coma, o senador Kennedy faleceu cerca de 22 horas, depois de ser submetido a uma operação ao cérebro, ou seja dentro do período crítico de 36 horas que os médicos tinham mencionado.

Durante a noite e á medida que o senador caminhava para a morte, o tom dos boletins médicos era cada vez mais sombrio.

O corpo do senador será levado de Los Angeles para Washington, via Nova York, ainda esta manhã.

IMPOSSÍVEL RETIRAR UMA DAS BALAS DO CORPO

Kennedy lutou contra a morte durante um dia inteiro, desde que á meia-noite e 17 minutos de ontem (07 e 17 T. M. G.) tombou vitimado pelas balas do assassino, no momento em que recebia as felicitações dos partidários por ter derrotado, nas eleições primárias da Califórnia, o seu rival, senador Eugene McCarthy.

Morreu com uma bala alojada no pescoço, a qual os cirurgiões não conseguiram retirar.

O último boletim médico, publicado á meia noite T.M.G. de ontem, fazia já prever o pior.

Anunciava o boletim que a vida do senador se «encontrava em perigo» e, pela primeira vez, os médicos admitiam pùpublicado á meia-noite T.M.G. que encaravam a sobrevivência do senador.

BALA FATAL: A QUE ENTROU NO CÉREBRO

Mankiewicz disse que o senador tinha recebido os ultimos sacramentos (católicos) pouco depois do atentado e á hora da morte encontrava-se á sua cabeceira um padre católico.

Não revelou se os três filhos mais velhos estavam junto ao pai por ocasião da morte, mas confirmou que se encontravam no hospital. Mankiewicz acrescentou que a bala fatal foi a que entrou no cérebro pela orelha direita. Kennedy nunca mais voltou a si.

Quando lhe perguntaram como Ethel Kennedy, que espera o 11.º filho, enfrentou a morte do marido, Mankiewicz disse em voz desfalecida: «Bem, nada posso dizer. Sem uma palavra no momento da morte!»

A família acompanhará provàvelmente o corpo do senador até Washington.

Não há ainda quaisquer preparativos para o funeral que devem, no entanto, ser anunciados em breve.

Quando perguntaram a Mankiewicz se o senador tinha piorado durante a noite, este replicou: «Não foi uma questão de piorar, mas sim de não melhorar. Esperávamos uma reacção pós-operatória, mas esta não surgiu».

✻

LOS ANGELES, 6 — (R.) — O senador Robert Kennedy será enterrado no cemitério Nacional de Arlington, onde se encontra, igualmente, sepultado seu irmão, o falecido presidente Kennedy, assassinado em 1963 — anunciou, hoje, Pierre Sallinger, secretário de Imprensa do senador.

De Abraham Lincoln a Robert Kennedy

WASHINGTON, 6 — (A. N. I.) — Uma vez mais os Estados Unidos e a família Kennedy entraram na história dos assassínios políticos. A ultima vítima foi Robert Kennedy, cujo irmão, John Kennedy, foi um dos quatro presidentes dos Estados Unidos até hoje assassinados.

«O horror disto é que o assassinio politico neste país está a tornar-se comum» — afirmou o senador Ralph Yarborough, do Texas, que fazia parte da comitiva do presidente John Kennedy quando este foi morto em Dallas, em Novembro de 1963.

Nesta ultima década registaram-se, também, assassínios políticos na África, América Latina e Ásia. Há dois meses, apenas, foi assassinado Luther King, «leader» dos direitos cívicos.

Além do presidente Kennedy, os presidentes norte-americanos assassinados foram: Abraham Lincoln, morto a tiro em 14 de Abril de 1865, no Teatro Ford, em Washington, por um actor que o acusava da derrota do Sul; James Garfield, morto, também a tiro, em Washington, a 2 de Julho de 1881, por um desequilibrado mental, que se queria vingar de não ter conseguido um cargo federal; e William McKinley, morto a tiro a 6 de Setembro de 1901, na Exposição Pan-Americana de Búfalo, no Estado de Nova York, por um anarquista.

Em 1912 o antigo presidente Theodore Roosevelt foi gravemente ferido a tiro por um doente mental, em Milwaulkee. Em 1933, na véspera de tomar posse, o presidente Franklin Roosevelt foi alvo de um atentado, no qual morreu o «mayor» de Chicago. Em 1950 nacionalistas porto-riquenhos tentaram abrir caminho a tiro para «Blair House» e atacar o presidente Harry Truman, que se encontrava na sua residência junto da Casa Branca.

Em África foram assassinados os seguintes políticos: em 1966 o primeiro-ministro sul-africano Hendrik Verwoerd, apunhalado no Parlamento por um imigrante grego, em 1963 o presidente Sylvanus Olympio, do Togo; dois anos antes o antigo primeiro-ministro congolês Patrice Lumunba; também em 1966 o primeiro-ministro «sir» Abubakar Tafawa Balewa, da Nigéria; e o primeiro-ministro Pierre Ngendandumwe, do Burundi, em 1965.

JOHNSON PEDE AO PAÍS QUE RENUNCIE À VIOLÊNCIA

WASHINGTON, 6. — (F. P.). — O presidente Johnson lançou ontem, á noite, um vibrante e dramático apelo a todo o país para que renuncie á violência. Condenou nos termos mais vigorosos a agressão contra o senador Robert Kennedy e anunciou a criação de uma comissão que vai «começar imediatamente um exame das causas desta tragédia», assim como de todos os actos de violência que se levantam no país depois do assassinio do presidente John Kennedy, há quatro anos e meio.

Essa comissão é presidida por Milton Eisenhower, irmão do antigo presidente dos Estados Unidos e que foi também antigo presidente da Universidade Johns Hopkins, de Baltimore. Dela fazem parte também o arcebispo de Nova York, mons. Terence Cooke, o senador Roman Hruska, republicano do Nebraska, o representante Hale Broogs, democrata da Luisiana e a antiga embaixatriz dos Estados Unidos no Luxemburgo, Patricia Harris.

A VIOLÊNCIA ABATE OS MELHORES DE ENTRE NÓS

«Peço a Deus para restabelecer completamente a saude do senador Kennedy», prosseguiu Johnson que confessou «ignorar as razões do crime que interrompeu brutalmente a carreira política deste brilhante jovem «leader».

«Espero que possamos encontrar a maneira de parar a violência, prosseguiu Johnson, e rezo para que o consigamos».

A comissão presidida por Milton Eisenhower terá por objectivo — fez saber categóricamente Johnson — investigar as causas da violência física, sejam elas motivadas por razões pessoais, loucura ou questões políticas e impedir que se renovem tais aberrações.

O atentado cometido contra o senador Kennedy, assim como o assassínio do pastor Luther King, mostra que «a violência pode abater os melhores de entre nós», prosseguiu Johnson. «Nós não podemos tolerar o domínio de homens violentos entre nós», disse. «Nós não podemos tolerar o apelo á violência, seja qual for a sua causa», acrescentou Johnson, sublinhando depois que um grande país só pode garantir a liberdade dos seus cidadãos «no respeito pela lei».

«Vasta conspiração» contra Bob Kennedy — afirma Garrison

DALLAS, 6 — (F. P.) — Jim Garrison teria declarado ontem que, na sua opinião, o senador Robert Kennedy fora vítima de uma «vasta conspiração», a mesma pela qual o procurador de Nova Orleãs acusou Clay Shaw, homem de negócios de Luisiana, que responderá brevemente em tribunal, por ter tomado parte numa conspiração contra o presidente John Kennedy.

Esta opinião foi tornada publica por Yenry Wade, procurador do distrito de Dallas, que é, no entanto, incapaz de tomar posição a esse respeito.

A NOSSA VIOLÊNCIA VEM DO PASSADO — DIZ SCHLESINGER

WASHINGTON, 6 — (F. P.) — «Os americanos são o povo mais medonho do planeta» — declarou ontem á noite Arthur Schlesinger, conselheiro do antigo presidente Kennedy e, depois, do seu irmão Robert, numa alocução que pronunciou na altura de uma entrega de diplomas de doutorados a 38 estudantes da City College, em Nova York.

Comovido quase até ás lágrimas, Schlesinger acrescentou: «De há três anos para cá, matamos pessoas do outro lado do Mundo. Já assassinámos dois cidadãos que personificavam o idealismo americano no estrangeiro e ontem tentámos assassinar um terceiro. Estes actos de violência não são acidentes. Têm a sua origem no nosso passado nacional».

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

«Scorpion» — Oficialmente considerado como perdido

WASHINGTON, 6 — (F. P. e A. N. I.) — O submarino atómico americano «Scorpion», desaparecido em 21 de Maio no Atlantico, foi oficialmente considerado como perdido — declarou o almirante Thomas Moorer, chefe das operações navais.

O «Scorpion» tinha 99 homens a bordo.

As pesquisas, no entanto, prosseguirão.

MÚSICA FÚNEBRE NA B. B. C.

Quando, em Los Angeles, Bob Kennedy expirou, a B. B. C. transmitia, em Londres, música «pop».

Sabida a trágica notícia, a estação emissora londrina alterou, imediatamente, o programa.

Da música «pop» passou a música fúnebre.

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

SINTO-ME CHOCADO COM A ACÇÃO DO MEU FILHO

—DECLAROU O PAI DO AGRESSOR

JERUSALÉM, 6 — (R.) — O pai do pistoleiro acusado de ter sido o assassino do senador Robert Kennedy disse hoje aos jornalistas: «Sinto-me chocado pela acção praticada pelo meu filho».

Descoberto numa pequena aldeia árabe chamada Taiyiba, perto de Jerusalém, Beshara Salame Sirhan, de 52 anos, disse que só teve conhecemento do terrível acontecimento quando ouviu a Rádio de Aman.

Acrescentou não poder sequer acreditar que seu filho, «que era tão inteligente», tivesse descido a tal ponto.

Beshara Sirhan disse ter sentido profunda dor pelo atentado de que foi vítima o senador Kennedy e afirmou que fora um admirador do falecido presidente Kennedy.

Com a cabeça coberta por um dos característicos turbantes árabes — o «kefyia» — e envergando um fato preto, o pai do assassino de Kennedy disse ter emigrado para os Estados Unidos com a família, em 1957, devido ás dificuldades económicas em que vivia.

No entanto, não conseguiu aclimatar-se ali e regressou ao seu lar na aldeia de Taiyiba, cerca de 18 quilómetros a nordeste de Jerusalém.

Informadores da Polícia declararam que a família Sirhan esteve três anos nos Estados Unidos.

Um pai entre dois filhos [illegible] Joseph Kennedy, presentemente sem fala, é um homem que, certamente, se interroga na confusão da América contemporanea

BOB A UM JORNAL CHECO:

«O PROBLEMA DOS NEGROS É O MAIOR DILEMA DA AMÉRICA»

PRAGA, 6 — (F. P.) — O jornal «Rude Pravo», de Praga, publica, no seu número de ontem, uma entrevista concedida recentemente pelo senador Robert Kennedy ao seu correspondente em Washington, e que foi recebida na capital checoslovaca pouco antes do atentado de Los Angeles.

Referindo-se á questão racial nos Estados Unidos, Kennedy declarou: «O problema dos direitos cívicos constitui o mais sério dilema da nação americana. Devemos reabrir e alargar as possibilidades de comunicação entre a América branca e negra.»

Em relação ás conversações americano-vietnamianas de Paris, o senador indicou que «não se poderá pôr termo á guerra sem a abertura de negociações directas com a F. N. L. sul-vietnamiana, principal adversário dos Estados Unidos». «Pronuncio-me», acrescentou, «a favor da inclusão urgente de tais negociações com a F. N. L. nas conversações de Paris.»

Interrogado, por fim, acerca do que faria, caso fosse eleito presidente, no campo das relações entre os Estados Unidos e os países de Leste, Kennedy declarou: «O principal objectivo da política americana na Europa Oriental é encorajar, por esforços pacíficos, o impulso de independência das nações dessa região. Sou favorável ao intercâmbio cultural e económico entre os Estados Unidos e os países da Europa de Leste».

QUEM SE SEGUE?

O atentado de que foi vítima o senador Robert Kennedy, agora candidato à magistratura suprema dos Estados Unidos da América, é mais um golpe profundo na chamada grande civilização, e num país que constitui, teòricamente, a sede da liberdade. Onde a violência e o ódio campeiam, onde a luta contra a discriminação racial ainda não conseguiu vencer os adeptos de uma política feroz e a «ku-klux-klan» continua a ser uma força impante e poderosa, os homens que combatem esse mesmo ódio e violência são as suas primeiras vítimas. Entre os mais conhecidos bastará citar, uma vez mais, o presidente Kennedy, Martin Luther King e Malcom. Agora, e certamente pelas mesmas razões, foi Bob, o irmão do malogrado presidente, cuja presença na Casa Branca parecia mais certa do que nunca, após a sua vitória nas primárias da Califórnia. E é caso para perguntar: quem se segue?

Entretanto, quatro anos após o assassínio de John Kennedy e dois meses após o assassínio de Luther King, continua sem se saber quem são os responsáveis pelas suas dramáticas mortes. A organização é perfeita e há certamente pessoas de grande relevo, e ocupando posições da maior importância no xadrez económico e político, interessadíssimas em arranjar um Lee Oswald qualquer que sirva de capa ao verdadeiro fundo do problema. Por isto (e por outras razões) é que imediatamente a seguir a cada um destes atentados há uma autêntica caça ao homem — a um homem que se pretende pôr em foco para passar para a sombra tudo o que está por trás dele..

É que, mesmo quando se encontre o indivíduo que carregou no gatilho — e mesmo esse parece que não se tem encontrado — ele é apenas uma parte ínfima da engrenagem. E o que verdadeiramente importa é a organização que actua nos bastidores, é a própria estrutura, é uma certa realidade americana contemporânea da guerra e escalada no Vietnam, da segregação racial, da terrível desigualdade económica — em tempo, por outro lado, da coexistência pacífica e da conquista do espaço... Quem matou John Kennedy?, quem matou Luther King?, quem matou agora Robert? O mal é que na América ainda deve haver muita gente que conscientemente, e com tranquilidade, não pode dizer: eu não fui ..

Um intervalo trágico

por MANUEL DE AZEVEDO

Os Estados Unidos vivem hoje um intervalo trágico no ritmo da sua existência, um desses intervalos que nos últimos anos se têm tornado demasiado frequentes e inquietantes.

Vinte e cinco horas depois de ter sido alvo de um atentado, Robert Kennedy morreu esta manhã. Apesar de jovem, apesar de ser um candidato cada vez mais possível á presidência, apesar de ser irmão de John Kennedy — o jovem presidente assassinado em Dallas —, Bob foi abatido a tiro, como um criminoso em fuga. E talvez tenha sido morto por isso mesmo: por ser jovem, por ser um candidato cada vez mais possível, por ser irmão de John Kennedy.

Chegados há pouco dos Estados Unidos, após uma breve visita áquele país, o novo crime político, que impressionou o mundo, chocou-nos profundamente. E, tanto quanto nos foi possível observar, estamos certos de que o crime de Los Angeles, tal como os anteriores, perturbará e emocionará fortemente os americanos.

— Que país! — ouvimos a cada passo, a propósito desta trágica série de atentados de que têm sido vítimas algumas destacadas figuras americanas. Nós, contudo, pensamos bem do povo americano. Um povo que está a nascer do cadinho gigantesco de uma imigração permanente, um povo activo, em busca de um equilíbrio, um povo sem passado, que está a tentar viver o presente e a construir o futuro.

Um povo, por isso, sem preconceitos contra o moderno e para quem o progresso é natural e indispensável. Um povo de indivíduos orgulhosos da sua capacidade económica, ambiciosos a nível individual, mas simultâneamente generosos.

Numa sociedade de concorrência extrema, o americano é sedento dos seus direitos, da sua liberdade e da sua grandeza. A força da opinião pública é uma realidade que, pelo menos em muitos aspectos, funciona.

Mas as estruturas, baseadas mais em forças económicas do que políticas, constituem engrenagens poderosas de difícil comando, ou que, em muitos casos, são o próprio Poder.

E assim pode suceder que a opinião pública — sem organizações representativas suficientemente fortes — entregue os destinos das cidades, dos Estados e do país, a simples indivíduos em quem confie.

Os indivíduos, mesmo nos melhores casos, são frágeis e vulneráveis. A morte de Roosevelt pode ter sido uma grave perda, como o assassínio dos Kennedy ou de King uma tragédia irreparável.

A eliminação de Robert Kennedy — numa altura em que a sua popularidade crescia — é bem capaz de ter sido um método eficaz para anular o resultado do exercício da opinião pública, pelo qual o americano tem um respeito profundo e sério, embora um tanto ingénuo.

— Na América — disse-nos um delegado democrático á Convenção de Agosto, por Massachusetts — não há cargos. Há oportunidades. Cada pessoa poderá «fazer o cargo» para que foi escolhido. Não há «gente nova», nem «demasiadamente nova» para determinada função. O povo americano deu uma oportunidade a John Kennedy, que era um jovem, e poderá vir a dar outra oportunidade a Bob, a McKarthy ou a outro em quem confie.

O povo americano age por simpatia e confia. Meia-dúzia de tiros, disparados por profissionais do crime, podem, entretanto, anular essa forma simples e um tanto ingénua de intervir na condução dos negócios públicos.

Mas a experiência acumulada — no americano como em qualquer outro povo — terá por força de dar seus frutos.

HORAS ANTES DO ATENTADO SALVOU UM FILHO DE MORRER AFOGADO

LOS ANGELES, 6 — (R.) — Um jornalista amigo da família Kennedy conta que, horas antes de ser vítima do atentado, Robert Kennedy tinha salvo a vida do seu filho David, de 12 anos, que esteve em risco de morrer afogado.

Roger Mudd, jornalista da C. B. S., encontrava-se a descansar na praia de Malibu, juntamente com o senador Kennedy, quando ocorreu o acidente.

Quando nadava, o jovem David tinha sido levado pela corrente, e lutava, em vão, para atingir a praia, quando começou a ir para o fundo, a grande distância.

Bom nadador, Robert Kennedy lançou-se á água e trouxe o filho para a praia. Nessa mesma noite, David acompanhou o pai para assistir ao discurso da vitória eleitoral.

Alegremente, Bob Kennedy apresentou David como um ajudante. Minutos depois era abatido a tiro.

O Cardeal Cushing visitou Joseph Kennedy

HYANNIS PORT (Massachusetts), 6 — (F. P.) — «Com esta família, tenho partilhado de mais desgostos do que alegrias. Nunca conheci outra família igual»—disse, ontem, o cardeal Cushing, arcebispo de Boston, aos jornalistas que se juntaram nas imediações da propriedade dos Kennedy. Velho amigo da família, tinha visitado Joseph Kennedy, chefe do clã, que há seis anos e meio perdeu o uso da palavra, em consequência de um ataque. O ancião soluçava em silêncio.

Quanto à mãe de Robert Kennedy, disse o cardeal Cushing que é a mulher mais corajosa que tem conhecido. Ficara em Hyannis Port, ao lado do marido, aguardando os telefonemas do filho Edward, o senador pelo Massachusetts, ou da filha Jean Smith.

CAMPEÃ MUNDIAL

... ha muitos anos!

HERMES Baby

A máquina de escrever portátil que continua á frente de todas as outras marcas da concorrência!

Um produto suisso construido com a precisão dum cronómetro

A MAIS ROBUSTA DE TODAS AS PORTÁTEIS

DISTRIBUIDORES:

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR. S.A.R.L.

Rua da Prata 68, Telef. 361545-LISBOA-2

Rua de Santo António 208-Telef. 25582-PORTO

PRÉDIOS - RENDIMENTO E DEMOLIÇÃO

LEILÃO JUDICIAL

DIA 11, ÀS 10, 11 E 12 HORAS

Por determinação do Meritíssimo Corregedor da 5.ª Vara Cível de Lisboa, serão postos em praça nos próprios locais os seguintes prédios:

ÀS 10 HORAS — RUA LATINO COELHO, 85

Composto de cave, loja, r/c., 1.º, 2.º, 3.º e 4.º andares, com o rendimento anual de 44 460$00 e com projecto entrado na Câmara Municipal de Lisboa com o n.º 46 318/67 para a construção de um novo imóvel para 12 inquilinos incluindo 2 lojas.

ÀS 11 HORAS — AV. JÚLIO DINIS, 25-27

Constituído por moradia contruída em terreno com uma frente de cerca de 13,90 m por 25 m de fundo, com projecto entrado na Câmara Municipal de Lisboa com o n.º 39 672/66, para a construção de um imóvel com cave, loja e 6 andares, e

ÀS 12 HORAS — NA PRAÇA DO CHILE, 8, 8-A E 8-B

Composto de loja, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º andares, com rendimento anual de 47 760$00.

A LEILOEIRA, LDA.

Av. 5 de Outubro, 23-1.º — Lisboa — Telfs. 4 59 34 - 4 62 59

EUROPABUS 1968

A C. P. acaba de publicar um folheto alusivo aos serviços que a rede EUROPABUS pode proporcionar aos turistas na presente temporada onde consta, além de uma descrição pormenorizada das excursões e circuitos portugueses, a relação de todas as linhas, circuitos e excursões dos outros países abrangidos.

Peça folheto e esclarecimentos nas Secções de Informações de Lisboa, Porto e Coimbra, nos Despachos Centrais e nas Agências de Viagens.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 20 000 000$00
Séde Social: Calçada do Duque, 20 LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DOS SRS. ACCIONISTAS

Nos termos do artigo 43.º dos Estatutos desta Companhia aprovados pelo Decreto de 11 de Agosto de 1966, publicado no «Diário do Governo» n.º 186 — III série, da mesma data, é convocada a Assembleia Geral Extraordinária dos Srs. Accionistas que se encontrem nas condições previstas no artigo 35.º dos mesmos Estatutos, para se reunir em Lisboa, na Estação do Rossio, 1.º andar, no dia 28 do corrente, pelas 15 horas.

ORDEM DO DIA

Deliberar sobre a emissão de obrigações destinadas a financiar a transformação e o reapetrechamento da Rede Ferroviária Nacional, no ambito do III Plano de Fomento.

Para os Srs. Accionistas poderem tomar parte nesta Assembleia Geral, devem as acções nominativas ter sido averbadas e as acções ao portador ter sido depositadas até ao dia 17 do mês corrente, nos seguintes lugares:

Em Lisboa: na Sede da Companhia e no Banco Fonsecas & Burnay;

No Porto: na filial do Banco Lisboa & Açores ou na filial do Banco Fonsecas & Burnay.

As cartas de admissão á Assembleia Geral serão passadas pelo Conselho de Administração da Companhia, em vista das acções averbadas ou dos recibos dos depósitos das acções ao portador.

A Assembleia Geral constitui-se e poderá vàlidamente deliberar nos termos dos artigos 34.º a 48.º dos Estatutos.

Lisboa, 1 de Junho de 1968.

O presidente da mesa da assembleia geral

Afonso Rodrigues Queiró

TRANSPORTE DE MILITARES

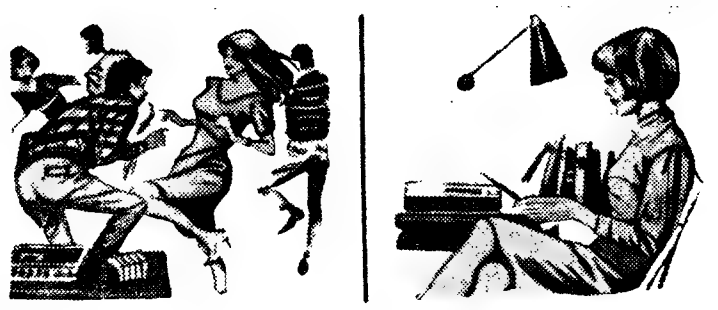
NOVOS PREÇOS ESPECIAIS DE E PARA A FIGUEIRA DA FOZ, TOMAR, ABRANTES E SANTA MARGARIDA

A C. P. informa haverem sido estabelecidos preços especiais para viagens de militares em 2.ª classe, de ida e de ida e volta, com início ou término em Figueira da Foz, Tomar, Abrantes e Santa Margarida relativamente a percursos **que abranjam pelo menos uma zona da linha do Norte,** tendo os respectivos bilhetes validade tanto para os comboios regulares como para os comboios especiais de fim-de-semana oportunamente criados para o transporte dos militares dos três ramos das Forças Armadas.

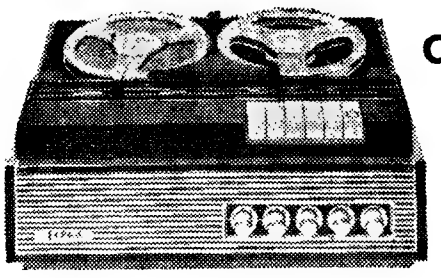
Alguns exemplos de preços:

De Lisboa a Figueira da Foz	40$00
De Lisboa a Abrantes ou Tomar	25$00
De Lisboa a Santa Margarida	20$00
De Figueira da Foz a Porto ...	30$00
De Figueira da Foz a Braga, Marco ou Guimarães	40$00

Pelos bilhetes de ida e volta cobrar-se-á o dobro dos preços antes indicados, sendo de 10 dias a respectiva validade.



mude de bobine ... mude de ambiente



com: gravadores SIERA

Mude a bobine e terá um ambiente festivo, alegre, palpitante com os novos ritmos, novos êxitos, com as vedetas que mais aprecia.
Mude a bobine que gravou com as últimas novidades e lhe tem proporcionado horas de alegre convívio e aproveite o seu precioso auxiliar de estudo, o gravador SIERA: lições em língua estrangeira, apontamentos, etc.

SIERA o seu agrádavel e útil companheiro de todas as horas

Com SIERA estudo e prazer numa só tecla

FRIGORIFICOS

* * * * * * * * * * * * * * * * * *

OS MAIS BARATOS APARECERAM...

NÃO ACREDITA?

ENTÃO VEJA-OS NOS ESTABELECIMENTOS

ALVARO TORRÃO electrodomésticos

Av. Antonio A. Aguiar, 58-B telf. 560834

R. dos Anjos, 71-B (ao L. St. Barbara) telf. 561997

140 L — 2.460$
170 L — 3.730$
200 L — 4.190$
270 L — 5.580$

* * * * * * * * * * * * * * * * * *

FÉRIAS no ALGARVE

na bonita praia de Faro ESTALAGEM AEROMAR confortável e melhor local da ILHA.

Telef. 23542

Ou reserve por Lisboa Tele. 760163

J. PIMENTA, LDA.

ANDARES DE 2 A 10 DIVISÕES ASSOALHADAS

TEM 150 CONTOS?...

Aplique as suas economias na nossa, que é a vossa organização e obterá rendimentos de 8 % na compra de apartamentos mobilados.

ESCRITÓRIOS

EM LISBOA — Rua do Conde de Redondo, 53, 4.º-Esq. — Tel. 4 58 43 e 4 78 43
EM QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Tel. 95 20 21/22
EM REBOLEIRA — AMADORA — SERVIÇO PERMANENTE — Telefone 93 36 70

DIÁRIO DE EVA

A CARTA DA SEMANA

Carta aberta a uma estudante universitária, 18 anos, e que se diz culta e viajada.

Cara amiga:

Acho muito louvável que você manifeste o desejo de vir a ser uma boa dona de casa óptima esposa e mãe, o que só prova que, por enquanto, você está cheia de boas intenções e não considera, como muitas mulheres, os trabalhos domésticos uma verdadeira estopada.

Mas, permita-me que lhe faça uma recomendação. Não se esqueça de constituir, logo no principio de casada, **um «pé de meia» que será uma espécie de reforma ou seguro de velhice. Pode muito bem acontecer que você venha a precisar dele e, se precisar, a verdade é que ninguém lhe acudirá.**

Senão vejamos:

Você casa-se.

Poderá ter sim, dois, três ou mais filhos, ou não ter nenhum.

Mas admitamos que tem.

A menos que morram ambos ao mesmo tempo, um de vocês, você ou o seu marido, ficará viúvo.

Poderá ser o seu marido. Neste caso o problema será dele e, portanto, não me ocuparei dessa hipótese, visto estamos a tratar neste momento, de problemas exclusivamente femininos.

a) **Você fica viúva bastante nova e com filhos ainda pequenos. Não será esta a pior hipótese, embora o pareça á primeira vista. Uma viúva jovem e ainda atraente, para mais com filhos pequenos, por um motivo ou por outro comove qualquer coração, mesmo empedernido, e não lhe será difícil encontrar um emprego razoável com que possa ir sustentando os filhos.**

Claro que poderá contar com a ajuda (material e moral) da família, dos primos, dos cunhados, enfim, dos sogros, pois uma infelicidade quase sempre atrai a simpatia dos outros.

b) **Você fica viúva numa idade avançada, já com netos e os filhos mais ou menos «arrumados». Se o seu marido foi aquilo a que comummente se chama «um bom marido» é provável que lhe tenha deixado uma pensãozita do Montepio, um (desvalorizado) seguro de vida ou mesmo um andar de rendimento (hoje em dia está a usar-se muito comprar um andar de rendimento para deixar á viúva).**

Apenas com uma pensão ou um seguro de vida, você viverá com bastantes privações e terá mesmo que aceitar (embora contrariada) o auxílio dos filhos (quem sabe se sem as noras terem conhecimento).

Se herdou, porém, um andar de rendimento, poderá, então, alugar quartos a hóspedes, de preferência a estudantes que sempre se ausentam nas férias, ficando você nesses períodos dispensada de aturá-los. Ou mesmo alugar a casa toda, indo você viver para um quarto alugado.

Claro que é uma chatice meter pessoas estranhas em casa, mas, por outro lado, até ajudam a distrair e você poderá fazer uma vida mais desafogada e independente.

E porque não procurar um emprego? — dirá você.

Não tenha ilusões, minha amiga.

Quem dará um emprego a uma respeitável senhora de 40, 50 ou 60 anos, quem? E que habilitações tem você? O que sabe fazer (que interesse á sociedade) além de cozinhar, limpar e arrumar a casa e todas as outras funções inerentes ao governo da casa?

Ah! É verdade! Você tem um curso universitário, já me esquecia. Mas de que lhe servirá um curso tirado há 20, 30 ou 40 anos e sem nunca ter exercido a sua actividade? Porque, das duas uma, ou o seu curso estará, então, completamente desactualizado, ou o país onde você vive não evoluiu.

Não será assim?

Concluindo: minha boa amiga, antes de se devotar heróicamente á (preciosa) missão de ser esposa e mãe, tenha presente:

Nem só de pão vive o homem, mas sem pão é que ele não vive mesmo.

A sociedade nada faz pelas mães que dedicaram os melhores anos da sua vida cuidando dos filhos, educando-os, zelando para que nada lhes faltasse, dando-lhes todo o conforto, todo carinho de que foram capazes.

E porquê? E para quê?

Por instinto? Por um futuro melhor? Ou apenas por inércia?

●

P. S. — Esta carta foi inspirada por uma das respostas a um dos vossos inquéritos sobre a emancipação feminina e é dedicada a todas as meninas casadoiras com o mesmo ideal: virem a ser boas esposas e óptimas mães.

Uma mãe de 3 filhos

COMO NASCE A MODA

A HISTÓRIA DAS GABARDINAS DE VELUDO «COTELE»

O costureiro era alemão, mas podia ser francês, inglês ou americano. Observava uma poltrona na sala de recepção quando verificou que a mesma precisava de uma nova cobertura. Mandou vir dum representante as amostras de tecido para forros de móveis. E pensou noutra coisa.

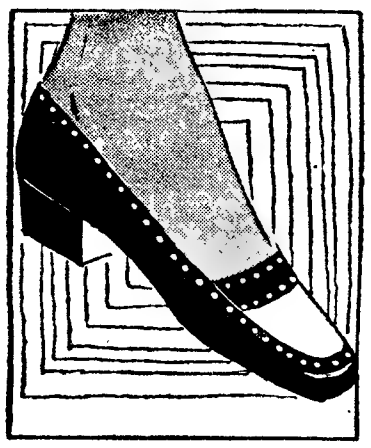
Quando recebeu as amostras tinha esquecido a poltrona. Pegou num pedaço de veludo «cotelé» recebido, bastante impermeável e de cor luminosa. Achou-o bonito. Imaginou algo.

— Mande-me o mais depressa possivel três peças deste! — disse ao representante estupfacto — Tive uma ideia fantástica para um novo tipo de gabardinee.

No momento em que a primeira colecção preparada com o veludo do móvel, passava sobre a passarela, foi estrondosamente aplaudida e, a partir dessa ocasião e durante muitos anos, as gabardinas de veludo «cotelé» impuseram-se na moda desportiva.

Este facto verídico revela que um grande costureiro deve ser dotado de, pelo menos, duas qualidades: receptividade para a inspiração que lhe vem do material e sensibilidade delicada para o gosto e costumes da nossa sociedade.

HORÓSCOPO DA MODA



Esta é a nova versão dos sapatos de modelo mais simples. Vendem-se em preto, branco e «beige».

Aluguer sem condutor

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

*

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B

Telefones: 72 76 54 - 72 49 78

LISBOA

No CADAVAL o «DIÁRIO DE LISBOA» é distribuído pelo sr. JOAQUIM CARDOSO DA SILVA ROSA

FRIGORÍFICOS HOOVER

ALUSUISSE

„Longspan" bandas onduladas em Aluman

para coberturas com pequena inclinação e ligeiras curvas

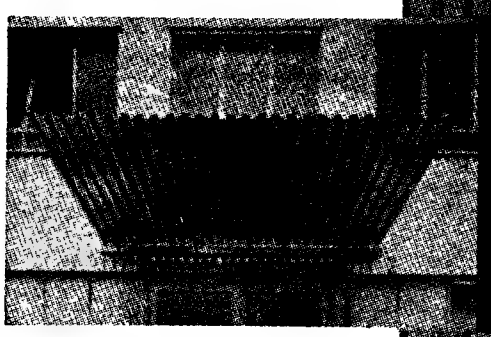
Comprimentos até 27 m sem recobrimento horizontal leveza permitindo uma construção racional e económica

manipulação e colocação fáceis, sem encargos de conservação ou pintura

bom isolamento, o Aluman reflecte 90 a 95% dos raios térmicos.

"Verticlad"

Bandas onduladas em Aluman para fachadas



comprimentos até 27 m

sem recobrimento horizontal

manipulação fácil, montagem simples

possibilidade de fornecimento com tratamento ALODINE verde-azeitona

as bandas em Aluman „Verticlad" constituem uma solução vantajosa e atractiva para qualquer revestimento de fachada

SORVAL

Rua Artilharia Um, 104, 4.º, Esq.—Telefs. 651229-6512220-651812—LISBOA

Rua Santos Pousada, 571 — Telef. 56921 — PORTO

OS SERVIÇOS TECNICOS DA ALUSUISSE ESTÃO AO SEU DISPOR, SEM QUALQUER DISPÊNDIO, PARA LHE FORNECEREM TODO O RESULTADO DA SUA LONGA EXPERIÊNCIA

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 6 de Junho de 1938 publicava:

«RIO DE JANEIRO, 6 — Notícia-se que, devido á nova legislação sobre os estrangeiros, aos quais se não reconhecem direitos sob o ponto de vista político, partindo-se do princípio de que não pode haver actividades partidárias no Brasil, já foram apresentados mais de 3 mil pedidos de repatriamento, nos Estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e de S Paulo.»

CURIOSIDADES

● A Lua protege os amores

A adoração da Lua ainda é um verdadeiro culto entre muitos povos, em ligação com a crença de que o astro influi na fertilidade. Os Gregos adoravam Selene, para os Romanos a deusa Lua chamava-se Luna para os Incas chamava-se Mamaquila, irmã de Inti, o deus Sol.

Nas aldeias da Roménia e da Turquia, os apaixonados põem água num copo e expõem-no durante três noites seguidas ao luar; depois, dão-na a beber á pessoa que amam. Com essa «receita», muito antiga, abreviam-se os casamentos, que serão fecundos e felizes.

● A «Maja» (vestida) de 1968

No famoso certame que decorre, anualmente, em Jerez de la Frontera foi eleita «Maja de España»-1968» (maja vestida) a insinuante jovem Maria de los Dolores Garcia Payas, representante da região aragonesa.

Foram eleitas, também, «Maja de la Simpatía» e «Maja de la Fotogenia», respectivamente, Blanca Fernandez, de Vascongadas, e Maria Luisa Lozano, de Léon.

● A energia atómica

O contrôle e o domínio da energia atómica é um prodígio da nossa época, que abre jubilosas e inquietadoras perspectivas aos tempos futuros.

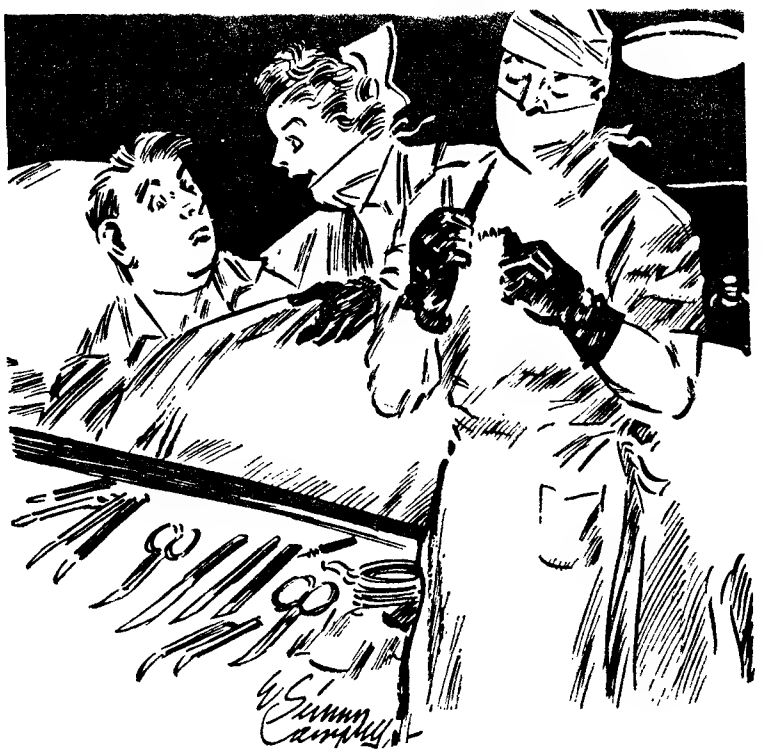
Poderemos avaliar dessa poderosa força nas mãos dos homens, sabendo-se que a energia que se liberta de um átomo é igual ao choque de cem locomotivas de uma tonelada cada uma lançadas á velocidade de cem quilómetros á hora.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

DIRECÇÃO-GERAL DA CONTABILIDADE PÚBLICA

Está aberto concurso para a categoria de terceiros-oficiais do quadro, entre indivíduos do sexo masculino, nas condições publicadas no «Diário do Governo», II série, de 21 de Maio de 1968. As provas serão realizadas em dia, hora e local a anunciar, oportunamente, no «Diário do Governo» e serão fornecidos a todos os candidatos os elementos de estudo necessários para a sua preparação.

Para mais informações dirigir-se á Repartição do Expediente da referida Direcção-Geral na Rua da Alfândega.

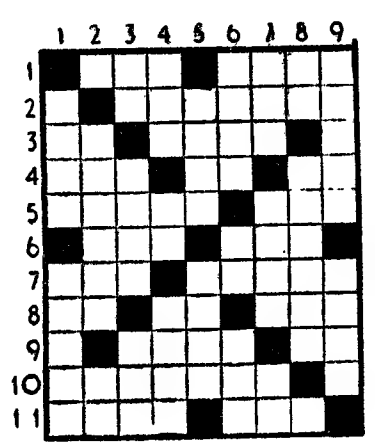


—Sorria... Sorria... Não se esqueça que a operação vai ser televisionada!

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4841



HORIZONTAIS: 1 — Cabelos brancos Fechar as asas para descer mais depressa. 2 — Melindrado. 3 — Grande ribeira da Ásia russa. Rio de Portugal 4 — Camareira. Oferece. Deus dos pastores. 5 — Pouco rendoso. Conjunção. 6 — Monarca Ribeira do distrito de Portalegre. 7 — Preposição. Armação dum leito. 8 — Artigo indefinido. Basta. Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! Oh! 9 — Dá urros. Senhor 10 — Nome duma árvore da África Ocidental. 11 — Cinchos. Primeiras das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Águeda.

VERTICAIS: 1 — Ecoam. Navega por. 2 — Derem mios. Sufixo que designa estado. 3 — Amónio (s q.). Procedem Grito. 4 Saudáveis. Troça. Numeral. 5 — Riebanho. Cidade de Itália. 6 — Hidrato de sódio. Apelido. Viração. 7 — O mesmo que ion Vila e concelho do distrito de Évora. Nesse lugar. 8 — Preposição latina que designa movimento. Folhas de videira. 9 — Nome de frutos (pl.). Ilha situada no Pequeno Belt.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4840

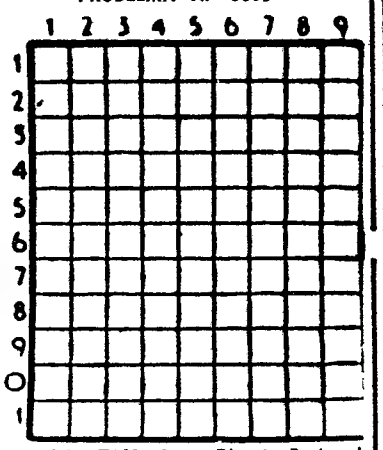
HORIZONTAIS: 1 — Rail. Vira. 2 — Tragara. 3 — Anula 4 — AC. Dás. SS. 5 — Comeremos. 6 — Olá. Aço. 7 — Ro. Cás Al 8 — Só. As. 9 — Bar. MAU. 10 — Moradores. 11. Val. Aia.

VERTICAIS: 1 — BACORO. MV. 2 — At. Colo. BOA. 3—Ira. Ma. Sari. 4—LANDE. Cora. 5—Guarda. Dai 6—Valse. Samo. 7 — Irá Má. Sara. 8 — Rã. Soca Uai. 9 — Assola. Sa.

Provérbio: A MAU BACORO, BOA LANDE

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8685



HORIZONTAIS: 1 — Rio de Portugal. Principal rio da Córsega. 2 — Partira em bocadinhos. 3 — Viração. Bário (s. q.). 4 — Abreviatura de átomo. Vazia. Amónio (s. q.). 5 — Ofereceis. Move os remos. 6 — Olé. Rata. 7 — Prendo. Isolados. 8 — Vagueias. 9 — Artigo indefinido. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Frâncio (s. q.). 10 — Suspiros. Grande árvore da Índia. 11 — Canhão curto de boca larga (pl.).

VERTICAIS: 1 — Destino. Transpiram. 2 — Prefixo que designa afastamento. Fende. Voz do gato. 3 — Doutora. Pequeno barco de recreio. Senhor. 4 — Naipe das cartas de jogar. Agora. 5 — Roa. 6 — Elogiar Chiste. 7 — Agora. Deus do Amor. Bromo (s. q.). 8 — Nota musical. Patrões. Linha fiada e torcida. 9 — Estimai Caminharás.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8684

HORIZONTAIS: 1 — Cara. Sopa. 2 — Aria. Amas. 3 — Lior. Sara 5 — Rã. Ais. Tó. 6 — Parreco. 7 — Mero. Como. 8 — Er. São. Ar. 9 — Ato. Sra. 10 — Dará. Piar. 11 — Aral. Soma.

VERTICAIS: 1 — Calar. Meada. 2 — Ari. Apertar. 3 — Riam. Ar. Ora. 4 — Aar. Aros. Al. 5 — Sir. Aí. 6 — Sãs. Seco. Ps. 7 — Omar. Co. Si. 8 — Par. Tomaram. 9 — Asara. Orara.

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica Av. 5 de Outubro. 203, r/c., Esq. Tel. 771639.

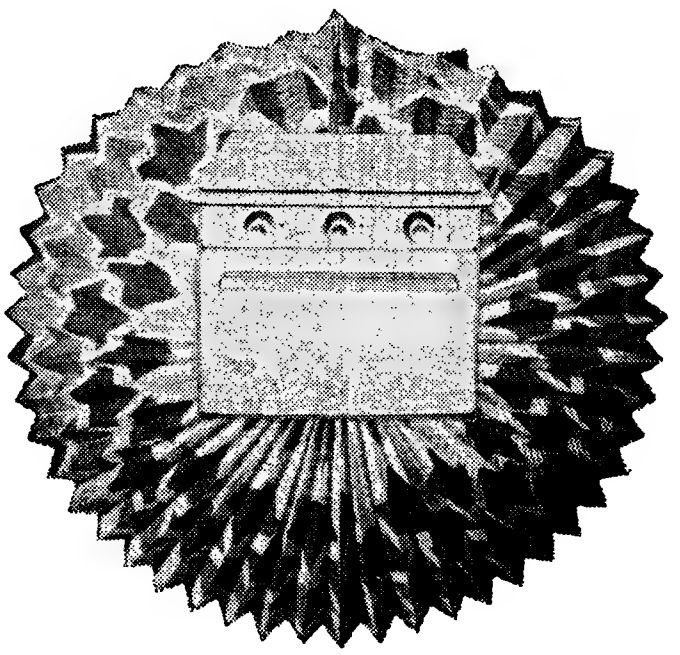
(Ao Campo Pequeno)

ODACLA

A MAIS ANTIGA MARCA DE FOGÕES A GAZCIDLA

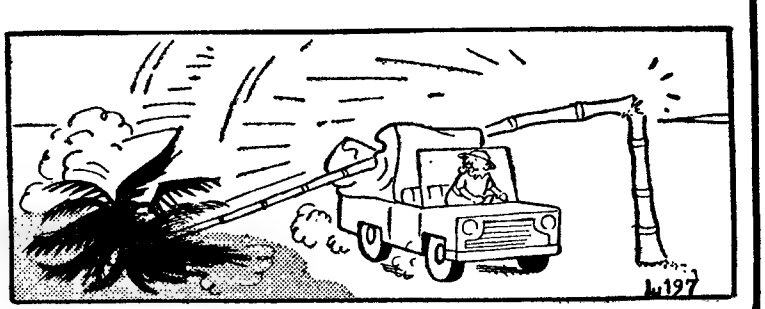
campanha do

"SANTO" POPULAR



AGORA COMO HÁ 25 ANOS, ODACLA E GAZCIDLA NA VANGUARDA

AVENTURAS DO TIO CARLOS



PINHAL NOVO ESPERA A SOLUÇÃO DE ALGUNS PROBLEMAS URGENTES

PINHAL NOVO, 6 — Situada no entroncamento da linha do Sul com os ramais do Montijo e da Funcheira (via Setubal), esta localidade de seis mil habitantes dispõe, por toda ligação de um a outro lado da via férrea, de uma exígua passadeira onde já se têm verificado acidentes mortais.

Correm os anos e o problema continua sem solução, como acontece, de resto, com outras necessidades mais que prementes. Está nesse caso a precária implantação da rede distribuidora de água, que obriga, por exemplo, as crianças das escolas a dessendentar-se numa taberna.

Este e outros temas urgentes foram há pouco tempo apresentados aos ministros das Obras Publicas e da Saude por uma comissão que se deslocou expressamente a Lisboa e era constituída pelas sras. dr.ª D. Luísa Posser de Andrade Vilar e D. Leopoldina Figueiroa Tavares, e srs. João Posser de Andrade Vilar, dr. Manuel Veríssimo da Silva, João da Costa Xavier, António Assunção Américo Tomé, Emílio Simões, Maximino Faria, Ismael Baltazar e João Tavares.

Recebida com grandes mostras de simpatia em Pinhal Novo, a comissão informou que os dois membros do Governo, embora nada tivessem podido prometer, concordaram haver de facto a maior urgência em resolver alguns dos problemas da localidade.

Água potável para Pinhal Novo

Provocou muita satisfação nesta localidade a notícia de que a Câmara Municipal deste concelho recebeu determinação superior para mandar proceder ao estudo imediato das possibilidades de captação e fornecimento de água potável a esta localidade, como consequência das «démarches» levadas a efeito, pelas comissões locais, junto dos poderes públicos, em 30 de Maio passado.

ACTIVIDADES CIRCUM-ESCOLARES DA ESCOLA TÉCNICA PEDRO DE SANTARÉM

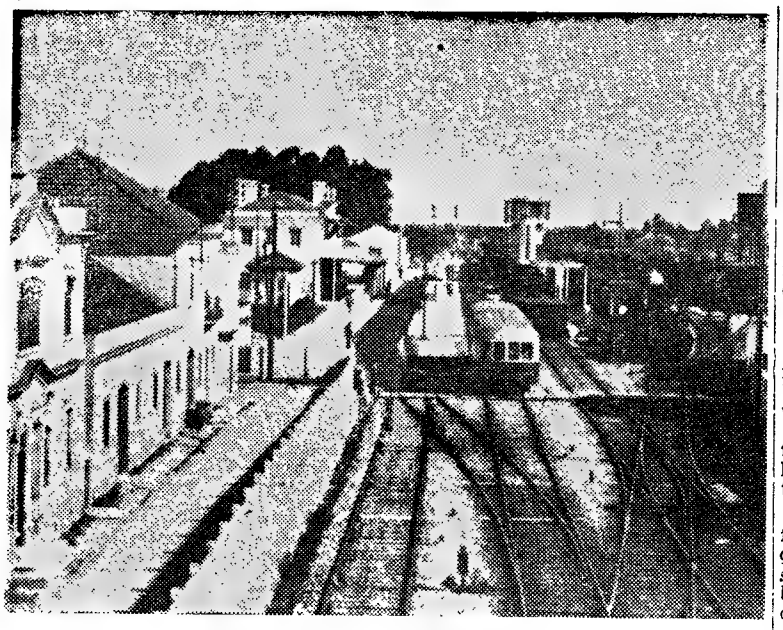
No sábado, ás 14 e 30, no Estádio Universitário de Lisboa, frente ao Hospital de Santa Maria, decorre o festival das actividades circum-escolares gimno-desportivas e culturais da Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém: prática de atletismo (diversas modalidades), apresentação do grupo coral e grupo instrumental, variedades, voleibol, basquetebol, classe especial de ginástica e distribuição de prémios.

Este festival envolve a participação de 600 alunos da escola, aproximadamente três quartos da frequência escolar.

Escola Técnica de Vila Franca de Xira

VILA FRANCA DE XIRA, 6 — Foram adiados para o dia 15 do corrente o jantar de confraternização e de homenagem á direcção da Escola Industrial e Comercial desta vila, e o desafio amigável de futebol.

Podem ainda fazer as suas inscrições, na secretaria da Escola, até ao próximo dia 10, os antigos e os actuais alunos.



Na frente da automotora, vê-se a única passagem entre as duas metades de Pinhal Novo

O director do L. N. E. C. na reunião executiva da Comissão Internacional das Grandes Barragens

Durante esta semana, decorre na cidade norueguesa de Stavanger, a reunião executiva da Comissão Internacional das Grandes Barragens, na qual participa o director do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, eng. Manuel Rocha, que igualmente assistirá aos trabalhos de dois «comités» técnicos daquela importante organização. Em seguida, visitará o Instituto Norueguês de Geotecnia a fim de tratar da organização de dois simpósios com a colaboração da Sociedade Internacional de Mecânica das Rochas, de que é presidente.

Aproveitando esta deslocação, o eng. Manuel Rocha terá, em Londres, conversações com vista à organização da Sociedade Inglesa de Mecânica das Rochas.

Festa dos finalistas da Escola do Magistério de Leiria

LEIRIA, 6 — Os finalistas do Curso de 1966-68 da Escola do Magistério Primário de Leiria, reuniram-se numa alegre festa que por certo não esquecerão pela vida fora, pelo seu significado.

Além do respectivo director dr. Manuel António Silvério, os futuros professores e professoras do Magistério Primário tiveram á sua volta não só as entidades mais representativas de Leiria, mas muitas pessoas de suas próprias famílias que se deslocaram para o efeito a esta cidade.

O programa das festividades dos finalistas começou com missa e bênção das pastas, na Sé Catedral, pelo sr. D. Domingos de Pinho Brandão, bispo auxiliar desta diocese, seguida da consagração do Curso a Maria Santíssima

Às 13 horas na própria Escola do Magistério Primário, instalada no antigo Convento de Santo Estêvão, procedeu-se á abertura de uma exposição de trabalhos manuais, desenho e educação feminina, havendo uma breve sessão.

A estas cerimónias estiveram presentes os srs. Olímpio Duarte Alves, governador civil do distrito de Leiria, Bernardo Pimenta, presidente do Município, director Escolar, comandante da G. N. R., professores e outras entidades.

Após o almoço na sede da Escola houve, no ginásio da Escola Industrial e Comercial de Leiria uma récita dedicada aos finalistas.

Em BUCELAS «DIARIO DE LISBOA» está a venda na casa VICENTE ROMAO BRAVO

COMBOIOS ESPECIAIS

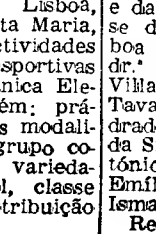
Entre Lisboa e Porto às 6.ªs-feiras, sábados e domingos para militares em viagens de fim-de-semana a preços reduzidos

A fim de facilitar a deslocação de militares dos três ramos das Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica) de Lisboa ao Porto, e inversamente, a C. P. realiza todas as 6.ªs feiras, sábados e domingos circulações especiais com o seguinte horário:

6.ªs feiras	Sábados	Domingos	Estações	6.ªs feiras	Sábados	Domingos
17.40	14.17	23.40	p Lisboa (St.ª Apolónia) c.	23.05	18.30	4.45
22.30	19.18	4.45	c Porto (Campanhã) p.	17.52	13.35	23.40

A estes comboios são dadas paragens nas estações intermédias mais importantes da linha do Norte para embarque e desembarque de passageiros, sendo possíveis também ligações de e para as principais linhas afluentes.

INFORME-SE NAS ESTAÇÕES OU NAS SECÇÕES DE INFORMAÇÕES



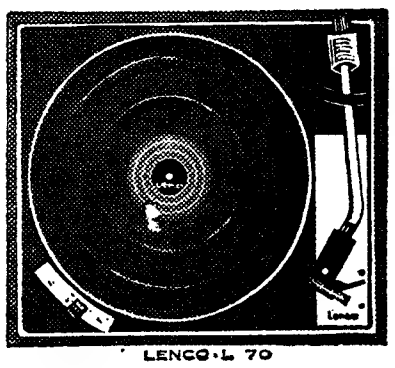
TENENTE PILOTO-AVIADOR

José Maria do Cazal-Ribeiro de Carvalho

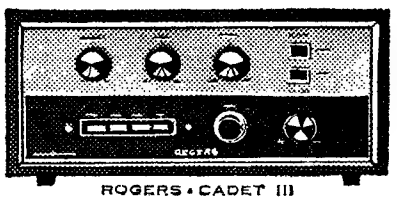
MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Sua Mulher, Filhos, Pais e Irmãos, Sogros, Avó e Cunhados participam que mandam celebrar, pelo seu eterno descanso, missa do 30.º dia, na Basílica da Estrela, pelas 12.45 h. do próximo dia 7, sexta-feira.

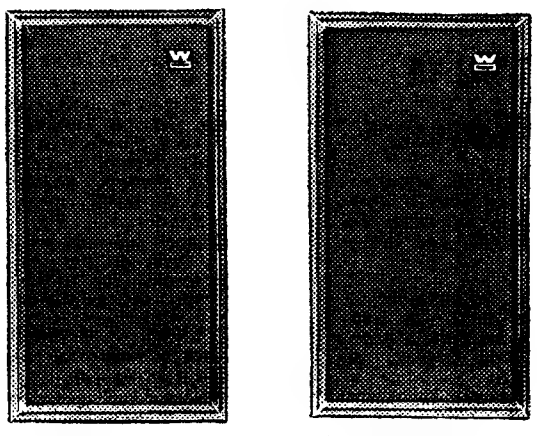
Aproveitam ainda para agradecer, profunda e eternamente reconhecidos, a todos aqueles que quiseram ter a bondade de os acompanhar no seu enorme desgosto, ou de qualquer forma se manifestaram, mas cujas moradas são desconhecidas.



LENCO · L 70



ROGERS · CADET III



WHARFEDALE · LINTON

SABE QUE PODE COMPRAR UMA CADEIA DE ALTA FIDELIDADE ESTEREOFÓNICA POR UM PREÇO ACESSÍVEL ?

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO AOS

PROFISSIONAIS DO SOM

VALENTIM DE CARVALHO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S. A. R. L.

PHILIPS

30 ANOS DE EXPERIÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DE

AUTO RÁDIOS

SPORT · SPRINT · COUPÉ CABRIOLET · SPYDER E LIMOUSINE

6 MODELOS

A PARTIR DE **1495$00**

MONTE O SEU AUTO-RÁDIO NOS AGENTES PHILIPS EM TODO O PAÍS OU NO

CENTRO COMERCIAL DOS SERVIÇOS TÉCNICOS DA

PHILIPS PORTUGUESA

AV. LUÍS BIVAR, 85-A ★ AV. PINHEIRO CHAGAS, 66

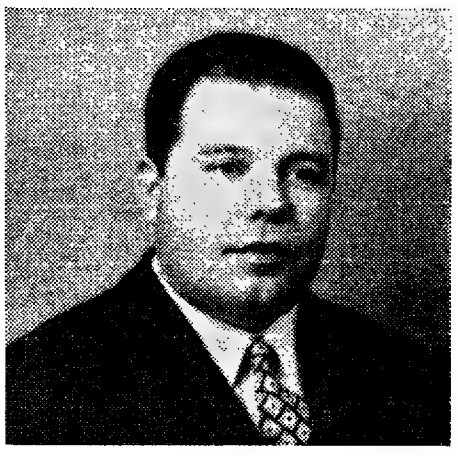
TELEFONE 56 02 00 — LISBOA

QUALIDADE **PHILIPS** MERECE SERVIÇO **PHILIPS**

R-A

FOGÕES DE LUXO E QUALIDADE A PREÇO VANTAJOSO

COM GARANTIA DE QUALIDADE



Otelo da Silva Casais

6 ANOS DE ETERNA SAUDADE

Celeste da Conceição Graça Casais, Maria Luiza da Graça Casais e mais família participam a todas as pessoas de suas relações e amizade que, no próximo dia 7 às 9 horas na Igreja de S. Domingos (altar do Santíssimo) em Lisboa, será rezada missa em memória de seu querido marido, pai e parente, para que a sua alma descanse na Paz do Senhor.

Em S. Pedro do Sul, será ouvida missa pela mesma intenção, seguindo-se uma romagem ao Cemitério de Várzea, onde repousam seus restos mortais.

Desde já agradecem a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto de saudade de sua tão querida memória.

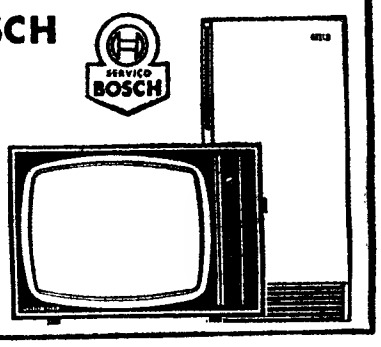
LOPES, BATISTA & NAFZ LDA.

Electrodomésticos **BOSCH** e **PONTO AZUL**

JOMA

Blaupunkt

SERVIÇO BOSCH



Venda e Assistência Tecnica

Rua Luis de Camões 5-A (a Santo Amaro)

Tel·633061/2·633031

DESPORTO

«TORNEIO DAS SEIS NAÇÕES» — COMEÇOU A PREPARAÇÃO DOS NADADORES PORTUGUESES

Aproxima-se a data de mais uma edição do «Torneio das Seis Nações» em natação, já marcada para os dias 27 e 28 de Junho, em Madrid.

Portugal participa no importante certame e com maiores responsabilidades desde que em 1967 foi organizador da competição, o que, inegávelmente, traduz por ela o maior interesse

A Federação Portuguesa de Natação, com novos dirigentes — pessoas conhecedoras profundas da modalidade — sabe bem o que urge fazer para o desenvolvimento da natação, cujos destinos lhe estão confiados.

Preparar a selecção, que no fim do próximo mês representará o nosso país na piscina de Madrid, constitui um dos problemas mais instantes dos actuais dirigentes. E, assim, a prmeira sessão de trabalhos decorreu, ontem ao fim da tarde, na piscina municipal dos Olivais, onde áquela hora, apenas, um grupo de nadadores do Clube Nacional de Natação, nos significava que a actividade do simpático clube não morrera.

A primeira fase da preparação que comporta seis sessões decorrerá naquele recinto e deverá estar concluida até ao fim do mês.

Reune 18 nadadores do Algés e Dafundo, três do Nacional de Natação e três individuais, designados pelo conselho técnico da F. P. N. Vimo-los, ontem, nos Olivais, orientados pelo técnico Yocochi, escutando atentamente as suas indicações, prontamente cumpridas. O treinador da selecção, de cronómetro em riste e com o seu «block-notes» na mão não perdia nem um só movimento dos seus pupilos, na sua quase totalidade, seus bem conhecidos.

Na bancada, o presidente da Federação, dr. Francisco Ferreira Alves e o membro do conselho técnico, José António Sacadura acompanhavam de perto a preparação dos convocados, dos quais só Vítor da Fonseca não compareceu. De louvar o interesse dos dirigentes.

A 2.ª fase da preparação inicia-se no próximo mês, de harmonia com as indicações de Yocochi e nele serão incluidos as provas que até á altura do torneio venham a realizar-se.

Segundo aqueles dirigentes, esta preparação é ponto de partida para um trabalho que se iniciará em meados de Outubro próximo, com carácter de permanência, até mesmo durante os meses de Inverno.

Em Lourenço Marques, onde existem, indiscutívelmente alguns dos melhores valores da nossa natação, o antigo nadador Eurico Perdigão, está a entregar-se cuidadosamente á sua tarefa de adjunto do Conselho Técnico da F. P. N.

SUSPENSA EM (1968-69) A TAÇA DAS CIDADES COM FEIRA!

ROMA, 6 — (F. P.) — Foi suspensa por um ano disputa da «Taça Europeia das Feiras», segundo decidiu o Comité Executivo da U. E. F. A. (União Europeia de Futebol) reunido actualmente nesta capital.

Assim, a taça não será disputada na época de 1968-69, mas recomeçará, normalmente, na época de 1969-70.

HOJE, À NOITE

GINÁSTICA — Semana gimnodesportiva do Lisboa Ginásio, na sua sede, ás 21 horas

— Sarau do Clube Atlético de Campo de Ourique, no seu pavilhão ás 21 e 15

HÓQUEI EM PATINS — Taça «José Prazeres» Algés-C. Ourique, Casca.s-Parede e Ed. Física-Azeitonense nos rinques dos primeiros, ás 21 e 45

Porto-Benfica

TAÇA DE PORTUGAL

A C. P. organiza no próximo dia 9, em colaboração com o Sport Lisboa e Benfica, um comboio especial ao Porto por ocasião do encontro de futebol Porto-Benfica, para a Taça de Portugal, ao preço de 120$00 por passageiro

O referido comboio partirá de Lisboa (Santa Apolónia) cerca das 6.30 horas e do Porto (Campanhã), no regresso, cerca das 21 horas.

Bilhetes á venda na Secretaria do Sport Lisboa e Benfica (Rua Jardim do Regedor, 9) e nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia).

5,8%

Vende-se prédio de óptima construção, acabamentos com madeiras exóticas, junto à Av. de Berne. Pode facilitar-se 1.000 contos à taxa normal.

TRATA: **FERMIN GALLEGO**

Av. 5 de Outubro, 23-1.º — Lisboa
T. 46259

4 RAZÕES PARA, EM VEZ DE NOTAS, TRAZER CONSIGO

cheques de viagem

Trazer notas na carteira é sempre um risco. Dinheiro perdido ou roubado pode ser fonte de grandes dissabores. Mas cheques de viagem na carteira asseguram tranquilidade completa e permanente. Mesmo que lhe desapareçam, nada tem a perder!

Eis quatro boas razões para os adoptar definitivamente:

1 Só o próprio os pode utilizar

Contràriamente às notas, cada cheque de viagem só e válido quando assinado por si. Trata-se, pois, de dinheiro estrictamente pessoal.

2 O número de série protege-o

A numeração dos nossos cheques de viagem é devidamente registada. Se os seus cheques se perderem ou forem roubados, os respectivos números de série habilitam-no a ser prontamente reembolsado na Sede ou qualquer Filial, Agência ou Dependência do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

3 Trata-se, verdadeiramente, de "escudos"

Pode gastar cheques de viagem do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa em hotéis, restaurantes, lojas, etc., em toda a parte de Portugal Continental e Insular.

4 Envio de dinheiro com segurança total

Bastam as suas 2 assinaturas e a inscrição, na linha central, do nome da pessoa a quem se pretende que o cheque seja pago ou do nome do Banco onde pretenda levar o cheque a crédito da sua conta

TROQUE NOTAS POR CHEQUES DE VIAGEM SEM QUALQUER DESPESA

na Sede ou em qualquer Filial, Agência ou Dependência do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, nos valores nominais de 100$00, 500$00 ou 1.000$00

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

DESPORTO

NOTAS À MARGEM

A MENSAGEM DO FUTEBOL JUVENIL

Regressaram, respectivamente, da França e da Alemanha, os futebolistas juvenis do Benfica e juniores do F. C. Porto, rias. Conforme foi noticiado, a equipa benfiquista alcançou valoríssimo triunfo em Croix, enquanto em Waldniel os jovens do F. C. Porto atingiram a final do torneio, na qual foram vencidos por 0-1 pelos ingleses do Manchester City, mas em circunstancias que as crónicas apontam como pouco convincentes.

Independentemente deste ultimo e desagradável passo no torneio alemão, não ficam duvidas de que se saldou por comportamento brilhante e consolador a presença da juventude portuguesa nestas duas competições no estrangeiro. E isto, vindo na linha das excelentes actuações do nosso futebol juvenil em provas internacionais, nomeadamente através da selecção nacional e de outras equipas do F. C. Porto e do Benfica (os clubes que mais se têm interessado pelo «lançamento» internacional dos seus mais moços futebolistas) não pode deixar de constituir uma mensagem de boas promessas para quantos se interessam pelo futebol português.

Parece, assim, não haver motivo para derrotismos nem razões para que se queiram pintar as perspectivas mais sombrias. Os atletas que conquistaram o inesquecível 3.º lugar no «Mundial» de Inglaterra, o que significou, mais que um êxito desportivo, uma jornada de popularidade para o País, podem ter dignos continuadores. A questão está em que se acredite na capacidade e no valor da juventude e se lhe conceda ensejos de afirmar seus méritos, como tão oportunamente o fizeram agora o Benfica e o F. C. Porto. Porque se cerrarmos os nossos horizontes em torno das mesmas figuras, por mais densa que seja a aura de fama ou de lenda que as envolve, caímos no risco da estagnação e do vazio. Incentivar os jovens é acautelar o futuro, coisa mais util que um estéril debruçar sobre o passado. Os juvenis do Benfica e os juniores do F. C. Porto acabam de dar cabal exemplo.

M. Z.

ANDEBOL DE SETE

Benfica e Sporting desempatam no dia 14

Por não ser possível a utilização do Pavilhão dos Desportos, foi adiado para o próximo dia 14 (sexta-feira), depois de uma reunião dos delegados dos clubes interessados, efectuada ontem na Federação, o encontro de desempate de andebol de sete entre o Benfica e o Sporting relativo á classificação do Campeonato Nacional de Andebol da 1.ª divisão.

BRASIL-URUGUAI NO PRÓXIMO DOMINGO

SÃO PAULO, 6 — (A. N. I.) — A selecção de futebol do Brasil joga no domingo, nesta cidade, com a do Uruguai, para a «Taça Rio Branco», realizando-se novo jogo dia 1, na cidade do Rio de Janeiro.

Para o primeiro jogo, a selecção do Brasil deve ser a seguinte: Cláudio; Djalma Santos, Jurandir, Joel e Sadi; Piazza e Rivellino; Paulo Borges, César, Tostão e Edu.

Esta formação treinou com a equipa do Clube Juventus, de São Paulo, e ganhou por 3-1.

Marcaram para a selecção Paulo Borges, Tostão e Rivellino.

cruzeiro ao MAR NEGRO

de 13 de Setembro a 1 de Outubro
(20 DIAS)

Classe única a bordo

A BORDO DO MODERNO TRANSATLÂNTICO «EUGÉNIO C»

Visitando: GÉNOVA, NÁPOLES, ISTAMBUL, ODESSA, IALTA, SOCHI e PIREU

Inscrições até 21 de Agosto de 1968

PARA SE INSCREVER, PEDIR BOLETIM NA SUA AGÊNCIA OU NA

SOCIEDADE COMERCIAL OREY, ANTUNES & CIA L.DA
Praça Duque da Terceira, 4
Tel. 32227 1/2/3 e 36 93 46

Agentes no Porto:

SOCIEDADE COMERCIAL OREY & BARROS LEITE L.DA
R. Infante D. Henrique, 83-1.º
Tel. 20773 - 2 8906 - 3 3050

ARTUR JORGE PREFERIU ... A ACADÉMICA

Sporting? Benfica? A duvida sobre o destino de Artur Jorge, o excelente futebolista da Associação Académica, foi caso falado neste final de época. Por fim (mas não seria o fim...) deu-se como certa a sua transferência para o clube de Alvalade, o que constituiria uma «vida nova» para o ataque dos «leões». Há alguns dias, porém, o que se dava como certo começou a roedar-se de novas duvidas e, tal como o «Diário de Lisboa» então noticiou, ganhou volume a hipótese até então mais remota, que era a de Artur Jorge continuar em Coimbra e na Académica. E foi o que aconteceu. Voltando as costas a tentadora oferta (o Sporting chegou a oferecer dois mil contos) Artur Jorge preferiu continuar na Académica e assim, ontem, novo compromisso com a colectividade estudantil.

ATLETISMO

APROVADAS AS ALTERAÇÕES (12) AO REGULAMENTO GERAL DA FEDERAÇÃO

Depois de estudadas e analisadas em congresso várias propostas da direcção da Federação de Atletismo, foram agora aprovadas e sancionadas nada menos do que doze alterações ao regulamento geral.

Eis as principais modificações introduzidas:

a) Modificar a denominação dos Campeonato Nacionais e Regionais Individuais para *Campeonatos Nacionais e Regionais de 1.ª e 2.ª Categorias.*

b) Modificar a denominação de Campeonatos Nacional e Regional Individual de Juniores para *Campeonatos Nacionais e Regionais de Juniores.*

c) Introduzir a seguinte condição para as competições com três jornadas:

— Cada junior poderá participar em 5 provas, desde que não concorra a mais de duas em cada dia, não podendo contudo fazer mais de 4 corridas desdobradas pelas 3 jornadas.

Na 3.ª jornada os concorrentes ao Pentatlo só poderão participar neste, contando o conjunto como *uma prova.*

d) Alterar as condições de participação dos atletas juvenis nas provas dos seus campeonatos para:

a) em duas corridas e um concurso, sendo uma corrida em cada jornada; ou

b) em dois concursos e em uma corrida, desde que não concorram a essas três provas num só dia; ou

c) em três concursos, distribuídos pelos dois dias de torneio.

e) Alterar o programa das provas das 1.ª e 2.ª jornadas do Campeonato Nacional e Regionais da 1.ª e 2.ª Divisões para:

1.º dia — 110 m. barr. — 100 m. — 400 m. — 1500 m. — 5000 m. — 4×100 — Altura — Comprimento — Martelo — Dardo.

2.º dia — 400 m. barr. — 200 m. — 800 m. — 10 000 m. — 3000 m. obst. — 4×400 m. — Vara — Triplo — Disco e Peso.

Foram ainda alterados os programas dos campeonatos regionais de 1.ª e 2.ª categorias; dos «Nacionais» e «Regionais» de juniores; dos «nacionais» e «regionais» de iniciados e juvenis.

Alguns dos prémios a atribuir aos concorrentes ao primeiro Grande Concurso de Pesca Desportiva de Mar, a realizar em Cascais no próximo domingo, organizado pela Casa do Pessoal do Instituto Português de Conservas de Peixe

Itália-Jugoslávia

—final do campeonato europeu

• Ontem, os italianos «venceram» a União Soviética (por «moeda ao ar»...) e os jugoslavos derrotaram, sensacionalmente, a Inglaterra (1-0)

ROMA, 6 — O sistema de «moeda ao ar» fez ontem a sua aparição no Campeonato da Europa e determinou o afastamento da U. R. S. S., que manteve no encontro de Nápoles e durante todo o tempo regulamentar o 0-0, frente á Itália, resultado que se manteve após dois prolongamentos de quinze minutos.

Por outro lado, a surpresa também marcou «rendez-vous» naquela competição: A orgulhosa Inglaterra, actual detentora do ceptro mundial, viu-se defeiteada (1-0) por um conjunto jugoslavo, decerto menos reclamada, mas nem por isso menos talentosa e convincente.

Porque o confronto entre transalpinos e soviéticos realizado em Florença caracterizou-se fundamentalmente pelo despique atlético, imposto pelas desfavoráveis condições atmosféricas. A maior imaginação italiana se viu assim cerceada pelo poderio físico do antagonista, mas ambos os conjuntos foram, contudo, apesar da adequada adopção dos processos indicados para a eventualidade, de uma ineficácia que obrigou a entregar á sorte a decisão de indicar um finalista. E os italianos tiveram a fortuna pelo seu lado.

Ao invés dos britânicos, os jugoslavos foram categóricos na afirmação de uma capacidade que determinou o andamento do despique. Sempre veloz, a contrastar com a insuficiência dos ingleses neste aspecto de jogo, a equipa da Jugoslávia, ainda que surpreendentemente, afastou a Inglaterra da final, mas afirme-se, não por quaisquer caprichos de felicidade, mas «apenas» porque no decurso dos noventa minutos constituiu o «melhor conjunto». A turma de além-Mancha esteve muito distante do comportamento que es lhe tem asinalado em jogos anteriores. Admitimos, porém, que os culpado sejam... os jugoslavos.

Assembleia de sócios da Secção de Futebol da Associação Académica de Coimbra

Foi marcada para a próxima segunda-feira, uma assembleia geral dos sócios da Secção de Futebol da Associação Académica, a fim de sugerir algumas directrizes aos dirigentes da Secção acerca de transferências de jogadores e apreciar o comportamento de um sócio e antigo dirigente acerca da transferência de Toni.

ESPECTACULARES —AS PROVAS HÍPICAS DE ONTEM

O Concurso Hípico Internacional Oficial de Lisboa teve ontem, á tarde, mais duas provas.

A de «Regularidade, por Estafetas» foi ganha pelos espanhóis D. Alfonso Segovia e D. Francisco Maestre, montados, respectivamente, no «Ouvresse» e no «Begónia».

O coronel Henrique Calado, no «Lord Robert», foi o vencedor da segunda prova — «Eng. D. Rodrigo de Castro Pereira».

Para a prova de estafetas estavam inscritos 12 pares, mas só 9 a disputaram.

O despique entre os três primeiros classificados foi interessantíssimo, valorizado pela razão de cada um representar uma nação diferente.

No final, a classificação ficou assim: 1.º, D. Alfonso Segóvia e D. Francisco Maestre (Espanha), montando «Ouvresse» e «Begónia», 43 pontos, em 2 m 2,6 s; 2.º, António C. Ramos e ten.-cor. Joviano Ramos (Portugal), montando «Inácio» e «Reine B», 40 pontos, em 2 m; 3.º, D. Américo Simonetti e general Izurieta (Chile), montando «Slifen» e «Copihue», 38 pontos, em 2 m 4,5 s; 4.º, Manuel Malta da Costa e José M. Nunes de Carvalho, montando «Rovuma» e «Zagal», 37 pontos, em 2 m 9,8 s; 5.º, cap. Izurieta e ten. Izurieta, montando «Arouco» e «Polar Prince», 37 pontos, em 2 m.

☆

A prova «Eng.º D. Rodrigo de Castro Pereira» concorreram 19 conjuntos, proporcionando ao publico um bom espectáculo.

O cor. Henrique Calado, o 7.º concorrente a entrar em pista, mostrou mais uma vez a excelente forma em que se encontra, ao terminar o percurso sem faltas e com visível facilidade.

O 14.º concorrente, D. José Araugo (Esp.), foi o segundo a acabar o percurso sem penalizações, ficando assim apurado para a «barrage», o mesmo acontecendo com o general Izurieta (Chile).

No final, apurou-se a seguinte classificação: 1.º, cor. Henrique Calado, no «Lord Robert», 0 pontos; 2.º, D. José Araugo, no «Sherekan» (4 pontos na «barrage»); 3.º, gen. Izurieta, no «Rubi» (desistiu na «barrage»); 4.º, ten. Brito da Cruz, no «Fox Glove», 3 pontos; 5.ºs, ten.-cor. Cruz Azevedo, cor. Fernando Pais e D. Alfonso Segóvia, montando, respectivamente, «Sete», «Arlequim» e «Roquelo», com 4 pontos; 8.ºs, José Nunes de Carvalho e cap. Vasco Ramires, no «Dominó» e «Tea Top», 8 pontos; 10.º, D. Américo Simonetti, no «Mercury», 9 pontos.

J. DA MESQUITA

DESPORTO

A equipa de basquetebol do México que, em Lisboa e em Coimbra, bateu concludentemente a selecção portuguesa, por marcas que são espelho fiel da diferença técnica que separa as duas formações

Portugal, 56 — México, 84

• Ontem em Coimbra, o basquete mexicano voltou a mostrar a sua excelente classe

No Estádio Universitário de Coimbra, realizou-se ontem, á noite, o segundo encontro internacional de basquetebol, Portugal-México, que os visitantes venceram por 84-56, com 38-28 ao intervalo.

Sob a arbitragem de António Baptista e Carlos Tomaz, as equipas alinharam e marcaram:

PORTUGAL — Gui (15), José Alberto (12), Reis Pires (4), Almeida, Encarnação (6), Joaquim Carlos (4), Azeite (3), Hilário (10), Vítor (2) e Baganha.

MÉXICO — Raga (12), Ayala (8), Moreno (14), Guzman (8), Moreno (2), Gonzalez (10), Pontvianne (6), Rafser (12), Rinz (4), Osuna (2) e Golmbluth.

A equipa mexicana voltou a demonstrar a sua superioridade técnica e física e apesar da réplica animosa e do brio dos nossos representantes, que muito valorizaram o espectáculo, venceu com relativa facilidade.

Na equipa mexicana, é difícil destacar nomes, pois todos são excelentes executantes, mostrando poder físico magnífico.

A equipa nacional exibiu-se com muito agrado, desbobinando algumas jogadas interessantes, que entusiasmaram o publico.

Gui, José Alberto e Reis Pires destacaram-se na formação nacional.

Arbitragem, fraca.

DO FUTEBOL ITALIANO

HERRERA NO ROMA ...E CORSO TAMBÉM QUER IR

• DIZ-SE EM ITÁLIA QUE O PRÓPRIO MORATTI VAI PARA PRESIDENTE DO ROMA, PARA CONTINUAR AO LADO DE H. H.

HELÉNIO HERRERA

ROMA, 6. — Confirmado. Absolutamente confirmado: Helenio Herrera, o mais comentado treinador de futebol do mundo, firmou contrato com o A. C. Roma, após um golpe de teatro que tão depressa o prendia ao Atlético de Madrid como dava quase certa a sua temporária renuncia á direcção de turmas futebolísticas.

Pois, em lance espectacular, Helenio Herrera trocou Milão por Roma. A Federação Italiana de Futebol, num gesto sem precedentes, tornou possivel essa mudança: recorda-se que, por lei federativa, era interdito a qualquer técnico estrangeiro transferir-se de um clube italiano para outro clube italiano. Porém, sob a alegação de que H. H. prestara já muitos e valiosos serviços ao «calcio», a Federação rectificou o estatuido: e Helenio Herrera assentará arraiais em terras romanas.

Mas, o mais curioso desta história, é que Corso, protegido dilecto de Helenio Herrera, acaba de anunciar que também se pretende transferir para o Roma, seguindo os passos do seu mestre e amigo. Não se escusa a, publicamente, proferir as mais elogiativas palavras de apreço por Herrera: uma entrevista, em que colocava nos vincaros da lua o seu ex-técnico, valeu-lhe (por parte do Inter milanês) cinquenta mil liras de multa. Não sabemos se essa punição teve influência directa nos propósitos de transferência de Corso mas, inegávelmente, deve tê-los apressado.

Porém, a «bomba» ainda não estoirou completamente: o comendador Moratti, um dos homens mais ricos da Itália, que foi «patrão» do Inter na fase de ouro do clube e responsável directo pelo recrutamento de Helenio Herrera, parece decidido a mudar de afeição clubística. Do Inter, exactamente para o Roma, onde se indigita o seu nome para presidente da direcção. Diz-se...

Afinal, tudo se cinge á amizade que liga Helenio Herrera a Angelo Moratti. Com a renuncia deste ao seu cargo no Inter, surgiu a abdicação de Herrera. E, com a escolha de Herrera pelo distintivo do Roma, imediatamente Corso (e, eventualmente, Angelo Mosatti) se mostrou disposto a acompanhar o «mago» neste novo passo da sua carreira turbilhonante.

As coisas vão mal lá pelo Inter

Entretanto, o mercado futebolístico italiano é sacudido por notícias divergentes. O Juventus, em luta com a sua debilidade atacante, pretende contratar Donaenghini, Haller (do Bologna) e Anastasi (o potente dianteiro do Varese).

Por falar do Inter: as coisas por lá não vão muito bem. Foni, o novo treinador do «esquadrão», vai dispensar oito jogadores, provàvelmente com a concordancia do seu adjunto Maino Neri. Dois desses futebolistas (Dotti e Barluzzi) são nomes quase certos no Mantua.

O ambiente em torno de Foni não é muito agradável: no primeiro jogo em que ele dirigiu o Inter sofreu uma derrota, infligida pelo Duderlecht (1-3). E, no embate da segunda «mão», que os mesmos clubes disputaram para a «Taça Internacional», o Inter não foi além de uma débil vitória tangencial: 2-1. O dr. Fraizzoli, que sucedeu a Moratti na presidência do Inter, foi alvo de uma manifestação de hostilidade e teve que dissimular-se no autocarro dos jogadores, para deixar o Estádio de San Siro.

Entretanto, Ferrini (que pertence ao Fiorentina) deve transferir-se para o Inter: 400 milhões de liras colocados ao seu alcance. O Milan também lança as suas vistas sobre o «mercado»: vai comprar o segundo marcador da temporada (Savoldi, do Atalanta) para o ceder ao Torino, por troca com Ferretti. Uma confusão diabólica, imperscrutável a quem não navegue nos altos comandos dos clubes em causa.

Nem sempre o «filho de peixe sabe nadar». Ferruccio Mazzola (irmão de Sandro e filho do fabuloso Mazzola vitimado pela catástrofe de Superga) vai ser dispensado, em definitivo, pelo Mantua, clube que serviu temporàriamente sem, porém, se evidenciar por aí além.

Mas, o grande acontecimento continua a envolver Herrera. Pughiese, ex-treinador do Roma, garante que H. H. vai durar um ano (e, falhar...) após o que ele, o agora preterido Pughiese, retornará a Roma com festa rija.

Muitas certezas e algumas incognitas: assim marcha o futebol italiano.

PUGILISMO

Regressa a Portugal o ex-campeão Agostinho Guedes

Agostinho Guedes, famoso pugilista português da década quarenta, que ostentou a faixa de titular português da sua catgoria e chegou a enfrentar o fabuloso Marcel Cerdan, regressa amanhã a Portugal, vindo dos Estados Unidos da América do Norte. O ex-caldeireiro da C. U. F exerceu o profissionalismo pugilístico nos «states» mae. últimamente, encontrava-se afastado dos ringues.

LISNAVE

ESTALEIROS NAVAIS DE LISBOA, S. A. R. L.

EMPRÉSTIMO POR OBRIGAÇÕES 6 % — 1967

PAGAMENTO DE JUROS

Nos termos das condições de emissão deste empréstimo, avisam-se os Senhores Obrigacionistas de que, a partir do próximo dia 15 do corrente, se encontram a pagamento os juros relativos ao cupão n.º 2, no valor líquido de 27$156 por obrigação.

O pagamento de juros será efectuado nos seguintes estabelecimentos de crédito:

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência
Montepio Geral
Banco da Agricultura
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Fernandes Magalhães
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Lisboa & Açores
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta-Aliança
Companhia Geral de Crédito Predial Português
Crédit Franco-Portugais
Almeida, Basto & Piombino & C.ª
Augustine, Reis & C.ª
Pancada, Moraes & C.ª
Pinto de Magalhães, Lda.

Lisboa, 1 de Junho de 1968

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Agora pode tirar mais fotografias a cores!

Kodak

BAIXA OS PREÇOS
DOS
ROLOS KODACOLOR-X
E
FOTOGRAFIAS KODACOLOR

Fotografar a cores é agora mais barato, simples e rápido do que imagina...

COMECE JÁ A FOTOGRAFAR A CORES

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programa da Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no Horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A Orq. de... 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 05: Sucessos franceses; 18 e 20: Programa da mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judith Navarro; 18 e 40: Musica e sonho; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 50: Musica só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 1.º episódio do folhetim «A Fazenda Abandonada» em versão livre de Judith Navarro do romance de Reis Ventura; 21: Jornal de Atcualidades; 21 e 30: A Orq. José Santos Rosa; 21 e 40: Variedades transmitidas da Emissor Regional do Norte; 22 e 30: Orquestras e Conjuntos; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 2.º e 3.º actos da ópera «Turandot» (Puccini); 18: Musica do século XX — Obras de Witold Lutoslawsky; 19: Horizonte semanário de Letras e Artes; 19 e 30: Folclore português — Quatro romances do Minho e do Algarve recolhidos e seleccionados por Michel Giacometti e Lopes Graça; 19 e 45: Musica de piano; 20: Diário Sonoro — Boletim Meteorológico; 20 e 20: Musica Sinfónica; 20 e 30: Concurso Internacional de Agrupamentos Corais «Let the Peoples Sing 1968» 10.º Programa — Coros Mistos; 21: Concerto para oboé e orq. de câmara (Strauss) — Orq. «Rádio-Sinfonia» de Berlim dir. Heinz Rogner; 21 e 30: Panoramas da história, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pelo cantor Luis Brunner, com a colaboração da pianista Regina Cascais; 22 e 08: Dança Sinfónica; 22 e 20: Poemas Sinfónicos; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15 Fecho

2.º Programa (Cultural em MF 2) — 94,3 mc/s — Às 23: Musica de Tecla, de Mozart e Lizt; 23 e 30: Raridades musicais da arte vocal italiana — em gravações cedidas pela Rádio Suiça Italiana; 0 e 10: Musica Sinfónica; Obras de Rimsky Korsakoff; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Isto é Brasil; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 15: Grandes do ritmo; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Canções ibéricas; 21 e 03: Diapasão; 21 e 32: «Impacto»; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 03: Em órbita; 20 e 52 Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 01: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67; 4: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D C.; 18: Depois do Chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée Teatral; 19 e 04: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Rabialac; 19 e 45: Melodias para si; 21 e 05: Rádio Placard; 20 e 20: Norte do dia a dia; 20 e 45: «Crónica Feminina»; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 02: Banda de som; 22 e 30: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Vozes portuguesas; 18 e 20: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires, 19: Critica de livros recebidos; 19 e 05: Grande plano; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página Um; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Fados e guitarradas; 21 e 45: Melodias da Itália; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45 Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kcs — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 15: Boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19: Critica de livros recebidos; 19 e 05: Grande Plano; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página Um, 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 944 mc/s: **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30: **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22: **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2: **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha

Limpeza e restauro de carpetes

Consulte os serviços especializados da **FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO.** Pedidos aos escritórios: R. Conde Redondo, n.º 64, 2.º, Dir. — Telef. 59288.

Orçamentos grátis

PROGRAMA DA TV

Às 19 e 30: Telejornal (1.ª edição) e Agenda da Praça, 19 e 50: Nós as mulheres; 20 e 15: Filme infantil: «Carrossel Mágico»; 20 e 30: Vamos jogar no Totobola; 20 e 40: Sangue na estrada; 20 e 55: «Segredos do Mar» — «Mergulhadores da Armada I»; 21 e 30: Telejornal (2.ª edição) e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Noite de Cinema; «O Gavião dos Mares» («Sea Hawk», com Errol Flyn, Claude Rains e Brenda Marshall; 23 e 45: «Telejornal» (3.ª edição, ultimas noticias); e 23 e 50: Meditação e fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — Às 14 e 40: Telescola; 19: Curso de formação de professores; 19 e 30: Telejornal e Agenda da Praça; 19 e 50: TV Educativa; 20 e 20: Carrossel Mágico; 20 e 25: Programa da Agência Geral do Ultramar; 20 e 40: Cartaz TV; 20 e 55: Ao Serviço da Nação; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: «Playhouse 90»; 22 e 20: Recital de piano por Sequeira Costa; 22 e 45: Série policial; 23 e 45: Telejornal, Meditação e Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Serviços urgentes

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas, 361353 ❁ Companhia Reunidas, 537011 ❁ Gazcidla, 538821 ❁ Gazcidla (dom. e feriados), 382069
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ❁ Voluntários, 538524.
POLICIA — G N R — serviço de emergência, 115 ❁ Segurança Pública, 366141 ❁ Judiciária, 535380 ❁ Marítima, 326456 ❁ Internacional, 362721 ❁ Viação e trânsito, 42205 ❁ G. N. R. (área rural), 36865.
SAUDE — Cruz Vermelha, 665342 ❁ Enfermagem permanente, 766161 ❁ Enfermagem de urgência, 43738 ❁ Hospital de Santa Maria, 775171 ❁ Hospital de S. José, 860131 ❁ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ❁ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ❁ Centro de intoxicações (informativa), 767777 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 ❁ Caminhos de ferro (C. P.), 869029 ❁ Caminhos de ferro (Estoril), 361121 ❁ Estação Fluvial (T. Paço), 325345 ❁ Estação Mar de Alcântara, 663195 ❁

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno M

e telefones entre parêntesis)
(Ver pelos bairros das imediações
ALCANTARA — Probidade, R. de Alcântara, 15-A-B (638589).
AJUDA — Lidia Almeida, Calçada do Ajuda, 170 (637318).
ALTO DO PINA — Eusil, Rua Barão de Sabrosa, 104 (841912).
ALVALADE — Rainha Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (765262) ❁ Alentejo, Av. do Igreja, 28-B (712682).
ANJOS — Guerra, R. Andrade, 32-36 (845513).
AREEIRO — Bela, Av. de Roma, 53-A (776314) ❁ Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 6-B (725859) ❁ Central do Areeiro, Av. Paris, 2-2-A (720820)
AVENIDAS NOVAS — Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (763016) ❁ Cardote, Lda., Av. Visconde Valmor 28-A-B-C (772291) ❁ Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55 (43938).
BAIRRO AZUL — Sirius, R. Fialho de Almeida, 38-A (44000)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascensa, Ruo 27, 4 (3 4 6)
BAIXA — Frazão, R. dos Portas de St.º Antão, 72 (328 80) ❁ Durão, R. Garrett, 90-92 (324166)
BENFICA — Marques, Est. de Benfica, 648 (700096) ❁ Vitex, Est. de Benfica, 373-B (780548)
CAMPO DE OURIQUE — Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (666206) ❁ Almeida, R. Silvo Carvalho, 36 (681126).
CAMPOLIDE — Imparcial, R. General Taborda, 28 (580931) ❁ Rualto, Ld.ª R. do Alto de Carvalhão 5-A-5-B (651721).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vito Paulo Jorge, 1 — Gairnheiros (790969).
CHILE — Lab. do Brasil R. Alves Tarego, 29-3.º (46843)
CONDE BARÃO — Lys, R. da Esperança, 17-19 (660913)
CONDE DE REDONDO — Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (45048)
ESTRELA E LAPA — Gama, Calç. da Estrela, 130 (660339)
GRAÇA — Anunciada, R. do Vigário, 14 (866360) ❁ Progressiva, R. de St.ª Marinha, 8 (863619)
LUMIAR — Patulela, Herdeiros, R. do Lumiar, 122-124 (790332)
OLIVAIS — Simão, Av. de Berlim, Rua D, 16-A (310581).
PALHAVÃ — Curie, Av. Madame Curie, 15-A (778439)
PAMPULHA — Infante Santo, R. do Olival, 290 (661003)
PATRIARCAL — Cunha, Rua da Escola Politécnica, 16 (325455).
PEDROUÇOS — Restelo, Rua Duarte Pacheco Pereira, 1-C (610741).
PENHA DE FRANÇA — Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B (842533).
PICHELEIRA — Mariuz, Calç. da Pichelaira, 140-B-C (720703-728395).
REGO — Prates & Mota, R. do Benefiência, 91 (773728)
SANTO AMARO — St.º Amaro, Rua Filinto Elísio, 29-A-B (637070).
SÃO PAULO — Ultramarina, Rua de S. Paulo, 101 (321771)
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Grilo, R. do Grilo, 25 ❁ Alves de Carvalho, Rua do Vale de St.ª Antónia, 7-9 (840125)
MOSCAVIDE — Farmácia Império — R. de Olivença, 48-A — (Tel. 2511234).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Nifo — Av. Comb G. Guerra, 64 (Tel 212070)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 86 (Tel 2420034)
OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE — Brandão — Av. da República, 77-C (Tel 247054)
ESTORIL — Costa — Av. Sabóia, 29-B (Tel 260085)
CASCAIS — Cordeiro — Av. Comb G. Guerra, 40 (el. 281419); Nova — Est. de Alvide — Fontainhas (Tel 280044).

● Linha de Sintra

AMADORA — Dias — Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Tel 934589); Campos — R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); Clabel — R. António Sardinha, lote 5 loja B (Tel 938551); S. Jorge — R. Pedro del Negro, loja 5, Reboleiro (Tel. 938703)
DAMAIA — Confiança — Est. Militar, Lote D (Tel 971023).
QUELUZ — Correia — L. do Mercado, 3 (Tel 950905); Zeller — R. da República, 83 (Tel 950043).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 98 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (Tel 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)
SINTRA — Marrazes — L. Rainha D. Amélia, 20 (Tel 980155).
COLARES — Colares — Abraão (Tel. 2990881)

● Na Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100).
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (Tel 224020)
ALMADA — Castro Rodrigues — R. Capitão Leitão, 121 (Tel 270076).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est. Nacional, 174 (Tel 224302).
BARREIRO — Normal — Av. Alfredo da Silva, 116 (Tel. 2273035).
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — P. 5 de Outubro, 62 (Tel. 2701211).
MOITA — Silva Rocha — P. da República, 16 (Tel 2390029).
MONTIJO — Montepio — R. Almirante Reis, 93 (Tel. 2300359).
SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 (Tel 2290028)
SETÚBAL — Normal do Sul — P. do Bocage (Tel. 22216).
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 91, (Tel. 2 21 85 80)

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE
Injecções — Tratamentos — Veias — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância
Telef. P. P. C. 766161

MÉDICO PERMANENTE
CLÍNICA GERAL
CHAMADAS TELEFÓNICAS 76 61 46

CENTRO ENFERMAGEM DE URGENCIA SANTA MARTA
INJECÇÕES, TRATAMENTOS E VELAS, OXIGÉNIO, SOROS E CAMAS ARTICULADAS
Rua Conde Redondo, 56, 2.º
Telef. 43738

BOLSA DE LISBOA

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compro	Vendo
Consolidado 4 3/4% 1 10	—	540$00	—
Consolidado 3% 1 10 ...	560$00	558$00	—
Consolidado 3 1/2% 1 10	—	640$00	660$00
Centenários 4% 1940	—	1.510$00	—
Obgs Tes 4 1/2% 942	—	—	—
Obgs Tes 4 1/2 % 943	—	—	—
Obgs Tes 4 1/2 % 944	—	—	—
Externo 1.ª série	—	—	850$00
Externo 1.ª série cor.	—	—	880$00
Externo 2.ª série	—	—	—
Externo 2.ª série cor	—	—	880$00
Externo 3.ª série	—	900$00	—
Externo 3.ª série cor.	—	210$00	—
Caut de 3.ª série s/juro	—		

OBRIGAÇÕES			
Aguas de Lisboa 5 %	—	480$00	490$00
C. P. 4 1/2 %	—	940$00	950$00
Gás e Electricid 3 3/4 %	—	840$00	850$00
Gás e Electricidade 4 % ...	825$00	820$00	830$00
Gás e Electricid 4 1/2 %	865$00	860$00	870$00
Gás e Electricid 5 %	—	900$00	920$00
H. E. Douro	880$00	880$00	885$00
H. E. Norte de Portugal...	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	—
Metropolitano	—	—	923$00
Petroquímica	—	870$00	880$00
Sonefe	—	795$00	805$00
T. A. P.	—	—	—
Termoeléctrica Portuguesa	—	—	—
U. Eléctrica Port 3 3/4%	—	83$00	—
U. Eléctrica Port 4% 945	—	—	—
U. Eléctrica Port. 4% 948	—	—	—
U. Eléctrica Port. 4 1/2%	—	90$00	—
U. Eléctrica Port. 5% 951	83$00	82$50	83$50
U. Eléctrica Port. 5% 1952	83$00	82$50	83$50

AC ÇÕES			
Bancos			
Agricultura	950$00	950$00	955$00
Alentejo	620$00	678$00	620$00
Angola	—	1.450$00	1.500$00
Burnay	—	2.750$00	—
Crédito Predial	1.890$00	1.880$00	1.900$00
Espírito Santo	—	13.000$00	13.200$00
Lisboa & Açores	—	4.000$00	4.100$00
Portugal	—	2.440$00	2.470$00
Português do Atlântico ...	—	5.000$00	—
Totta-Aliança	1.450$00	4.200$00	4.400$00
Ultramarino		1.450$00	1.455$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	280$00	280$00	282$00
Sagres	—	—	1.200$00
Soberana	—	—	1.600$00
Tagus	—	—	—
C.as Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	—	700$00
Ag. Cassequel	—	480$00	530$00
Ag. Colonial	—	110$00	—
Ag. das Neves	—	—	—
Boror	—	110$00	115$00
Cabinda	92$00	91$00	92$00
C. A. D. A.	—	—	—
Cot. do Buzi	60$00	60$50	61$00
Diamantes	1.120$00	1.119$00	1.121$00
Ilha do Príncipe	—	400$00	—
Incomati	—	900$00	—
Lobito	—	—	415$00
Moçambique	—	38$00	40$00
Sonefe	265$00	261$00	265$00
Zambézia	—	43$00	45$00

C.as Diversas			
Cimentos Leziria	—	1.750$00	1.850$00
Cimentos Tejo	—	2440$00	2.460$00
Ca. Navegação	—	582$00	600$00
C U F	—	1.010$00	1.020$00
Industria Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	—	—
Petroquímica	2.300$00	2.300$00	2.350$00
Portugal e Colónias	1.211$00	1.211$00	1.212$00
Port de Celulose	—	—	3.200$00
Port de Pesca	650$00	640$00	655$00
Port de Tabacos	397$00	396$00	398$00
Sacor	—	4.800$00	4.850$00
Siderurgia Nacional	—	1.100$00	1.160$00
Socel	2.020$00	2.000$00	2.050$00
Tabacos de Portugal	—	760$00	770$00
U F Azoto	700$00	696$00	705$00
Electricidade e Gás			
Aguas de Lisboa 934 ...	—	—	420$00
Aguas de Lisboa 936 ...	—	390$00	—
Eléctrica das Beiras	1.380$00	1.475$00	1.480$00
Gás e Electricidade	376$00	375$00	376$50
H. E. Alto Alentejo	157$00	156$50	157$50
H. E. Cávado	1.230$00	1.225$00	1.230$00
H. E. Douro	1.201$00	1.200$00	1.201$00
H. E. Portuguesa	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	—
H. E. Zêzere	1.415$00	1.405$00	1.415$00
Nacional de Electricidade	1.305$00	1.305$00	1.310$00
Termoeléctrica Portuguesa..	1.390$00	1.385$00	1.400$00
União Eléctrica Portuguesa	216$00	216$00	—
F. DE INVESTIMENTOS			
F. I. Atlântico	—	152$60	157$20
F. I. D. E. S.	—	105$50	108$70

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	29/5/68	4/6/68	5/6/68
GERAL	203,8	102,7	102,6
METROPOLITANAS	102,7	102,0	101,9
ULTRAMARINAS	111,5	107,6	107,6

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand ...	36$00	38$50
América:		
Dollars de 1 e 2	28$25	28$63
Dollars de 5 a 1000 ...	28$45	28$85
Canadá — Dollar	26$10	26$60
Alemanha — Marco	7$10	7$30
Argentina — Peso	—$—	—$—
Áustria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo ...	6$00	9$00
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,5	$04,68
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$56,5	$58,5
França — Franco	—$—	5$80
Suíça — Franco	6$52	6$72
Dinamarca — Coroa	3$70	4$05
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra	319$00	334$00
Inglaterra — 1/2 Libra ...	235$00	255$00
Ouro Fino — Barra	38$00	40$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras papeis de crédito
Tel. 321273

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIA DE HOJE
UM ESTRANHO EM CASA — no SÃO JORGE

SÃO JORGE — HOJE, ás 21.30 (M. 17 anos)
Tel 54153 54154 — ESTREIA
UM ESTRANHO EM CASA
com **James Mason, Geraldine Chaplin e Bobby Darin**
Às 15.15 e 18.15 (M. 17 anos): **POR MAIS ALGUNS DÓLARES**

TIVOLI — Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
Telef 50595 — 2. SEMANA
Orson Welles e Paul Newman
no filme sobre um romance de **Faulkner**
PAIXÕES QUE ESCALDAM
Maiores de 17 anos)

MONUMENTAL — As 15.15 e 21.30 (12 anos)
Tel 55 51 31 — 6.ª SEMANA
ADIVINHA QUEM VEM JANTAR?
com **Spencer Tracy — Sidney Poitier — Katharine Hepburn**
TECHNICOLOR

ROMA — Às 15.30 e 21.45 (Adultos)
Balcão 72 91 92 Plateia 72 77 78
Gian Maria Volonté, Lou Castel e Klaus Kinski
na vibrante história de um homem cujo destino era matar alguém...
O MERCENÁRIO
Uma obra-prima em Cinemascope colorido de DAMIANO DAMIANI

SÃO LUIZ — As 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
Tel 32 71 72 — Um filme baseado em factos reais Technicolor
F. B. I. CONTRA COSA NOSTRA
com **Walter Pidgeon — Celeste Holm — Susan Strasberg**

estúdio 444 — Tel. 77 96 95 — As 15.30. 18.30 e 21.45 (Adultos) — 13.ª E ULTIMA SEMANA
A PRINCESA
Realização de Ake Falck, com Crymet Molvig e Lars Passgard

AVIS — Às 15.30 e 21.45 (Adultos)
Tel. 53 23 00 — **5.ª SEMANA DE SENSAÇÃO! Lee Marvin e Angie Dickinson**
num dos mais empolgantes espectáculos da temporada!
À QUEIMA ROUPA
Um filme onde a violência e o absurdo se cruzam!
— Metrocolor —

CASINO ESTORIL — TELEFONE: 26 07 29 — Às 21.30 (M. 12 anos)
RITMO ATÓMICO
(Finders Keepers)
COLORIDO
com **Cliff Richard, Peggy Mount e Viviane Ventura**

CINEMA IDEAL — Tel. 32 41 94 — Às 21 horas (M 17 anos)
5000 DÓLARES NO AS
AS MULHERES E O REBELDE

IMPERIAL — As 15 e as 21 h (M. 12 anos)
Tel 4 59 33
AS ÁGUIAS NEGRAS DE SANTA FÉ
O FALSÁRIO DE LONDRES

LIZ — As 14.45 e 21 h (12 anos)
Tel 4 85 60
CAMPISTA EM APUROS
SENHORA DE FÁTIMA

IMPÉRIO — Às 15.15 e 21.30 (Adultos)
Tel 55 51 34
O HOMEM QUE VALIA UM MILHÃO DE DÓLARES
com **Frederick Stafford — Raymond Pellegrin — Anny Duperey — Peter Van Eyck**
Franscope — Eastmancolor
EM COMPLEMENTO:
Documentário-reportagem (colorido)
«GUINÉ 68»

estúdio — As 15.30. 18.30 e 21.45 (Adultos)
Tel. 55 51 24 — 3.ª SEMANA
Um filme de **Raoul Walsh**
FÚRIA SANGUINÁRIA
com **James Cagney Virginia Mayo e Edmond O'Brien**

MUNDIAL — As 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
Tel. 53 87 43
DEIXEM-ME VIVER
ADAMO e BOURVIL

EDEN — As 15.15, 18.30 e 21.45 (Adultos)
Tel. 32 07 68 — Color
Um filme de classe á parte. O seu nome é
CHUKA
não é fácil esquecê-lo
com **Rod Taylor — Ernest Borgnine — John Mills**
EM COMPLEMENTO:
Documentário-reportagem (colorido)
«GUINÉ 68»

POLITEAMA — HOJE, À NOITE ás 21.30
Tel. 32 63 05 — **2.º MÊS DO ÊXITO DE QUE MAIS SE FALA:**
6.ª SEMANA — Toda a verdade dos horrores da luta desencadeada contra os terroristas
Bom cinema em todas as dimensões de um espectáculo excepcional
O ÚLTIMO COMBOIO DO KATANGA
com **Rod Taylor e Ivette Mimieux** (Col.) (M. 17 anos)
HOJE, ás 18.30 — Sessão clássica (Maiores 17 anos)

ODEON — Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e ás 21.30
Tel. 32 62 83 — GRANDE ÊXITO
NOIVA POR UM DIA
com **Rocio Durcal e Vicente Parra**
(Col.) (maiores de 12 anos)

TERRASSE — Às 15 e ás 21 (M. 12 anos)
Tel. 32 09 17
AS DONZELAS DE ROCHEFORT AGARRA QUE É GENERAL

CONDES — Às 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
Tel. 32 25 23 e 32 67 10 — Um filme de **Damiano Damiani**
Espantoso de dinamismo e acção!
O MERCENÁRIO
— QUIEN SABE? —
Technicolor e Techniscope
Gian Maria Volanté — Lou Castel

RESTELO — Às 21.30 (Adultos)
Tel. 61 03 75 — Um filme de excepcional beleza que arrebata o coração menos sensível
O GRANDE AMOR DE UMA GUEIXA
com **Fugiko Yamamoto e Keizo Kawasaki**

ALVALADE — As 15.45 e 21 45 Adultos Technicolor
Tel 76 30 80
F. B. I CONTRA COSA NOSTRA
com **Walter Pidgeon — Celeste Holm Susan Strasberg**

EUROPA — As 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)
Tel. 66 10 16
CADA BALA TEM UM NOME
com **Peter Lee Lawrence — Agnes Spaak**
Color — Scope

CINE-TEATRO LIDO — As 21.30 (M. 12 anos)
Tel. 93 75 93 AMADORA
Um dos maiores «Westerns» de MONTGOMERY WOOD!!
GRINGO NÃO PERDOA

OUTROS ESPECTÁCULOS

MÚSICA

IMPÉRIO — Às 8 e 30: Sociedade de Concertos (6 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: XII Festival Gulbenkian de Música (6 anos).

TEATROS

GIL VICENTE — Às 2 e 45: «O tempo e a Ira» (17 anos)
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «A louca de Chaillot» (17 anos).
ESTUFA FRIA — Às 2' e 30: «Jacob e o Anjo» (17 anos).

CINEMAS

ARCO IRIS — Às 2': «Dupla armadilha» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «7 pistolas para os Mac Gregors» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Quando o peixe salu do mar» (17 anos).
ORIENTE — Às 21: «Um dólar furado» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «7 contra o mundo» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «4 dólares de vingança» (12 anos).
IMPERIAL — Às 21: «O falsário de Londres» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «Sebastian» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «Guia para um homem volúvel».
CAMPOLIDE — Às 21: «Chamada para a vida» (17 anos).
SPORT LISBOA E BENFICA — Às 21: «O espadachim de capa vermelha» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Os reis do sol» (12 anos).
CINE-ENCARNAÇÃO — Às 2' e 30: «Jovens de sangue ardente» (17 anos).
OLIMPIA — Às 9: «Forte Utah» (12 anos).
CASTANHEIRA — Às 2 e 45: «Ulisses contra Hercules» (2 anos)
BOMBEIROS V. LOURES — Às 21 e 30: «Missão de vingança» (12 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «Cavalgada de paixões» (17 anos).

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «O célebre roubo de Glasgow» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Os rebeldes do Canadá» e «Até á vista Itália» (12 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 21 e 30: «Ritmo atómico» (12 anos) e CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Os heróis de Cardura» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Os Corruptos» (17 anos).

● Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 2' e 15: «A dama de Beirute (17 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «A ultima aventura de James Tont» (12 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «O processo Quiller» e «Com leito val... marujo» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 2' e 30: «Uma francesa em férias» (12 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30 «Onde as balas assobiam» (12 anos).
DAMAIA — D JOÃO V — Às 21 e 30: «Os Insaciáveis» (17 anos)

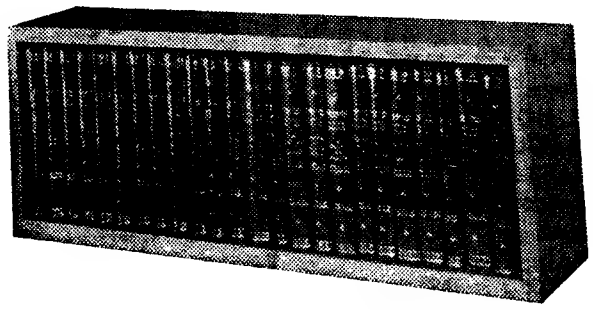
● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Meu amor... Meu amor» (17 anos). e ACADEMIA — Às 21 e 15: «O agente diabólico» (12 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21: «As aventuras de D Juan» e «O homem que não era ninguém» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 2' e 5: «O monte do desespero» (12 anos)

UMA OPORTUNIDADE

Valorize a sua biblioteca comprando uma serie de 24 volumes no formato de 16,5×11 cm, encadernados em balacuir e apresentados numa ESTANTE DE BOA MADEIRA, tudo por 600$00 — importância que pode ser liquidada em 20 prestações mensais de 30$00.

48 volumes, numa ESTANTE DUPLA, tudo por 1 200$00, em 20 prestações mensais de 60$00



Para a escolha das obras, remeteremos sem qualquer compromisso, a quem a solicitar, uma nota das mesmas.

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS E RESPECTIVA ESTANTE CONTRA O PRIMEIRO PAGAMENTO

O interessado deverá solicitar um impresso-proposta à

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO
ou à FILIAL EM LISBOA
AV. ALMIRANTE REIS, 102 - R/C. - DTO. — LISBOA 1

RECORTAR ESTE CUPÃO E REMETER À
Livraria Civilização
Gouveia, 27
R. Alberto Aires
PORTO

(D. L.) **Agradeço me enviem um impresso-proposta e lista de obras para a sua aquisição na modalidade de PAGAMENTOS SUAVES.**
NOME (Bem legível) .....
.....
ENDEREÇO .....
.....

NOTÍCIAS DE VIANA DO CASTELO

O II Encontro Luso-Espanhol de Radioamadores

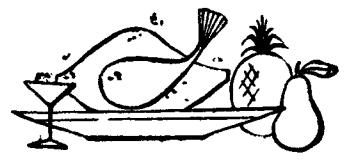
VIANA DO CASTELO, 6 — No próximo sábado, pelas 15 e 30, passa por aqui uma caravana de 50 automóveis, de radioamadores, que vão a Pontevedra ao II Encontro Luso-Espanhol de Radioamadores, patrocinado pela Rede de Emissores Portugueses, representada no Minho pelo sr. Manuel de Castro Lopes

Os radioamadores portugueses serão recebidos no «Ayuntamiento» daquela cidade espanhola e terão diversas recepções.

MOEDAS

Antigas de ouro, prata e cobre, compra aos melhores preços a
Ourivesaria Santos Catita
R. das Portas de Santo Antão, 44

bom apetite



Restaurante CASTANHEIRA — DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est da Torre - Lumiar - tel 79 01 68
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 25 anos)

ILHOTA
RESTAURANTE
R ILHA DO PICO, 19-21
Telef 49063 (Junto à Estefânia)
PRATOS VARIADOS TODOS OS DIAS
AMANHÃ
BACALHAU A ILHOTA

GAÚCHA
NOVA GERENCIA
Restaurante — Snack-Bar
COZINHA PORTUGUESA
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
MARISCOS
R. Bacalhoeiros, 26-B-C
Telef. 87 06 09 — LISBOA

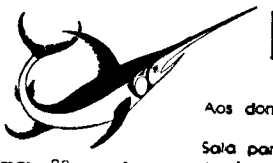
TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefania, 23 a 27
Telef 53 52 03
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes Lanches de Casamento

Parreirinha do Rato
Restaurante, snack-bar, cervejaria, mariscos
Ambiente acolhedor
Todos os dias pratos diferentes
Especialidades de churrasco frango, pato, porco e cabrito
Largo do Rato, 1
(entrada pelo arco) — Tel 685908
Parque para automóveis

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
Telheiras de Cima, 144 — Tel 790211
(2 Circular ao Campo Grande)

Aspecto de uma das salas
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 5 anos)
(AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis

VISITE SESIMBRA — Almoce no



HOTEL ESPADARTE
Serviço à carta e menú do dia — 55$00
Aos domingos das 12 às 16 horas, 8 pratos à escolha, incluindo a célebre caldeirada
Sala para 300 pessoas, marquise e esplanada frente ao mar 80 quartos com banho — Diárias desde 165$00 Telef. 22 91 89

NÃO DEIXE DE EXPERIMENTAR

A nova e sensacional loção OLIGORY FACIAL para depois da barba. Um produto que se distingue, devido à acção das vitaminas que entram na sua composição, pois deixa, como nenhum, a pele sã, fresca e macia, sem irritação de espécie alguma.
Em seu interesse experimente hoje mesmo OLIGORY FACIAL.
Dist. SOC. INDUSTRIAL FARMACÊUTICA
TRAVESSA DA ESPERA, 8 — LISBOA

Luto nacional no próximo domingo —proclamou Johnson

WASHINGTON, 6 — (R.) — O presidente Johnson proclamou imediatamente o próximo domingo dia de luto nacional nos Estados Unidos.

«A tragédia e inutil violência de que resultou a morte de Robert F. Kennedy lançou uma profunda sombra de dor sobre a América e sobre todo o Mundo» — afirmou o presidente na sua proclamação.

O presidente mandou colocar as bandeiras americanas a meia haste em todo o país e em todas as repartições americanas no estrangeiro até ao funeral do senador.

«Soou a hora de todos os americanos se unirem e caminharem juntos através desta noite de comum angustia para uma nova aurora de unidade redentora» disse o presidente, acrescentandodo que todos prometam a Deus, nas igrejas, no lar, nos nossos corações e uns aos outros que o objectivo de progresso e justiça pelo qual Robert F. Kennedy viveu. seja duradouro.

Quem perdeu?

Relação dos objectos achados em 5 do corrente mês e entregues na P. S. P. de Lisboa: uma mala de viagem com roupa; camisola de malha; dois pares de óculos de sol; dois relógios de pulso; uma quantia em notas do Banco de Portugal; uma carteira com dinheiro; dois porta-moedas com dinheiro; cédula consular em nome de José João da Costa de Jesus; um atado com livros; uns óculos graduados; um saco em plástico, com roupa; um sapato de criança; uma chapa de instrução; um tampão de depósito de automóvel; um tampão de roda; e argolas com chaves.

Morte súbita

MONTARGIL, 6 — Quando apanhava batatas na sua quinta, em Foros do Mocho, desta freguesia, a sra. D. Luzia Mendes, de 73 anos, casada, natural daquela povoação, que se encontrava de boa saúde, caiu de subito para o lado. Prontamente acudida, verificou se que estava morta.

A mãe de Bob tem menos um filho. O senador acabara de expirar em Los Angeles

Raul e Milo
(os famosíssimos do Duo Ouro Negro) abdicaram do repouso na Praia de Alvor

PRAIA DE ALVOR — Acompanhados do seu empresário, Carlos Robalo, já se encontram nesta praia os componentes do famoso «Duo Ouro Negro», Raul e Milo, que vão actuar nas instalações de «Torralta» (Clube Internacional de Férias).

Raul e Milo, saudados com muito apreço por todos os que os reconheceram, contam estrear-se, ainda esta noite, satisfazendo assim insistentes pedidos que aqui lhes foram feitos, pois inicialmente tencionavam repousar alguns dias antes de iniciarem as suas actuações na «Cabana».

Apesar de não ter sido feita publicidade á apresentação do «Duo Ouro Negro», mal houve conhecimento da sua estadia, afluiram logo pedidos de reserva para os espectáculos a realizar no Nucleo Turístico de «Torralta», nesta praia.

CONFERÊNCIAS
Na Associação Jurídica de Braga

BRAGA, 5 — No sábado, ás 17 e 30, proferirá na sede da Associação Jurídica, Rua Conselheiro Januário, uma conferência subordinada ao título «Tendências da Legislação Ultramarina em África» o advogado argentina dr. Alfredo Héctor Wilensky, que se encontra em Portugal como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Haverá colóquio.

PRÓXIMOS FERIADOS

Com conforto, tranquilidade e belas paisagens

BUÇACO — PALACE HOTEL
CARCAVELOS — HOTEL PRAIA-MAR (com piscina)
COIMBRA — HOTEL ASTÓRIA
CURIA — PALACE HOTEL (com piscina)

Informações e reservas:
Hotéis Alexandre d'Almeida
Rossio, 108-2.º — LISBOA — TELEF.: 36 13 79
e nas Agências de Viagens

SANTARÉM FEIRA DO RIBATEJO

O MAIOR ACONTECIMENTO TAURINO DO ANO

M/6 ANOS

Domingo, dia 9, às 18 h.

CAVALEIROS
MANUEL CONDE
JOSÉ LUPI
ESPADAS
ANTÓNIO CHENEL
«ANTOÑETE»
AMADEU DOS ANJOS
FORCADOS
AMADORES DE MONTEMOR
CHEFIADOS POR
JOAQUIM CAPOULAS
8 TOIROS 8
DE
CABRAL DE ASCENSÃO

13 de Junho, às 17.30
CORRIDA DE GALA
à antiga portuguesa
GUSTAVO ZENKL
VICTOR RIBEIRO
FREDERICO CUNHA (Amador)
*
FORCADOS AMADORES DE ÉVORA E DO RIBATEJO

16 de Junho, às 17.30
JOSÉ ATAÍDE
*
LUÍS M. DA VEIGA
*
JAIME OSTOS
*
MÁRIO COELHO
*
Forcados Amadores de Santarém
*
8 TOIROS DE JOSÉ LICO
*
BILHETES À VENDA
Em Lisboa: nos Restauradores, 7 (Tel. 321712 e 30769) e na A. B. E. P.
Em Santarém: na R. Guilherme de Azevedo, 15 (Tel. 485) e nos dias de espectáculos, nos bilheteiras da Praça.

10 DE JUNHO, ÀS 17.30 H.
TENTA

UMA REVELAÇÃO PARA O AFICIONADO
UMA OPORTUNIDADE PARA A JUVENTUDE!

DIRIGIDA POR:
MANUEL DOS SANTOS
«ANTOÑETE»
AMADEU DOS ANJOS
MÁRIO COELHO

CARROS USADOS
PROVENIENTES DE TROCAS
VÁRIAS MARCAS E MODELOS
Facilita-se troca e pagamento
Stand Moderno
Rua João Saraiva, n.º 15 (Alvalade)
Ford

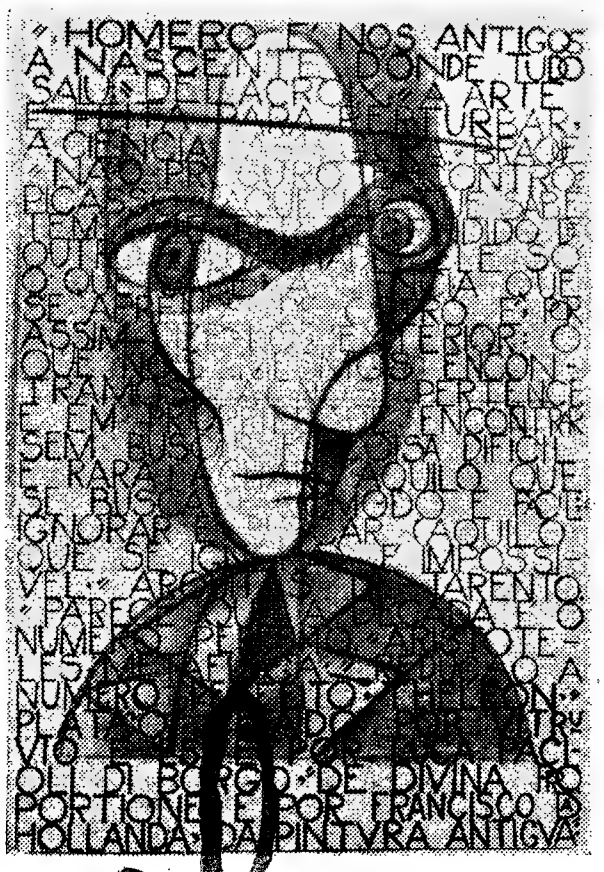
GRANDE COLECÇÃO
DE CALÇAS
E CONJUNTOS
DE CALÇAS E CASACOS
RUA SERPA PINTO, 14, 1.º
TELEFONE 32 08 43
RUA NOVA DE S. MAMEDE, 38
TELEFONE 67 30 77

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA FAP

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

David Mourão Ferreira
Eduardo Prado Coelho
José-Augusto França
Luiz Francisco Rebello
Manuel de Azevedo
Urbano Tavares Rodrigues
Victor Silva Tavares

N. 514/6 DE JUNHO DE 1968



Almada
revisitado
em entrevista imaginária

por Victor Silva Tavares

MARCO um reencontro com José de Almada-Negreiros. Ei-lo à minha frente na cabeça um enorme boné de 1926. O *d* de almada que se destaca no auto-retrato tem a mesma voluntariosa precisão do risco dos olhos oblongos, do nariz que à falta de melhor direi espanhol, do lábio firme de recortar palavras.

A presença do artista, a um tempo misteriosa e dominadora, intimida-me. Sei por ele da relevância das perguntas sobre as respostas: de modo que estou eu à prova, nesta ficção de entrevistador. Aceitemos o jogo. Então arrisco:

— Mestre Almada (sempre o tratei assim e gosto e devo): ao imaginar a entrevista fui reler alguns dos seus textos. O mais antigo é de 1915, o mais recente de 1963. Ora bem: poderei, será legítimo, sem trair o autor, desligá-los da hora em que foram escritos e considerá-los no presente?

— *Faço lembrar-lhe as palavras que escrevi a José Pacheco no prefácio à noveia «A Engomadeira»: «V. sabe bem quando eu contradigo a minha obra anterior, mas também sabe que se a contradigo não o renego nunca.»*

Mais tranquilo (estarei mesmo?) aventuro-me a um tema que deu muito que falar e esteve na base de um «Manifesto anti-Almada». Sim, o homem que zurziu o Dantas estaria assumindo agora um papel semelhante ao da medalhada personalidade sua vítima. Mal abordo a questão, Almada-Negreiros corta:

— *Toda a homenagem, mesmo no melhor dos casos, não pode deixar de ser nunca senão desastre. Dê-se ao merecedor o louro vegetal. E calem-se (...) Homenagear não é senão conveniência do homenageante em determinado engendrado social. É afinal o homenageante que se homenageia ou se instrui tarde.*

— Mas a homenagem é fruto da admiração. Não foi o Mestre que disse que «mais importante do que o Homem é a sua capacidade de admiração?»

— *Não há melhor compensação para a nossa vida do que a admiração dos outros pelo que merecemos, mas também não há pior momento humano do que aquele em que nos admiram sem acertar com o exacto do nosso valor. A pessoa verdadeira prefere inimigos autênticos a admiradores sem pontaria.*

Registo e abordo outra questão, porventura irritante:

— Na sua obra de pintor há quem saliente apenas o virtuosismo do desenho e o sentido do espectáculo...

— *Bem: até hoje pelo menos nunca foi novidade para ninguém que a mãe de todas as artes se chama desenho. Quanto ao mais: a minha arte pretende chegar ao espectáculo, porém com um fundamento que não é de hoje nem de ontem, mas de sempre. De resto, o primordial do espectáculo é a superintendência da arte.*

E acrescenta, mordente:

— *Devia haver uns olhos postiços para pôr naqueles para quem certas coisas são invisíveis.*

Parto já noutra direcção (única?), viajando no tempo como um personagem de ficção científica. O Almada continua à minha frente, dois olhos perfuradores que me espevitam a memória para uns versinhos de Reynaldo Jardim sobre o Picasso: «Perspectiva melhor não sei haver: olhar mais do que o olho pode ver.» É esse olhar, o mesmo. Tenho dificuldade em evitá-lo mas vou-me às palavras do retrato. A segunda citação é de Braque: «A arte é feita para perturbar, a ciência assegura.» Vejamos:

— Creio ter sido o Mestre Almada quem um dia atribuiu à arte a posição (e a função) de Dianteira. E a ciência? Não estará hoje mais *adiantada*, ocupando lugar preponderante no plano do conhecimento humano?

— *Apenas ciência ou apenas arte, não são conhecimento. O seu absoluto é arte-ciência. O binário faz conhecimento. Arte é antecedência de Ciência. Ciência é consequência de Arte. Tanto Arte como Ciência fazem-se cada uma conhecimento, criando cada uma os seus binários, as suas antinomias, os seus ismos. A simultaneidade destes saberes binários conduz a e estabelece conhecimento.*

Os olhos do retrato vão querer dizer mais. Almada dispara:

— *E de que serve o livro e a ciência se a experiência da vida é que faz compreender a ciência e o livro?*

— Sim, sem a experiência nada feito. Mas a humanidade tem hoje acumulados vários milénios de experiência. Não será altura de romper decisivamente para o futuro? Não o estaremos já vivendo?

— *Meu caro: a humanidade abre o caminho para uma nova idade da qual nós seremos os primitivos.*

— Seja. Nesse caso, que poderemos fazer?

— *O único serviço que podemos realmente prestar à humanidade é continuá-la. O resto são detalhes.*

Mal acabo de escrever já o Almada insiste:

— *O mais difícil (é) ficar outra vez ignorante: aquela genial ignorância das idades onde se começam todas as coisas deste mundo.*

Pareço um colegial — se é que o não sou mesmo. A cada momento engasgo a entrevista. Para animar a prosa (e o leitor) procuro recorrer a citações tenho-as aos montes. Mas prefiro os erros próprios e a consciência deles. Prossigo:

— Continua de pé a velha querela do realismo na arte: em termos grosseiros, mas aqui necessàriamente sintéticos, digamos que para uns a equação dos dados fornecidos pelo real é factor imprescindível na criação artística e que para outros a arte não deve não pode estar subordinada à realidade. Qual a posição de Mestre Almada?

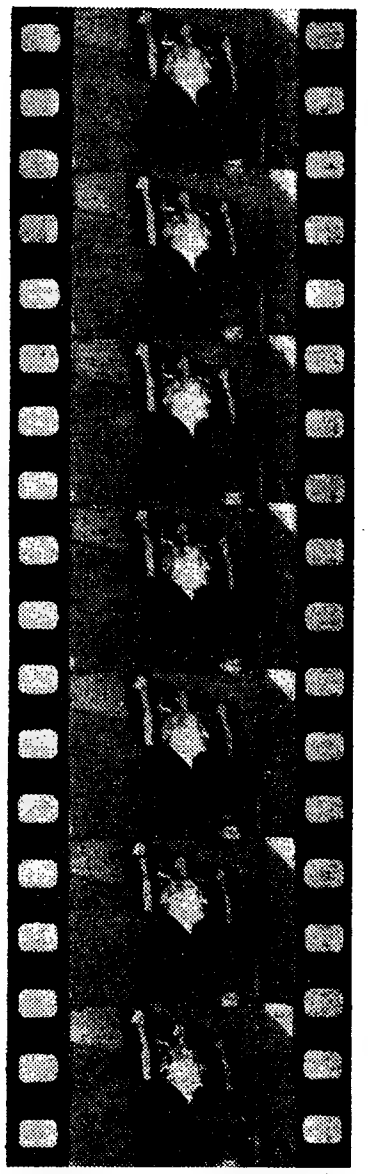
— *A arte é sempre uma transposição da realidade e começa quando a realidade não é a copiada mas a imaginada (...) Parece paradoxal mas o maior estorvo para a representação (representar, tornar presente) da realidade é a presença da própria realidade. Das duas uma: ou presente ou representada. Razão tiveram os Gregos ao pôr máscaras nas caras dos seus actores: as caras são realidade e esta está simbolizada nas máscaras; o símbolo é realidade imaginada, é com símbolos que se expressa a arte.*

E reforçando o seu ponto de vista, Almada acrescenta, veemente:

— *A realidade, sendo de facto o que já existe feito, não deixa por isso de ser quase sempre um empecilho. Em vez de passagem é muro, não se pode transpor sem agilidade. E quando o facto real é um resultado da nossa vontade, que a tanto se empenhou, de empecilho pode fàcilmente transformar-se em muralha opaca que nos não deixe ver a nós mesmos do lado em que ficámos. Chama-se a isto não saber ver ao longe.*

(De novo na memória o olho do Picasso: olhar mais que o olho pode ver).

— *Quem não sabe ver ao longe tanto lhe faz como não*



que exista o longe, por isso tapa-o. Isto é, inventa-se um buraco para si, por cobardia de não ter ido a passo acertar-se com a sua própria estatura. Apressa-se para que a sua autobiografia não fique desmerecida aos olhos dos presentes, fabrica coerência para todos os seus actos e esquece só que tudo partiu afinal de não ter podido prosseguir na lealdade que se devia a si mesmo. A condição para saber ver ao longe é estarmos dentro de nós se se trata do próprio, ou de ter renunciado a si mesmo se se trata dos outros.

— Voltando à vaca fria: há quem argumente que uma arte alienada *(sic)* do real presta mau serviço à sociedade. E insiste-se, hoje mais do que nunca, na necessidade social

(Continua na página seguinte)

SUPLEMENTO Diario de Lisbôa LITERÁRIO

ACTUALIDADE LITERÁRIA
Um escritor português nos Estados Unidos (José Rodrigues Miguéis), por *Manuel de Azevedo.*

LITERATURA
O romance: lembrar ou esquecer — Aragon e «Blanche ou l'Oubli», por *Urbano Tavares Rodrigues.*
O último Nabokov
Mais tópicos para um estudo sobre Branquinho da Fonseca, por *David Mourão Ferreira.*

ARTES PLÁSTICAS
Cem vezes cem, folhetim artístico de *José Augusto França.*
A pintura de Nadir Afonso

POLÉMICA
Sobre um texto de Vergílio Ferreira, por *Eduardo Prado Coelho.*

TEATRO
Duas palavras acerca do teatro de José Régio, por *Luís Francisco Rebello.*

ENTREVISTA
Almada revisitado, entrevista imaginária por *Vítor Silva Tavares.*

CINEMA
Cinema francês: A guerra não acabou.

Almada revisitado

(Continuação da página anterior)

da arte, no dever de o artista criar arte para o social.

— *Olhe: houve ocasião de tomarmos juntos o pequeno almoço durante mais dum mês consecutivo Garcia Lorca e eu. Um dia já na rua dirigiu-se a Frederico um jovem enxuto como aço de navalha. Encostou-lhe o indicador ao peito e sentenciou: Tens de fazer arte social! — Arte social?! Frederico puxou escarro que não tinha e cuspiu-o para o lado: A arte é o social.*

Almada mordeu a citação com recorte espectacular («à espanhola», volto eu), mas prossegue já:

— *O social tem de recomeçar o social. Tudo quanto não for a coerência mental e a sensível, indesligadas, de cada particular, não leva a nada. Leva. Leva à guerra.*

— Mas, por si só, a coerência do particular pode igualmente manifestar-se em desfavor da humanidade...

— *O respeito pela humanidade começa exactamente em cada um de nós. Está fora de dúvida que cada um deve ser como toda a gente, mas de maneira que a humanidade tenha efectivamente um belo representante em cada um de nós.*

— Um belo representante... Não será isso uma utopia? Emendo: não será isso uma outra forma de sebastianismo?

— *Não. É preciso destruir este nosso atavismo alcoólico e sebastianista de beira-mar. É preciso destruir sistemàticamente todo o espírito pessimista proveniente das inevitáveis desilusões das velhas civilizações do sentimentalismo.*

— Entretanto, qual o sentido da caminhada do homem que um dia afirmou que se não fosse por arte não seria doutro modo?

— *O meu único desejo é colaborar com a minha parte no único que existe no mundo ou seja a própria vida. E isto não é ter uma especialidade creio eu: viver. Viver é colaborar com todos na própria vida.*

Almada fita-me longamente, trespassa-me. Já não é a mim que fita (aliás, sou eu que estou olhando para ele). Almada vê ao longe, carrega o olhar sobre o mundo. Sei, sinto que vai haver estocada. Ei-la:

— *Os palermas que não percebem nada da vida são piores que os malandros.*

NOTA:

Para a redacção desta entrevista imaginária foram consultados os seguintes textos: *A Cena do Ódio*, 1915, *Ultimatum futurista às gerações portuguesas do sc. XX*, 1917; *A Engomadeira*, 1917; *Pierrot e Arlequim*, 1924; *Nome de Guerra*, 1925; *S. O. S.*, 1928/29; Revista *Sudoeste* n. 1, 1935; *Desenhos Animados Realidade Imaginada*, 1938; *Prefácio* a «Um Homem de Barbas», de Manuel de Lima, 1944; Revista *Eva*, Dez. de 1956 (artigo de Urbano Tavares Rodrigues); Catálogo da exposição de Hirosuke Watanuki, 1963; *Orpheu 1915/1965.*

Chama-se a atenção para o facto de algumas das «respostas» de Almada-Negreiros terem sido montadas com citações provenientes de várias obras distintas.

Mais tópicos para um estudo sobre Branquinho da Fonseca

por David Mourão-Ferreira

Aludi, em artigo anterior, ao período em que Branquinho da Fonseca exclusivamente utilizou o pseudónimo de António Madeira (1938-1942) para o considerar como o início da sua fase de *plenitude*. E talvez tivesse sido oportuno, na altura, lembrar a predilecção dos homens do grupo da *Presença* (a que Branquinho da Fonseca pertenceu entre 1927 e 1930, e de que depois se desligou), pelo uso dos pseudónimos. Bastará citar os casos de José Régio, de Saul Dias, de Miguel Torga; e, episódicamente, como vimos, o do próprio Branquinho da Fonseca. Na literatura portuguesa dos ultimos cento e cinquenta anos, não creio que proporcionalmente se encontrem, com semelhante frequência, casos congéneres em qualquer outro grupo. É claro que poderá explicar-se de muitas maneiras essa necessidade de dissociar o ente criador do indivíduo social; mas não há duvida que ela corresponde a uma crise bastante generalizada — e que vem de longe — nas relações entre a literatura e a vida. «Escrevo sempre com uma máscara sobre o rosto», dizia o Barnabooth, que era, ele próprio, já uma «máscara» de Valery Larbaud. «Quando quis tirar a máscara,/Estava pegada á cara», observava Alvaro de Campos, uma das «máscaras» de Fernando Pessoa. Dos quatro autores da *Presença* que usaram «máscara» (e que são, aliás, os quatro maiores de todo o grupo), só Branquinho da Fonseca se mostrou capaz de colocá-la e retirá-la quando bem lhe apeteceu — o que decerto nada significa para a intrínseca valorização da própria obra, mas que indirectamente revela uma congénita disponibilidade, uma fundamental mobilidade, uma estrutural desenvoltura. E estas são características essenciais na sua obra de ficcionista.

Mas falemos agora, mais concretamente, da sua fase de *plenitude* e vejamos como ela afinal se caracteriza pela sucessão de dois períodos diferentes.

Recentemente, no decurso de uma conferência cujo texto ainda não foi publicado, tive ensejo de estabelecer uma distinção entre duas correntes fundamentais na novelística portuguesa dos ultimos cinquenta anos, adoptando para cada uma delas, na esteira de Julien Gracq, as designações de «literatura de ruptura» e «literatura de tradição»: no nosso caso particular, quer-me parecer que a primeira se tem principalmente desenvolvido sob o signo de Raul Brandão e a segunda sob o patronado de Aquilino Ribeiro. A primeira anda geralmente ligada uma problemática de raiz ontológica ou de expoente existencial, enquanto a segunda, mais empenhada na *mimesis* da realidade — quer pela via do picaro que pela do «costumbrismo» —, tende constantemente a penetrar na área do social ou do etnográ co. Em semelhante perspectiva, direi que as obras de Branquinho da Fonseca, na fase da *plenitude*, evoluem nitidamente do primeiro grupo para o segundo, visto que *Caminhos Magnéticos*, *O Barão* e *Rio Turvo* se situam nas proximidades da obra brandoniana, ao passo que *Porta de Minerva*, *Mar Santo* e *Bandeira* Preta, a despeito da sua forte originalidade, revelam antes laços de parentesco com alguns espécimes da bibliografia de Aquilino. Trata-se, em suma, de um itinerário diametralmente oposto ao de Vergílio Ferreira, grande ficcionista da geração seguinte, cuja obra ascendeu precisamente do plano de uma «literatura de tradição» para o plano de uma literatura de ruptura», do social (e até do etnográfico) para o existencial e para o fenomenológico, dos limites de verificável para os horizontes do problemático.

Pela maneira como acabo de colocar a questão, vê-se bem para que lado se inclinam as minhas preferências mais íntimas. Não há duvida, no caso de Branquinho da Fonseca, que ainda hoje continuo a preferir o período constituído pelos *Caminhos Magnéticos*, *O Barão* e *Rio Turvo* ao período seguinte — o de *Porta de Minerva*, *Mar Santo*, *Bandeira Preta*. Mas isto não passa, no fim de contas, de uma opção subjectiva. Objectivamente, tenho aliás de reconhecer que este segundo período da sua fase de *plenitude* se caracteriza, em bloco, por uma muito maior mestria narrativa, por uma segurança de tom que nem sempre tem paralelo no período anterior, por um sentido da proporção, da construção e da harmonia do conjunto que ás vezes fazia falta na economia dos livros precedentes. Por isso mesmo, creio que nem *Porta de Minerva* nem *Mar Santo* mereceram a reticente reserva com que foram acolhidos por alguma crítica: a própria circunstancia de um mesmo autor, com breve intervalo, apresentar duas obras tão dissemelhantes — em que todavia é «audível» o pessoalíssimo timbre da sua voz — deveria bastar, só por si, para que todos o saudassem, a um tempo, como um dos mais autênticos e versáteis ficcionistas da língua portuguesa. E creio ainda que *Bandeira Preta*, tanto no estrato do estilo como no da composição, tanto no estrato do «sentido» em que as narrativas unitáriamente se organizam como no do «mundo» infantil e adolescente que todas elas evocam, é sem duvida o livro mais *perfeito* de quantos até agora foram escritos por Branquinho da Fonseca.

☆

O poderoso «impacto» (como hoje se diz) produzido pelos *Caminhos Magnéticos*, logo na altura do seu aparecimento, está bem visível no *tom* de algumas das primeiras críticas que o livro obteve. Penso, nomeadamente, num artigo de José Régio, publicado no numero 3 da *Revista de Portugal*, em Abril de 1938, e numa nota de Adolfo Casais Monteiro, inserta no numero 53-54 da *Presença*, em Novembro do mesmo ano. Régio, por exemplo (e todos sabemos como ele nunca foi muito pródigo em juizos destes a respeito dos seus contemporaneos), depois de sublinhar que «a superioridade dos *Caminhos Magnéticos* está na sua natural fusão de realismo e poesia» e que «o autor se exprime numa linguagem muito saborosa nas *gaucheries* conscientes, variada de ritmos, quase sempre segura de si, profundamente alimentada do humus popular, natural nos diálogos, admirável de simplicidade principalmente nos lances capitais», concluía do seguinte modo: «Embora tanto com o nome de António Madeira como com o de Branquinho da Fonseca o autor já nos tivesse dado importantes fragmentos do seu talento, — os *Caminhos Magnéticos* são, até certo ponto, uma revelação e uma estreia; uma explêndida estreia». E Casais Monteiro, por sua vez, assinalando, com toda a justiça, a sobriedade dos contos de Branquinho da Fonseca, observava que «este é sem duvida um sinal de que nos encontramos ante um artista que por uma grande parte poderá acabar com a triste deficiência de criações romanescas da nossa literatura».

Quatro anos depois, com o aparecimento de *O Barão*, as mais-que-promessas contidas nos *Caminhos Magnéticos* não só se viram inteiramente justificadas como ficaram superadas ainda — e numa nova direcção que os contos anteriores não faziam prever. João Gaspar Simões, ao recensear os *Caminhos Magnéticos*, no *Diário de Lisboa*, de 31 de Março de 1938 (aliás, também, com o maior entusiasmo), profetizava o seguinte em relação a Branquinho da Fonseca: «o romance sem heróis, como que uma gesta popular — eis talvez o seu verdadeiro caminho»; e acrescentava: «Enganar-me-ei? Não sei. O futuro o dirá».

Se atendermos ao caso singular do *Mar Santo* — que em grande parte é uma «gesta popular», cujo herói central é o próprio Oceano, como já observou António Quadros —, poderemos dizer que João Gaspar Simões não se enganou inteiramente no seu vaticínio. Mas o que ele não podia prever — nem ele nem ninguém — era o aparecimento, logo a seguir aos *Caminhos Magnéticos*, dessa exemplar novela de heróí, dessa extraordinária criação mítica que seria *O Barão*. Dela falaremos num próximo artigo.

em exposição na
GALERIA QUADRANTE
Av. Luís Bivar, 85
o novo romance de
José Cardoso Pires
O DELFIM
MORAES editores

De GÜNTER GRASS,
um dos maiores escritores
da Alemanha moderna,
acaba de ser publicado o romance
O GATO e o rato

O drama da consciência humana e da dignidade perante o colapso de valores numa guerra moderna.
A ironia e a amargura de uma juventude sacrificada pelo orgulho.
UMA OBRA PROFUNDAMENTE TERNA E HUMANA.
Col. «Nova Literatura», 200 págs. — 45$
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8, Mem Martins
Delegação em Lisboa: Rua das Flores, 45, 2.º
Delegação no Porto: Rua de Entreparedes, 6-2.º

Cem vezes cem

Folhetim artístico de José-Augusto França

EXISTEM em Lisboa cem pessoas que todos os meses se reunem e, tendo quotizado cem escudos, entre si sorteiam duas ou três obras de arte moderna portuguesa. A si próprias se chamam Clube dos Cem-Cem. É uma coisa simples, com poucos regulamentos e sem qualquer burocracia. Nem presidente. Dura exactamente há dois anos — que, dado o «tempo» das actividades artísticas em Portugal, valem por muito mais. A ideia, diga-se desde já, foi brasileira e ao entusiasmo do arquitecto Henrique Mindlin que entre nós trabalhou dois ou três anos se ficou devendo a sua realização.

Dois anos a cem escudos por mês vezes cem pessoas representa duzentos e quarenta contos de compras de obras de arte moderna no mercado português, verba considerável no acanhado do meio. Repare-se que são obras de arte moderna, muitas delas de teor vanguardista, adquiridas a jovens artistas de pouco êxito comercial — valores de amanhã, muito provàvelmente, dentro dum jogo de cotações que começa a estruturar-se e do qual em breve me ocuparei (grave problema, acreditem os inocentes e os especuladores...).

De qualquer modo assim se cobre um sector desfavorecido — e com um interesse nacional já indiscutível. E ele é coberto com uma percentagem de acerto que me parece positiva.

AUTORES das obras sorteadas? Começou-se com Almada Negreiros, como era cronològicamente justo, abriu-se uma excepção para um artista falecido, que foi Bernardo Marques, outra excepção para um brasileiro, que foi o excelente gravador Artur Piza. E a lista dos nomes inclui pintores como Mily Possoz, Jorge Barradas, Hogan, João Vieira, Calvet, Menês, Vespereira, Pomar, Nikias, Escada, Alice Jorge, M. Baptista, Siqueira, Helena Almeida, Durdil, Cargaleiro, Palolo, Nery, Tomás Mateus, Lurdes Castro, Dintel, Espiga, Aldina, Maluda; escultores como Cutileiro, Chaters de Almeida, Noronha da Costa; desenhadores como Cruzeiro Seixas, Eurico Gonçalves; gravadores como Bartolomeu Cid, Manuel Jorge — e como Maria Helena Vieira da Silva.

Poucos artistas válidos estão ainda de fora — e também alguns inválidos ficaram dentro, por um ou outro equívoco dos escolhedores do clube, eleitos também. Quem se não engana? Num balanço final, o saldo é bem positivo e isso sobretudo significativamente interessa.

Quem são os escolhedores? Vários — arquitectos, escritores, coleccionadores, e até o eng. Santos Simões e eu, uma vez ao ano, no «roulement» estipulado.

...Temos então um clube e cem pessoas dentro dele, reunindo-se como familiarmente para tirarem dum saco dois ou três números, uma vez por mês, em casa de um ou de outro sócio ou nas salas por favor cedidas do Grémio Literário. Durante as reuniões acontecem coisas — e sobretudo um convívio entre gente que a pouco e pouco fende barreiras de bisonhice (senão, perdôem-me, de snobismo) lisboeta, e que tal convívio e mais acção pede, como se viu num inquérito agora mesmo feito entre os sócios. Pode também acontecer um artista autor de obra seleccionada vir dialogar com os «cem-cem» — e isso já deu interessantes sessões, com viveza de espírito e proveito de informação. Lembro-me de tais conversas com o Nikias Skapinakis e com o Manuel Baptista, que foram notáveis. Pode igualmente suceder que o seleccionador do mês explique as razões da sua escolha, e que a propósito de um acontecimento (a exposição do Picasso ou a do Viana, por exemplo), de uma viagem, alguém diga o que lhe parece ou conte o que viu — e assim tem feito o eng. Santos Simões, o Ruben A, o arq. Formosinho Sanchez, o Rui Mário Gonçalves, e eu próprio, vezes de mais (acharão...) posto na berlinda. O que importa é que o diálogo se estabeleça, a propósito disto ou daquilo — uma pequena «charla» para fazer contacto, e as pessoas vão ficando, ouvindo, perguntando, interessando-se...

Interessando-se — eis a palavra. Só de interessados o clube se compõe, voluntàriamente, com entradas e saídas ao longo dos dois anos de vida, sim, mas com um núcleo inicial que se mantém, e gente, até, que espera vaga, como numa academia de mortais...

CEM pessoas diferentes (e algumas esposas que, fora eu, outro folhetinista diria «gentis») compõem então esta espécie de *élite*. *Élite* mesmo?

Vários coleccionadores «quase toda a meia dúzia que temos», alguns arquitectos, decoradores, escritores (tão poucos os que de arte querem saber...), três historiadores da arte e um crítico da mesma, muitos médicos e certos advogados e engenheiros, professores universitários, actores, presidentes de instituições culturais (ou de uma só), directores de companhias, banqueiros, comerciantes, industriais, quatro directores de galerias, vários diplomatas nacionais ou estrangeiros. A discrição manda calar nomes e apenas importa mostrar esta imagem sociológica de uma grande-e-média burguesia capaz da inteligência e da humildade de participar numa obra cultural. (A ausência de pintores e de escultores é devida a óbvias razões de regulamento).

Élite social, sem dúvida, segundo as bitolas estatísticas — mas, em dosagem animadora, *élite* cultural também, na medida em que dentro dela cabe muito do pouco que há, entre nós, de gente artisticamente cultivada e actual. Dentro de certa classe, me dirão — e é verdade.

Eu tenho para mim, porém, que a arte deve ser para todos e não só para alguns, mesmo muitos — e vendo-a hoje, com todo o gosto mas só hipotèticamente, alargar-se ao povo, não me pareceria bem que dela se excluíssem os poderosos deste mundo, numa espécie de snobismo ao invés, pretensamente democrático. Seria, ao fim e ao cabo, de uma evolução histórico-social do Ocidente, perder uma dimensão já adquirida. Arte para todos, pois, e também para estes que dela igualmente precisam — e ultrapassam anualmente com suas compras o orçamento do museu de arte contemporânea.

Trata-se de um fenómeno sem dúvida útil e eu quase acrescentarei: milagroso. É importante no contexto duma vida artística que (dizia o Machado de Castro) um «astro maligno» perseguia, ou persegue...

O futuro? Ao clube pertence, certamente, fazê-lo. Mas na sessão dos dois anos de idade, foi apresentada uma ideia de Ernesto de Sousa, de fazer um filme sobre o Almada Negreiros. Filme de arte e filme-inquérito num projecto estético «aberto» e inédito, bem entendido das possibilidades e das necessidades actuais do cinema como meio de pesquisa e como linguagem expressiva. Nele viria a colaborar o melhor da crítica portuguesa.

Houve, logo, apoio prometidos, dos presentes e de empresas por alguns dirigidas, facilidades bancárias sugeridas — toda uma infra-estrutura indispensável, na qual, ainda mais no fundo, sobretudo, deve contar o entusiasmo com que a ideia foi recebida.

...E se não forem os Cem-Cem a fazer ir a ideia para a frente, receio eu, por experiência triste de programas indeferidos, que ninguém mais o venha a fazer...

LIVRARIA 111

Campo Grande, 111

o novo romance de

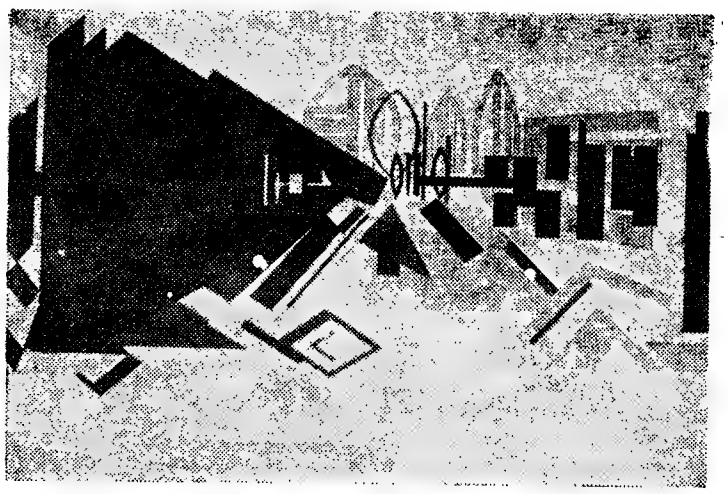
José Cardoso Pires

O DELFIM

MORAES editores

Ronda das galerias

ARCHOTE (Av. da Liberdade, 224) — **Fred Kraddolfer (Pintura).**
DIÁRIO DE NOTÍCIAS (Largo do Chiado) — **Miguel Arruda (Escultura e Desenho).**
111 (Campo Grande, 111) — **Rocha Miranda (Guaches e Desenhos).**
DINASTIA (Rua da Escola Politécnica, 183) — **Pintores e escultores.**
GALERIA DE ARTE MODERNA (Rua Mouzinho da Silveira, 1) — **António Charrua (Pintura e Escultura).**
GALERIA DA BIBLIÓFILA (Rua da Misericórdia, 102) — **Jacqueline Muller (Pintura).**
GRAVURA (Travessa do Sequeiro, ás Chagas) — **Rafa Nasin, Salem Dabbagh e Hashim Samarchi (Gravura).**
LICEU DE PEDRO NUNES (Av. Pedro Álvares Cabral) — **Carlos Botelho (Pintura), até o dia 8.**
QUADRANTE (Av. Luís Bivar, 85-C) — **Manuel Baptista (Pintura).**
SAN CARLOS (Largo de S. Carlos) — **João Ayres (Pintura).**
SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO (Palácio Foz) — **3 Mil Anos de Pintura Peruana; Escultura de alunos do Liceu Camões.**
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES (R. Barata Salgueiro) — **Victor Palla (Pintura).**
JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL — (Arcadas do Estoril) — **Salão de Primavera (Pintura, escultura, desenho e gravura).**
CASINO DO ESTORIL — **Stella do Brito (Pintura).**



A pintura de Nadir Afonso

O último prémio nacional de pintura apresentou-se agora, em grande exposição individual, no Palácio Foz. E aí está um dos méritos de Nadir Afonso e demonstrador da sua personalidade. Pareceu-lhe e bem que, distinguido pelo júri, o público deveria ter oportunidade de apreciar devidamente a sua obra de conjunto, numas dezenas de quadros dos últimos anos que lhe permitissem avaliar o pintor em visão mais ampla do que a de dois ou três quadros, distinguidos em exposição colectiva.

Nadir Afonso apresenta-nos trinta obras desde 1953 a 1967 e, em tão grande trato de tempo, o que logo ressalta no conjunto é a unidade da obra, como se o pintor tivesse encontrado a sua maneira definitiva. Não dizemos a perfeição porque há colinas e outeiros; mas a forma é uma só e concorde consigo mesmo o conjunto. Não há quadro que precisasse de assinatura para ser reconhecido como de Nadir Afonso.

Arquitecto, formado na escola do Porto, Nadir Afonso tem na sua pintura toda a estrutura da profissão, com seus horizontes, volumes e planos, tudo geomètricamente calculado e equilibrado. A cor faz parte integrante da obra deste pintor; mas apenas como complemento.

Alguém falou já de arte musical a propósito da pintura de Nadir Afonso e temos de dizer que a expressão se ajusta perfeitamente à qualidade da sua arte, como aquele que falava da cor dos sons e do volume das cores. É uma arte, não apenas harmoniosa, mas vibrante, e também há qualquer coisa de cinematográfico nos quadros que ali vemos na sala onde não há muitas semanas esteve a densidade toda, a matéria sólida de Eduardo Viana. E que diferença, entre um e outro!

Diz um dos críticos que mais penetrantemente interpretaram a pintura de Nadir Afonso: «...Assim, as formas de uma composição serão animadas. As formas, movimentando-se por intermédio da técnica cinematográfica, darão nascimento a uma arte que desde já poderemos chamar: arte cinética... A única finalidade desta arte, que atingiu na sua evolução o nível da arte musical, é a de emocionar, mediante uma harmonia onde não exista qualquer evocação ou sugestão dos sentimentos desta realidade física que nos envolve no seu manto de necessidades e exigências».

Nadir Afonso procurou interpretar o movimento e o espaço. O movimento deu-no-lo paralelamente ao espaço, atirando para este com os objectos que se movem ou se fixam nele e nele servem de ponto de referência. E, com o espaço e o movimento, vem-nos a vibração da cor a par da harmonia da disposição. Harmonia esta que é simultâneamente cor e movimento.

A simplicidade e a leveza das formas são outra característica da obra de Nadir Afonso; características essas que iludem muitos dos espectadores, como se fosse fácil tal pintura. Tão fácil como aqueles versos populares, aquelas quadras que todos decoram e que parecem nascidas como a água das fontes. Fáceis? Que o digam os que um dia sentiram a tortura de simplificar, simplificar sempre mais e mais as formas, reduzindo-as a um mínimo.

A exposição que ali está, no Palácio Foz, constitui o mais precioso documentário da arte e da evolução do pintor Nadir Afonso. Há que fixá-lo e apreciar-lhe a solidez dentro daquela leveza de pluma e daquela suavidade de colorido que ressalta à primeira vista.

Olhe-se aquele quadro de 1964, por ele intitulado «*Les Villes*» (e não sabemos bem porque é que se não terá chamado simplesmente «*A cidade*»), onde o pintor, no fundo branco, plantou dois painéis negros que marcam os planos e a estrutura do quadro, mas deixando espaços livres. Como se os painéis, ou muros de arruamentos estivessem suspensos no ar, e houvesse vibração em torno e movimento. Mas a estrutura está. É a simplicidade completa de processos dentro do geometrismo da predilecção do pintor. Ao fundo, as figuras e figurinhas, geométricas também, movimentam-se e enchem o espaço. E há outras cores suplementares, muito leves ou muito finas, como acordes de vibração estranha.

Vejam-se as grandes estruturas, largas e finas, aeriformes, do quadro que intitulou «*Le Sentiment de Demain*», em que os pavilhões de feiras e cidades estranhas se nos levantam e firmam. O pintor continua, como sempre, dentro do geometrismo e da musicalidade essenciais.

Em «*Veneza*» Nadir Afonso utiliza o amarelo, o negro e o branco de fundo para nos sugerir toda a beleza da cidade e a blândula movimentação marinha. E nos espaços aéreos há a sugestão dos miranetes da arte oriental que ali teve um dos seus focos irradiantes.

Nadir Afonso tem os fundos uniformemente brancos. Nesse fundo é que ele constrói a sua obra e a firma com a solidez com que o arquitecto firma um arranha-céus em dois ou três espeques.

O pintor Nadir Afonso está ali e parece ter encontrado definitivamente uma forma que é a sua.

Duas palavras acerca do teatro de José Régio

por Luiz Francisco Rebello

Nunca é tarde para reparar uma injustiça. A estreia recente de «Jacob e o Anjo», por uma companhia teatral portuguesa — mais de trinta anos após a sua primeira publicação, que teve lugar nas páginas da «Revista de Portugal», dirigida por Vitorino Nemésio, e dezasseis depois da sua criação num palco francês — constitui, antes de mais nada, e sejam quais forem as limitações de que o espectáculo padeça, um acto de justiça. Pois era injusto, cruelmente injusto, direi até escandalosamente injusto que um dos textos mais belos, densos e originais de todo o nosso património dramatúrgico, permanecesse há tantos anos nos limbos onde, aliás, outras obras de Régio («El-Rei Sebastião», «A Salvação do Mundo») continuam a aguardar a oportunidade de se revelarem cènicamente. Porque é de *revelação* que na verdade se trata, como em técnica fotográfica se designa a operação pela qual a imagem gravada na película se torna *aparente*, ou como (e estoutro «símile» será, com certeza, mais grato ao autor de «As Encruzilhadas de Deus») em linguagem teológica se chama à inspiração sobrenatural que permite aos homens o conhecimento da verdade religiosa *completa*. É que tais obras, com efeito, exactamente porque foram concebidas para a representação, têm uma existência apenas virtual, e, portanto, *latente* ou *incompleta*, enquanto se não materializam sobre as tábuas de um palco. É aí, sob a luz dos projectores, frente aos olhos e aos ouvidos de um público reunido para ver e ouvir, que as palavras escritas pelo dramaturgo assumem, na voz dos actores, a sua dimensão verdadeira, a sua mais profunda significação. Condenar um texto teatral à simples leitura é o mesmo que encerrar uma ave numa gaiola: tanto aquele como esta nasceram para voar livremente nos grandes espaços, e o palco é o céu onde as asas do texto o elevam à sua máxima altura.

É claro que tudo isto se entende apenas em relação às obras que germinalmente contêm esse frémito, essa vibração dramática que desencadeia as lágrimas ou o riso, que gera o terror ou a alegria, sem os quais o teatro não cumpre o seu destino e não passará de mero entretém — ou de grave equívoco. Não é, com certeza, este último o caso do teatro de José Régio, que — disse-o já noutro lugar, e volto aqui a repeti-lo — ocupa o mais alto lugar na dramaturgia portuguesa contemporânea. E não só contemporânea: ao lado de Gil Vicente, António Ferreira, o Judeu, Garrett, D. João da Câmara, Raul Brandão, Alfredo Cortês, o teatro de Régio garante a continuidade de uma tradição dramatúrgica que não pode ser negada, apesar das penosas interrupções que ao longo dos séculos a têm afectado.

Considera José Régio o seu teatro «a parte mais original, e, consequentemente, mais incompreendida» da sua produção literária — o que a sua ausência quase total dos palcos nacionais parece confirmar. Se as personagens de «Jacob e o Anjo» só agora conseguiram identificar-se com o destino cénico para que o seu autor as concebera, apenas em relação a «Benilde ou a Virgem-Mãe», e, mesmo assim, há mais de vinte anos, fenómeno idêntico se verificara. Será este, pois, mais um dos «longos mal-entendidos entre o poeta e o mundo» a que alude um dos seus versos... E, no entanto, o drama é, sem dúvida, a expressão para que tende a obra de Régio, que é toda ela um diálogo incessante, infindável, entre o que poderá definir-se esquemàticamente por matéria e espírito, corpo e alma, ou, com mais propriedade, entre o que no homem é eterno (ou votado à eternidade) e o que é transitório (ou condenado a morrer), entre o que atrai para Deus (se assim quisermos chamar ao absoluto, ao infinito, ao inapreensível) e o que o prende à terra, à sua condição temporal e humana. Daí o tom oratório, imprecativo, apostrofante, da sua mais característica poesia, que, lida, irresistivelmente evoca não só a voz do actor que a declame, como o interlocutor que lhe responda. Conforme observou David Mourão-Ferreira, com a sua habitual penetração, «logo nos 'Poemas de Deus e do Diabo' se desenha uma iniludível tendência para os processos e imagens de raiz teatral; quando se dirige aos homens que o não entendem, fá-lo de um *palco*, de um *tablado*, de um *estrado*, de um *púlpito*; e é frequente o diálogo, a alocução, a palestra veemente». Um poema como «Fantasia sobre um Velho Tema», de «As Encruzilhadas de Deus», é disto exemplo bem expressivo.

Tal como na sua poesia, exprime-se no teatro de Régio uma tensão dialéctica entre «o Eu» e «o Outro» que no mesmo indivíduo coexistem, dividindo-o no seio da sua própria condição terrena entre os limites que esta lhe impõe e a sua recusa em aceitá-los, a sua ânsia de transcendê-los. Nesse interminável debate, o Rei de «Jacob e o Anjo» e o de «A Salvação do Mundo» Benilde e D. Sebastião são os protagonistas e, ao mesmo tempo, os seus próprios antagonistas: porque o Anjo é a

JOSÉ RÉGIO

(gravura do dr. Adolfo Bugalho, irmão do falecido poeta Francisco Bugalho)

outra face de Jacob, e Simão Gomes, o «Sapateiro Santo», o reverso do Rei Encoberto.

Disse Óscar Lopes que «em parte alguma o processo ascensional para a Graça é tão dramático como em 'Jacob e o Anjo'». Contrastando com o simbolismo barroco deste «mistério» (como o autor lhe chamou), com o tom acentuadamente oratório do seu diálogo rutilante, o naturalismo aparente de *Benilde* e o tom coloquial em que as suas personagens se exprimem, acaso poderão consentir a suspeita de um enfraquecimento desse processo dramático. Julgo, porém, que sem razão. Todo o drama assenta numa dualidade de planos — o plano a que poderemos chamar *imediato* ou *quotidiano*, em que a gravidez de Benilde encontra uma explicação natural, e o plano *místico* ou *transcendente*, em que a explicação é de ordem sobrenatural. Esses dois planos interpenetram-se sem que um ao outro se anulem, e é precisamente esse o núcleo gerador do drama, um dos mais belos e perturbantes, na sua ambiguidade, do moderno teatro português.

Ràpidamente aludirei, ainda, ao «poema espectacular» «El-Rei Sebastião», em que se reelabora, no quadro das preocupações habituais de Régio, um mito sebastianista, de que já um António Nobre e um Pessoa, e entre um e outro os saudosistas, haviam proposto versões poéticas diferentes, como, no teatro, um Garrett e um Patrício, e que iria ter uma contrapartida, amargamente irónica (ou irònicamente amarga), no «Indesejado», de Jorge de Sena; e à tragicomédia «A Salvação do Mundo», que, mal-grado um excessivo pendor para a abstracção alegórica, de que o próprio diálogo se ressente, ilumina singularmente a problemática a que

Sobre um texto de Vergílio Ferreira

por Eduardo Prado Coelho

«On apprit á se méfier de l'homme seul» (Sartre)

A

1. Respondeu Vergílio Ferreira com 5 longos artigos às questões levantadas pelo meu texto de análise crítica ao seu prefácio a Foucault. Fundamenta-se esta resposta de V. F. numa quase-omissão (deliberada) e num equívoco (involuntário).

a) Vejamos a quase-omissão. Vergílio Ferreira omite deliberadamente o facto de *ter sido ele quem iniciou a polémica*. Só por isso, e não por ser «proprietário do Estruturalismo», é que lhe respondi. Na verdade, na sua introdução a Foucault, V. F. faz referências textuais a alguns dos meus artigos, com a deselegância e inabilidade que lhe são habituais — sem nunca citar o meu nome. Mas V. F. assinala este «pormenor» no seu último artigo. Diz: se não falou no meu nome foi porque «se limitou a fazer alusão a alguns disparates (...) sem lhes indicar o proprietário». Deixemos-lhe a alegria breve de encontrar disparates, porque a gente na vida precisa sempre de razões para se sentir inteligente.

Porque o problema é este: citar um texto, criticá-lo, sem indicar o seu autor, é uma deselegância. Ser ou não ser bem educado, eis a questão. *E Vergílio Ferreira não foi.*

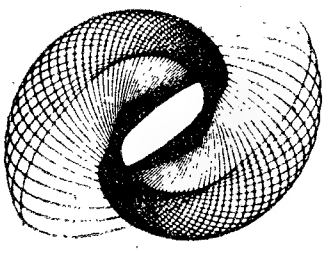
b) Vejamos o equívoco. Supôs V. F. que eu pretendia discutir com ele o «estruturalismo» e as objecções que ele lhe faz. Puro engano. Nunca poderia ser essa a minha intenção por duas razões. Em primeiro lugar, seria inútil discutir as objecções de V. F., dada a sua evidente banalidade. Em segundo lugar, se V. F. me tem lido regularmente (e verifico, com grande alegria, que sim), sabe que acho despropositado todo e qualquer diálogo ou discussão que não partam de uma base mínima de entendimento. Ora *não creio que Vergílio Ferreira apresente as condições mínimas para um diálogo.*

2. Os objectivos dos meus artigos eram os seguintes:

a) Demonstrar, por meio de alguns exemplos, que V. F. *não soube ler ou deformou o sentido* de alguns dos principais textos «estruturalistas».

b) Demonstrar que V. F. *ignora ou não consegue entender* alguns dos aspectos essenciais do «estruturalismo».

c) Demonstrar que esse processo de desconhecimento, deformação ou incompreensão dos textos se fez sempre *num determinado sentido* anti-racionalista, anti-materialista, anti-«neo-realista».



Ora a resposta de V. F. tem duas características:

a) Quase nunca responde ao que estava verdadeiramente em causa;

b) *E confirma todas as observações críticas que eu lhe dirigira.*

B

QUESTÕES DE MÉTODO

1. Afirmara eu que a argumentação de V. F. se baseava num processo a que chamei «ziguezague tonto»: consiste em pegar numa meia dúzia de autores e baralhar algumas das suas opiniões de modo a extrair rápidamente algumas conclusões «prefabricadas». Pois a resposta de V. F. confirma, exemplifica e desenvolve (gentilmente) as características de tal processo.

Vergílio Ferreira não aprendeu ainda a argumentar. O seu raciocínio realiza-se em carrocel: passa continuamente de um assunto para outro, sem nunca os tratar de forma adequada. O objectivo não é convencer, mas entontecer. Na verdade, apenas nos convence da sua imaturidade metodológica. É possível que, com muita prática, alguma perseverança e bastante boa vontade, V. F. consiga um dia fazer uma polémica em termos. Por enquanto, é mera garatuja.

2. *Sobre citações.* Afirmara eu que V. F. quase nunca localiza como deve ser as suas citações. *Porque Vergílio Ferreira faz dezenas de citações, mas, como é «pensador», finge que não.* Uma vez mais, nesta resposta, V. F. quase nunca indicou nem as obras nem as páginas dos textos que cita. O que começa a tornar-se aborrecido.

Vergílio Ferreira queixa-se de que só lhe dei citações. Pretendia ele discutir ideias e encontrou pela frente textos. Como julga que pensa sem textos, quando vê textos supõe que não há ideias. Na verdade, se apresentei textos, foi para o leitor poder ver os elementos que V. F. ignorara, ocultara ou distorcera. É apenas *em torno dos textos* que a discussão tem valor. O resto é delírio filosofante.

3. *Sobre a reflexão e o trabalho intelectual.* Vergílio Ferreira afirma que pensa. Já o sabíamos por fotografia. O que é engraçado é que V. F. julga que lhe basta pensar para resolver as questões. Erro foi o de Lévi-Strauss ao ir para a América Latina fazer etnologia. Juntava-se a V. F. e pensavam os dois. E para que anda Piaget a massacrar as criancinhas com testes e perguntas? Que se deixe disso. Pense com Vergílio Ferreira e pensará melhor.

Como para V. F. não há ciência (pelo menos quando se trata do homem), ele supõe que lhe basta ir para casa e pensar, que logo descobre a etnologia, a linguística, a

em toda a sua obra Régio se tem mantido fiel. E, das suas peças em um acto, quero destacar a farsa «O Meu Caso», em que, sob a forma de sucessivos monólogos que improvisadamente se interceptam, o autor glosa outro dos seus temas predilectos: a incomunicabilidade entre os homens, cada um prisioneiro do seu próprio caso, e, em nome dele, indiferente e alheio ao dos outros. E o pano cairá sem que o «Desconhecido» chegue a revelar ao público «o seu caso», que ele promove a mensagem redentora da Humanidade, mas que esta se desinteressa de ouvir. Assim, também, na «Salvação do Mundo», estão em branco as páginas do livro do Quinto Evangelho, que o Profeta se propõe revelar ao mundo.

Repetidamente, desde o «post-fácio» do seu *I Volume de Teatro* às «Vistas sobre o Teatro» que constituem um dos «Três Ensaios sobre Arte», há pouco dados à estampa, Régio tem defendido uma concepção *espectacular* da arte dramática que encontra nos seus textos o lógico e natural prolongamento, a sua prática (mas não, de certo, propositada) ilustração. Negar-lhes o acesso ao palco é, por isso, indesculpável injustiça. Que a reparação dessa injustiça, agora feita em relação a «Jacob e o Anjo», se estenda às demais peças de Régio: o nosso teatro, que concede aos piores autores estrangeiros uma audiência que recusa aos melhores autores nacionais, só terá, evidentemente, a ganhar com isso.

Um escritor português nos Estados Unidos

por Manuel de Azevedo

JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS, um dos maiores escritores portugueses vivos, olhava melancòlicamente Nova York, da alta varanda do seu apartamento, debruçado sobre a 1.ª Avenida. Encostado à parede, onde ele próprio pintara a legenda «Praça das Flores», repetiu:

— Gostaria de arranjar em Portugal um casinhoto para passar o resto da minha vida, onde pudesse calmamente fazer o meu trabalho de escritor.

Desde que, em 1932, publicou «Páscoa Feliz», Miguéis tem vivido quase sempre fora do País. Primeiro na Bélgica, onde se licenciou em ciências pedagógicas pela Universidade de Bruxelas, e, a partir de 1935, nos Estados Unidos. Os curtos períodos que passou no Brasil e em Portugal não lhe dissiparam a amargura de se sentir um expatriado — situação que voluntàriamente procurou, impelido por motivos particulares e impulsos irresistíveis, logo contrariados pela tentação de regressar.

Miguéis saindo da sua casa de Nova York, com Manuel de Azevedo

Trinta anos a escrever...

Entre os milhares de emigrantes portugueses que vivem nos Estados Unidos, José Rodrigues Miguéis é, pràticamente, o único intelectual que ali se tem mantido a viver da pena, como jornalista e como escritor. Outros intelectuais ali residem, mas vivendo do ensino: Jorge de Sena, professor na Universidade de Madison; o medievalista Oliveira Marques, na de Gainsville, Florida; o matemático Hugo Ribeiro, na de Pensilvânia; Machado da Rosa, em Los Angeles; e outros.

— O Sena — disse-nos Rodrigues Miguéis, a propósito — está a ganhar por mês, como professor universitário, o que eu nunca consegui ganhar num ano!

— Porque não há traduções inglesas dos seus livros, editados pelo menos aqui na América?

— Não sou suficientemente famoso para isso! — comentou.

E como tivéssemos aludido a «Léah», a que foi atribuido, em 1959, o primeiro Prémio Camilo Castelo Branco, Miguéis recordou:

— Não pensei concorrer, até ao último momento, mesmo porque entre os concorrentes estava Aquilino. Mas insistiram tanto comigo — como, por exemplo, o Cochofel — que hesitei. E, nas vésperas de terminar o prazo, solicitei conselho ao Alves Redol, a quem expus as minhas preocupações. Redol pediu-me 24 horas para pensar. No dia seguinte deu-me a resposta: «Acho que deve concorrer». Foi assim que me decidi a enviar os exemplares necessários do volume, precisamente no último dia...

De recordação em recordação, Miguéis lembrou a sua juventude literária e jornalística, no «Globo», de que foi director com Bento de Jesus Caraça, e na «Seara Nova».

Recordou ainda os seus irresistíveis impulsos de orador, a sua decisão de ir viver para a América...

...sem a preocupação de publicar

Ali, naquele pequeno, modesto mas confortável apartamento de Nova York, um grande escritor português, em mangas de camisa, fazia questão de nos oferecer, com uma dedicatória amiga, precisamente a última edição de «Léah» — o primeiro volume das «Obras de José Rodrigues Miguéis».

— Será a colecção das suas «Obras Completas»?

— Não inteiramente. Mas nela se reunirá, ao que espero, grande parte do que escrevi e estou a escrever.

— Tem muitas obras ainda inéditas?

— Sim, muita coisa. Não ad-

(Continua na página seguinte)

psicanálise, a sociologia, talvez a cibernética, mais tarde a paleontologia. O mais natural mesmo é aparecer-lhe um Pithecanthropus em casa, já armado catalogado e pronto. Engana-se V. F.: o mais que pode descobrir é um abre-latas revolucionário ou um neo-tranca-portas português. A psicanálise é que não.

C
QUESTÕES TEÓRICAS

Pondo de lado as considerações anedóticas que engrinalam os textos de V. F. (e que têm o grande mérito de demonstrar *que Vergílio Ferreira se sentiu duramente atingido)*, resta-nos muito pouco a ter em consideração. Vejamos ponderadamente as coisas, *cingindo-nos em exclusivo ás questões que tinham sido abordadas no meu texto inicial.*

1. *Sobre «estruturalismo» e materialismo.* Escreveu V. F. no seu prefácio: «... é necessário acentuar devidamente o *carácter a-racionalista do Estruturalismo*, ou, como polèmicamente se prefere, o seu «irracionalismo». Ver, pois, aí a expressão mais radical do materialismo contemporâneo é deveras surpreendente; e julgar-se «inacreditável» que alguém incluisse Freud no «irracionalismo» moderno é que é, talvez, inacreditável. Ou é acreditável apenas quando as questões culturais se determinam pela irresponsabilidade...».

Analisemos a questão:

a) V. F. considera inacreditável e irresponsável acentuar o materialismo do projecto «estruturalista».

b) Contudo, os quatro principais autores «estruturalistas» consideram-se materialistas.

c) Donde: será irresponsável afirmar o mesmo que eles?

d) Se é, então eles são, também, irresponsáveis, e, nesse caso, por que motivo deles se ocupa o «responsável» Vergílio Ferreira?

e) Donde se pode concluir que o «estruturalismo» se apresenta como a expressão mais radical do materialismo contemporâneo. Mas é evidente que será preciso ver se entre o modo como se apresenta e aquilo que é, não há diferença. Citar Heidegger não basta para marcar a diferença. É preciso demonstrar — o que V. F. não faz.

f) Aliás, V. F., depois de dizer que o meu argumento não era argumento que se apresentasse, *acaba tàcitamente por aceitá-lo*, excepto para Foucault.

g) Afirma, agora, V. F. que, ao escrever a frase citada, estava «pensando em Foucault, que era quem mais (lhe) importava». Mas como podemos saber, quando V. F. fala em Estruturalismo, em quem está a pensar?

O que é curioso é o comentário que V. F. faz á frase que citei para comprovar o materialismo de Foucault. Vale a pena analisá-lo, porque aqui V. F. denuncia-se pública e inequìvocamente: *ignora quase tudo o que é essencial no «estruturalismo»*.

A frase de Foucault que citei é: «Eu sou materialista, porque nego a realidade». Calculando logo que houvesse dificuldades, achei útil acrescentar entre parênteses: «formulação tipicamente lacaniana». Pois V. F., excessivamente apressado, não deu por isso, e escorregou ao comprido. Para ele, esta frase é de pôr um homem em doido. E pronto, não há mais argumentos. Será, então, Foucault um alienado mental? Bastava a V. F. ter lido Lacan, ou mesmo Foucault, para saber que:

a) Em determinada fase da sua vida, a criança é introduzida na ordem simbólica, que é formalmente análoga á ordem da linguagem (constituída, portanto, pela materialidade do significante).

b) Não é o sujeito que constitui a ordem simbólica, mas a ordem simbólica que o constitui como sujeito — *princípio claramente materialista.*

c) Portanto, o real é o caos indiferenciado que precede na criança a instauração da ordem simbólica.

d) E os elementos do real que não foram apreendidos na ordem simbólica podem reaparecer ao nível da alucinação.

e) Donde, todo o acesso ao real só é possível através da articulação dessa realidade produzida pela ordem simbólica (ou materialidade do significante). Portanto, esse «real» é «negado» para melhor se afirmar o princípio materialista da prevalência da ordem simbólica.

f) Não se trata agora de saber se isto está certo ou não, *mas de entender isto.* Só depois é possível discutir. Ora, se V. F. não entende, como quer discutir?

(Continua na página seguinte)

Na madrugada de 12 de Maio de 1966, Tomás Manuel da Palma Bravo, engenheiro silvicultor, ao regressar a casa encontra a mulher afogada na lagoa da sua propriedade...

O fulcro do novo romance de José Cardoso Pires é este. Ele põe-nos em presença de um tema inesperado e de um novo herói que, entregue aos seus demónios interiores, procura fugir ao tempo cavalgando um potente "Jaguar".
Romance há anos aguardado, O DELFIM ultrapassa os convencionais limites da narração e surpreende pelas propostas da nova lógica narrativa que contém.

José Cardoso Pires

O DELFIM

MORAES editores

Miguéis na América

(Continuação da página anterior)

mira, pois escrevi durante trinta anos sem a preocupação de publicar. Só a partir de 1958 começaram a ser editados em Portugal alguns volumes («Léah e Outras Histórias»; «Uma Aventura Inquietante», romance; «Um Homem Sorri à Morte», narrativa; «A Escola do Paraíso», romance; «O Passageiro do Expresso», teatro; «Gente da Terceira Classe», contos e novelas; «É Proibido Apontar», 1.º volume de «Reflexões de um Burguês», e o livro de contos e novelas «Onde a Noite Acaba», cuja primeira edição saíra no Brasil).

Do «Reader's Digest» aos folhetos de máquinas agrícolas...

Como tem vivido Miguéis nos Estados Unidos? Trabalhando, isto é, escrevendo e traduzindo. Durante muitos anos na secção portuguesa do «Reader's Digest» proferindo conferências, fazendo traduções, inclusivamente de folhetos de propaganda de máquinas agrícolas...

— Tudo isso foi acabando ou já se faz directamente no Brasil — esclarece o escritor. Agora, só minha mulher trabalha. Quem vai dar emprego a um homem da minha idade?

Miguéis é um espírito jovem, uma inteligência sem idade...

— Mas a realidade é que nasci em 1901. A minha saúde também me dá preocupações.

— Mas continua a escrever...

— Claro que sim. Pràticamente, é a única coisa que sempre tenho feito.

Os próximos livros de Miguéis

— Qual é o seu próximo livro?

— Estou a escrever os dois últimos capítulos de «Nikolai! Nikolai!», uma história passada no clima de emigrantes russos, com quem convivi em Bruxelas. É uma novela de estilo cinematográfico, aí de umas duzentas páginas. Trata-se de uma sátira a um certo sebastianismo russo.

Miguéis resumiu-nos a história: a aventura de um vagabundo, sósia de Nicolau, que viria a interpretar a figura do imperador de todas as Rússias, num filme, etc.... Mas nós abstemo-nos de a repetir, para não destruirmos a expectativa dos leitores.

— Tenho pronto a publicar o romance «Filhos de Lisboa», continuação da «Escola do Paraíso» e, também, o 2.º volume de «Reflexões de um Burguês», terrivelmente polémico. Quanto a este, estou a trabalhar já no posfácio, «Reflexão do autor». Também penso dar os últimos retoques ao «Romance de Baltasar — um idealista no mundo real» e queria publicar um volume com artigos e ensaios, a maioria dos quais está já publicada.

E com uma ponta de preocupação:

— Ùltimamente não tenho tido notícias concretas do meu editor. Mas dentro de um mês, para resolver certos assuntos pessoais, sou capaz de ir a Lisboa...

Enquanto Miguéis vestia um casaco para nos acompanhar à rua, folheamos distraìdamente um volume que estava sobre a mesa.

— Devíamos ler mais os autores espanhóis...

Insensìvelmente, Miguéis já estava em Lisboa. — *M. de A.*

Cinema francês:
A guerra não acabou

TAMBÉM no campo cinematográfico a França vive dias tumultuosos. Depois do «Caso Langlois», arquivado em *happy end* com o regresso do titular à «sua» Cinemateca, estala a bomba do XXI Festival de Cannes: Truffaut, mais radical que Jean-Luc Godard (que pretendia anular a competição e as cerimónias mundanas, mas não a exibição dos filmes), propõe o encerramento completo do Festival, logo apoiado por Dominique Delouch, Claude Lelouch, Carlos Saura, Maximilian Schell e

JOHN BERRY: a arte para os artistas

Alain Resnais, que retiram os seus filmes da competição, e por cinco membros do Juri (Louis Malle, Monica Vitti, Terence Young, Roman Polanski e Serge Roullet) que, demitindo-se, vibram o golpe de misericórdia à mais famosa «Mostra» do cinema mundial.

Mas a «irreverência» de alguns cineastas, irreverência que põe em sério risco as já de si periclitantes estruturas da engrenagem industrial e comercial do cinema francês, continua a manifestar-se.

O alvo, desta vez, é o produtor Jean Kerchner, mimoseado com um documento subscrito por mais de cinquenta realizadores, entre os quais os inevitáveis Truffaut e Jean-Luc Godard acompanhados por Roger Vadim, Claude Autant-Lara, Louis Daquin, Jean-Paul Le Chanois e pràticamente por todos os representantes das gerações mais novas.

Os signatários solidarizam-se com o realizador John Berry (americano exilado na Europa desde 1952), autor do filme «A tout casser», actualmente sob sequestro, e acusam o produtor de haver cometido alguns graves atentados na película em referência. Assim, Jean Kerchner «tomou o lugar do realizador, transformou a montagem, trocou a ordem das sequências, cortou numerosas cenas e encarregou-se ele mesmo dos efeitos sonoros, do registo da música e da mistura», crimes, portanto, de lesa-criação artística.

À primeira vista, a obra não parece revestir-se de importância especial: é mais uma fita do Eddie Constantine. Mas ouçamos o realizador:

«Eu não estava muito interessado em fazer um novo Constantine; o género dera o que tinha a dar. O sr. Kerchner insistiu. Tinham-lhe já passado pelas mãos numerosos argumentos, até que eu lhe propus uma história que opunha Eddie Constantine a Johnny Hallyday; Constantine partindo na «ramona»; Constantine e Hallyday atacados pelos índios (sim, pelos índios!). Havia também uma versão localizada numa «boite» e uma outra, a última, num cemitério onde os protagonistas faziam jorrar petróleo ao cavarem a terra à procura duma tiara roubada».

Kerchner, pelos vistos, não gostou das fantasias e tratou de expulsar Berry da sala de montagem. Mais: foi-se ao músico escolhido pelo realizador e substituiu-o por Eddie Vartan, cunhado da famosa Sylvie e tão pastelão como ela. Berry mais não pôde fazer do que interditar o filme, a poucos dias da estreia.

É então que surge o manifesto, provocando um sururu que só poderá ser apaziguado na sala do tribunal. O advogado do produtor, omitindo os aspectos relacionados com a liberdade de criação, pega-se à letra do contrato: «Uma cláusula torna preciso que se a montagem final não convier ao realizador este pode retirar o seu nome do genérico». Da mesma opinião são os protagonistas do filme, Constantine e Hallyday, solidários com o produtor.

O processo vai permitir aclarar uma questão de certo modo importante: o autor de filmes tem ou não tem os mesmos direitos morais que o romancista ou o dramaturgo?

Cerrando fileiras com John Berry, os signatários do manifesto deram já a resposta: a arte para os artistas, o negócio para os negociantes. A César o que é de César...

HALLYDAY e CONSTANTINE: solidários com o patrão

Sobre um texto de

(Continuação da página anterior)

2. *Sobre sistema, ideologia e ciência.* No seu prefácio a Foucault, V. F. apresenta o seu principal argumento contra o «estruturalismo»:

a) se o «estruturalismo» diz que o pensamento é determinado pelo sistema,

b) o «estruturalismo», ao dizer isto, está já a ser determinado por um sistema que põe em causa a validade da afirmação.

Este argumento (de longas tradições clássicas) tem, no entanto, alguns pontos fracos:

a) Dada a ambiguidade metodológica de Foucault, era difícil dizer se uma tal crítica o atingia ou não; contudo, declarações recentes levam-nos a usar de uma certa prudência. Ora V. F. precipitou-se, e não teve em conta a ambiguidade assinalada (em sentido inverso, Pierre Daix, tal como outros, também se precipitou; o que é curioso é ver o sentido das precipitações).

b) Quanto a Lacan, Althusser ou Lévi-Strauss, autores que distinguem ideologia e ciência, tal objecção é inútil.

c) Porque, se é possível considerar uma arqueologia (determinação pelo sistema) das ideologias, não é possível fazê-lo em relação ás ciências.

d) E quando se diz que o Sistema determina estruturalmente o pensamento ideológico, tal afirmação situa-se já no plano da ciência, e, portanto, não se invalida a si mesma.

e) Não se trata de saber se isto está certo ou não, mas de verificar que é impossível fazer objecções sem ter isto em conta.

3. *Sobre racionalismo e «estruturalismo».* Depois de várias considerações ociosas e leitura atenta dos dicionários, concluí V. F. que o racionalismo se define pela exclusão da afectividade. A definição é pobre, escolarmente inaceitável, assustaria Bachelard, se ainda fosse vivo, mas já nos serve. Até porque V. F. nos diz apenas duas coisas:

a) Que o «sentimento» está na base do conhecer — para Lacan. Refere-se, ainda, aqui, ás páginas capitais dos *Écrits*.

Valerá a pena repetir que, nessas páginas capitais, Lacan afirma incansàvelmente que o «afectivo», no texto de Freud, se refere apenas á «simbolização primordial», isto é, á instauração da ordem simbólica? Valerá a pena lembrar que não há na ordem simbólica nada de afectivo ou instintual, mas apenas *a intelectualidade* dos elementos do significante? O melhor é o leitor confirmar pelos seus próprios olhos. Veja Lacan, *Écrits*, pp. 369-399. E depois abra Lacan ao acaso, e logo verá que a sua psicanálise se define por uma só palavra: intelectualização.

Sobre tudo isto, V. F. não diz uma só palavra.

b) Em segundo lugar, prova-nos que é difícil considerar Heidegger racionalista. Como não me recordo de ter visto alguém dizer o contrário, trata-se de abrir portas abertas.

c) E quanto ao racionalismo dos outros «estruturalistas», V. F. não diz uma só palavra. Chama-se a isto prudência.

4. *Sobre Lacan e a psicanálise.* Que nos diz Vergílio Ferreira?

a) Que é absurdo afirmar que Freud pouco ou nada conta no seu pensamento. Também lê o *Século* e ninguém dá por isso.

Notemos apenas um pormenor: quando ler Freud, vai ver que não é o *Século*. É que são estilos diferentes...

b) Que se as suas considerações estão erradas, o erro é de Sartre.

Ora isto é que é falar com clareza. Já suspeitava de que o que V. F. diz sobre psicanálise é pura e simplesmente aprendido em Sartre (mas V. F. não faz citações, que é para passar por «pensador»). Lembremos, apenas, que a «psicanálise existencial» de Sartre se revelou de escasso interesse clínico e científico e é hoje rejeitada pela quase totalidade dos psicanalistas. Se V. F. lesse os psicanalistas, já sabia estas coisas. Assim, ouve-as em 2.ª mão. Não é este o momento de explicar as razões que tornaram inaceitável a concepção de Sartre. Mas Pontalis, o teórico da psicanálise da equipa dos *Temps Modernes*, diz o essencial sobre o assunto na 2.ª edição do seu *Après Freud*. Diz, mesmo, que, depois do colóquio de Bonneval (o 6.º), esse é um dos pontos que ficaram definitivamente resolvidos. A partir de agora, os problemas são outros.

c) Quando V. F. fala no inconsciente, fala em «objecto opaco». Vejamos o seu texto: «Aliás, se o inconsciente freudiano é um «objecto opaco», ele é uma irredutibilidade, *ele «é assim» e nada pode contra isso*. Mas dizer-se seja do que for que ele é, simplesmente assim, é para o racionalista Althusser incorrer-se em irracionalismo...»

Ora bem, a questão é esta: para V. F., falar na irredutibilidade do inconsciente é afirmar *que ele é assim, que ele não pode ser abordado conceptualmente*. Pela minha parte, quando falo em opacidade, quero dizer que o *inconsciente é irredutível á consciência* (que não é pois o que ainda-não-foi-consciencializado). Mas como me não situo numa filosofia da consciência, como parto de uma filosofia do conceito, tal afirmação minha não significa *que se não possa conhecer conceptualmente o mecanismo do inconsciente*. É esse aliás o único objecto da psicanálise como ciência. Ou julgará V. F. que os psicanalistas se limitam a dizer do inconsciente: é assim, é assim, é assim...?

d) Mas delicioso, delicioso mesmo, é quando V. F. cita Doubrovsky para dizer que a psicanálise é reaccionária. Precisamente esse Doubrovsky que nos seus textos mais recentes nos confessa *honestamente* ainda não ter lido Lacan (como se vê, V. F. não está só), e que apenas fala dele por um artigo de Reboul.

Quando um dia V. F. ler Lacan, verá como a sua afirmação de que a psicanálise é reaccionária por querer adaptar o indivíduo á realidade é mesmo divertida. Porque se Lacan se distingue por alguma coisa nos meios psicanalíticos (e daí algumas exclusões), *é por dizer incessantemente o contrário*. Toda a obra de Lacan (que era o que estava em causa) nos explica que a psicanálise não pretende adaptar o indivíduo á realidade, mas restituir-lhe o exercício duma palavra plena. Isto está lá, linha sim, linha não. É preciso é ler.

5. *Sobre Althusser.* Quanto a Althusser. V. F. não entende muito. É certo que fez algumas leituras, mas com todos os defeitos de uma «formação acelerada». Vejamos:

a) Escreveu V. F. que, para Althusser, «o problema económico é de facto a infra-estru-

Vergílio Ferreira

tura e tudo o mais a superstrutura, hierarquizando-se assim, *antiestruturalmente*, os elementos estruturais...»

b) Não me interessa aqui saber as opiniões de V. F. sobre a «casualidade estrutural» de Althusser. Para isso, leio Lefebvre, sempre é mais autêntico. O que importa é a contribuição original de Vergilio Ferreira, que reside neste ponto: Althusser hierarquiza *antiestruturalmente* os elementos estruturais. Ao dizer isto, ao utilizar tal advérbio, V. F. provou não entender este ponto essencial do «estruturalismo»: a estruturalidade da estrutura, a existência do elemento invariante que determina o seu jogo de variantes.

c) E a prova de que V. F. errou nesta sua contribuição original está no facto de na sua resposta o advérbio *antiestruturalmente* ter sido pura e simplesmente escamoteado. Sobre este ponto, V. F. não diz uma só palavra. Limita-se a apontar-me um grave erro, o que aliás apenas resulta do seu pouco á-vontade no assunto. Sempre foi assim: o principiante é fatalmente o mais severo e rigoroso, não há aluno que o não saiba. Com o tempo é que se vai percebendo que nem sempre está errado quando não está igualzinho ao livro. O que é preciso é saber ler, e o resto é uma questão de prática.

6. *Sobre Heidegger.* Supõe V. F. que eu detesto Heidegger, que me quero ver livre dele porque é companhia comprometedora. Tais reacções já não se usam, embora tenham estado em moda há muito tempo, quando V. F. aprendeu estas coisas. Hoje são anacronismos de museu de província. Mas adiante.

Julga V. F. que eu escrevi que «o Ser é determinado no ente», o que seria na verdade uma afirmação primária, ao nível de qualquer analfabeto heideggeriano. Como o meu texto saiu gralhado, admita-se o equívoco. Mas tudo se poderá esclarecer com a leitura do texto de Heidegger «Vom esen des Grundes», incluido em *Qu'est-ce que la Méthaphysique?* (trad. Corbin, Gallimard), nas páginas 58-59.

Por agora, e esquemàticamente, direi que é na *analogia entre a diferença ontológica de Heidegger, a «arquiescrita» de Derrida e o jogo das diferenças na estrutura como movimento constituinte do sujeito* que eu via uma possibilidade de *prolongar no plano ideológico* os dados científicos que o «estruturalismo» produz. Mas precisamos de notar o seguinte:

a) O «estruturalismo» aparece-nos sempre como um projecto científico.

b) Contudo, não podemos viver sem uma ideologia.

c) Donde, é natural que se procure preencher as lacunas necessárias da ciência com fragmentos ideológicos que acabem por formar a totalidade filosófica de uma «visão do mundo».

d) Ora, *entre as várias possibilidades* de preencher as lacunas necessárias do «estruturalismo» como projecto científico, conta-se o pensamento de Heidegger.

e) Mas nunca podemos esquecer que, ao fazê-lo, saltamos do domínio da ciência (ou da Teoria como epistemologia) para o da ideologia (ou da filosofia especulativa).

7. *Sobre ideologia e ciência.* Censurei a V. F. não ter em conta esta distinção. Na sua resposta, há todo um artigo dedicado ao problema. Portanto, o problema existia, e era o que importava demonstrar. Quanto ao mais, *este texto de Vergílio Ferreira sobre as dificuldades levantadas pela distinção ideologia-ciência transforma-se num texto sobre as dificuldades de Vergílio Ferreira para compreender tal distinção.*

8. *Sobre «neo-realismo».* Escrevi eu que o carácter obsessivo do prefácio de V. F. tinha origem na reacção contra o «fantasma neo-realista» que permanentemente o persegue. Vem agora V. F. dizer que não há no seu texto a «mínima referência» ao «neo-realismo». E que, eu falei em fantasma, foi certamente porque o «neo-realismo» está morto.

Tentemos primeiro um raciocínio simples:

a) Se V. F. se ocupa no seu prefácio do racionalismo e do materialismo que há (ou não) no «estruturalismo»;

b) Se o racionalismo e o materialismo são elementos constituintes do que entre nós se *convencionou* chamar «neo-realismo»;

c) Então V. F. fala do «neo-realismo» — tenha ou não consciência disso.

Mas abordemos a questão por outro lado:

a) Eu falara de «neo-realismo» como de um *fantasma* para Vergílio Ferreira, usando o termo no seu sentido psicanalítico: estrutura inconsciente subjacente a um conteudo manifesto.

b) V. F., que de psicanálise apenas tem os primeiros rudimentos (sartrianos), faz o trocadilho e julga (ou diz que julga) que se trata de fantasmas a sério, dos que passeiam nos castelos.

b) E por isso vem dizer que não fez qualquer referência a o «neo-realismo», precisamente porque considera que ele já não existe.

d) Não percebe V. F. que pode escrever dezenas e dezenas de páginas sobre os mais variados assuntos sem referir o «neo-realismo» — e no entanto falar unica e exclusivamente do «neo-realismo» (como fantasma que o obceca).

e) Digamos mesmo que de há uns 10 anos para cá *Vergílio Ferreira fala ùnicamente do «neo-realismo»* — seu adversário proteico, seu remorso constante.

f) Digamos ainda que o prefácio a Foucault não é uma excepção, mas uma confirmação: *e das melhores.*

9. Assinalei eu que V. F. afirmava que a História é «conservadora» para os «estruturalistas», jogando descaradamente com as palavras. Sobre este ponto, V. F. não diz uma só palavra.

10. Assinalei eu que V. F. se enganara ao dizer que Althusser apontava em Marx, no «corte» de 1845, a passagem da «pessoa humana» para o «ser comunitário». Sobre este ponto, V. F. não diz uma só palavra.

D

Feito o balanço, o resultado é desastroso. Mas isso é ainda o que menos importa. O resto é que vai ser decisivo: desta deplorável resposta de Vergílio Ferreira, o leitor não irá fixar a confusão e o emaranhado dos argumentos, *para fixar, isso sim, o tom geral em que ela foi escrita, porque esse mancha inexorávelmente o nome de um escritor.* O nome e o sobrenome, Vergílio Ferreira.

Eduardo Prado Coelho

ESCAPARATE

(De 27 de Maio a 3 de Junho de 1968)

Autores portugueses

Título — Os Amantes — Contos.
Autor — David Mourão-Ferreira.
Editora — Guimarães Editores — Lisboa.
Número de páginas — 153.
Preço — 30$00.

Título — Consolação Número Três.
Autor — Santos Fernando.
Editora — Publicações Europa-América — Lisboa.
Colecção — «Os Livros das Três Abelhas» — 95.
Número de paginas — 178.
Preço — 20$00.

Título — Cadernos de Literatura — Há uma Estética Neo-Realista?
Autor — Mário Sacramento.
Editora — Publicações Dom Quixote — Lisboa.
Colecção — «Cadernos de Literatura» — 1.
Número de paginas — 85.
Preço — 15$00

Título — O Espantalho da Política.
Autor — Pedro Cabrita.
Editora — Editorial Académica, S.A.R.L. — Lisboa.
Número de paginas — 266.
Preço — 50$00.

Título — Conceitos de Política Atlântica.
Autor — Gago de Medeiros — Prefácio de Augusto de Castro.
Editora — Parceria A. M. Pereira — Lisboa.
Número de páginas — 393.
Preço — 80$00.

Título — O Delfim — Romance.
Autor — José Cardoso Pires.
Editora — Morais Editores — Lisboa.
Número de páginas — 362.
Preço — 55$00 enc.

Aragon e «Blanche ou l'Oubli»

por Urbano Tavares Rodrigues

NÃO É O CANTOR da resistência ou o historiador da vida privada e das vivências reivindicativas de *Les Beaux Quartiers* ou das manobras e podridões de *les Voyageurs de l'Impériale*, nem o terno e nostálgico biógrafo da juventude (*Aurélien*) que nos surge em *Blanche ou l'Oubli*. E, contudo, tudo isso, todas essas sucessivas imagens de Aragon estão presentes na obra-prima que, depois de *La Semaine Sainte*, ele propõe a um gosto de renovação que obriga, hoje, em França, o escritor a renascer em cada obra, já que na concepção técnica dessa obra e na sua textura ele está presente inevitàvelmente como na própria narração. E parece difícil, desde já, falar-se em narração a propósito de *Blanche ou l'Oubli*, onde a matéria do romance é, de forma bem patente, o desmontar da ficção ou a ficção á nossa vista, a dialéctica da recordação e do esquecimento da autenticidade e da reinvenção, do vivido e do imaginado, da existência e da linguagem.

Inventar o mundo, em vez de copiá-lo — eis o lema que Aragon poderia ter anunciado no frontispício de *Blanche ou l'Oubli*. Enquanto que a autobiografia escava os terrenos movediços da memória, o romance, tal como o pretende o Gaiffier de *Blanche ou l'Oubli* (com o seu furor de ler, o seu vício-paixão da palavra) é a relação entre ele próprio e as suas personagens, os seres da sua imaginação, Marie Noire, Philippe M.

O caminho da fábula é uma via de acesso ao mundo real. Em dado momento dessa iniciativa da imaginação, em que o autor perde a noção do ponto da origem da luz que o guia, escreve ele: «É contra o olvido que luto. O olvido é o anjo sem nome da escada cuja tarefa consiste em impedir-me de subir à árvore do conhecimento».

O tema deste romance é o próprio romance, como dissemos. E acrescentaremos, com o apoio das palavras do autor atrás recolhidas: o romance como instrumento de conhecimento, de ciência do homem.

Gaiffier busca as causas do abandono a que Blanche, sua ex-mulher, o votou há trinta anos. Em que medida pode o romance ajudar essa investigação? Só lhe será de alguma utilidade na medida em que for hipotético e não factual, só assim terá probabilidades de ressurgir desprevenidamente das cinzas o evento esquecido. Este romance novo não será pois um objecto estético, nem uma pesquisa sistemática de estruturas do mundo social, mas um processo de «ler a própria vida». O «reino da disponibilidade», tal como Aragon o capitula.

Não há em *Blanche ou l'Oubli* um contorno da acção, mas uma nebulosa da imaginação na qual, através da linguagem (essa linguagem lírico-coloquial de que Aragon tem o segredo), atravessada por um saber, por uma cultura, se projectam a transformação dos seres humanos e os mecanismos sociais. Mesmo quando a palavra ricocheta e se dirige a si mesma como subjectividade, mesmo quando o discurso busca a sua essência, quando o acto de escrever volve ao zero, ao silêncio, à sua negação e à sua entronização.

É certo que Aragon se funde por vezes com Gaiffier e que a descoberta de Blanche se esfuma na apreensão do eu. E depois? Blanche não é Elsa. Nunca esta viveu em Java nem disse ou escreveu as palavras terríveis que Gaiffier vai recuperando. Mas que essas palavras vêm dos mares interiores, dos abismos recusados de Aragon, da focagem intransigente das zonas da sua amnésia voluntária — isso não sofre dúvida. E é nesse aspecto que este livro pode ainda comparar-se, apesar do trajecto percorrido pelo romance como género, à *Éducation Sentimentale* de Flaubert.

Resta dizer que em *Blanche ou l'Oubli* a história — desde a libertação à guerra da Indochina, aos motins de Djakarta — é tão importante como o amor, como a personalidade, ou, melhor, tudo se integra precisamente na história, até a literatura, até a sintaxe dos sonhos.

Aragon

Parece-nos que não será ocioso, para melhor esclarecimento dos leitores, transcrever aqui uma das passagens capitais do romance (ou anti-romance, como já houve também quem o apodasse): «Tinha despedido em Fevereiro Marie-Noire como uma mulher a dias. Tinha despedido a minha memória e dizia a mim próprio amanhã lavarei os pratos. Assim se empilham as recordações a tal ponto que de nada mais nos lembramos. A tinta empalidece nos velhos sobrescritos. Os sinais que nos eram dirigidos já não têm qualquer sentido. Achamos um telegrama a adiar um encontro com alguém que se nos varreu da memória. E a morada? Com esse passado agora já sem contexto, para que abri-lo?, esse presente já não se entende. Tanto melhor! Deixei de sofrer por causa dos outros. E dispenso-me de inventar uma juventude, de povoar a minha noite com pessoas para quem só posso ser no fim de contas... para quem sou, afinal, o fantasma. Quisera ficar, sem *vós*, só perante Blanche, perante o esquecimento de Blanche. De Blanche que se apaga em mim dolorosamente já há anos. Só perante essa memória vazia. Perante a impotência para arrancar Blanche ao esquecimento, e o sentimento atroz de ser eu próprio o que Blanche definitivamente esqueceu».

O último Nabokov

Vladimir Nabokov, o fascinante príncipe do esteticismo, carrega com ele — e contra ele — o estigma das heranças infelizes. Nascido em São Petersburgo, duma família da alta aristocracia czarista, educado em Cambridge, licenciado em filologia românica e em zoologia, campeão de xadrez, coleccionador de borboletas, etc. — este contraponto do conde Tolstoi afirmou a sua renúncia aos males da sociedade em que nasceu, isolando-se em palácio, construindo a sua isba de ouro sobre o terreno movediço das velhas tradições. Esse pecado de nascença marcou-o para todo o sempre e lançou na sombra um dos maiores prosadores contemporâneos que só aos 56 anos teria o seu momento de recompensa...

O ANJO VINGADOR

Lolita foi o anjo vingador de Nabokov. Só que também aqui o escritor votado ao ostracismo em virtude dos seus preconceitos foi, uma vez mais, vítima dos preconceitos dos outros, ou seja da máquina publicitária que se organizou à volta do livro. Romance admirável, escrito com um humor melancòlicamente subtil, adeus desesperado, lúcido desenho de uma crise americana, isso e muito mais foi posto na sombra em *Lolita*. Ficou apenas a especulação *sexy* do comércio das grandes tiragens. Nabokov achou-se, do pé para a mão, na lista tristemente célebre dos escritores que servem os ópios baratos do grande público — ele que, no requinte da forma e nas agudezas da construção, é precisamente um dos mais exigentes e impiedosos narradores do mundo contemporâneo...

Romancista da primeira água, como se diz dos diamantes que brilham e cortam fundo, Nabokov aparece, pois, no mundo das letras com o rótulo suspeito de autor de contrabando. O homem que já nessa altura tinha publicado em alemão, em russo e em francês, mais de uma dezena de obras notáveis, vê comprometido todo um trabalho de porfiada elaboração com o êxito mal compreendido e principescamente remunerado de um romance adulterado pela publicidade. Foram necessários alguns anos para que a rotina e a burocracia da crítica cedessem à evidência do talento e se curasse do contágio das primeira impressões.

A BORBOLETA NABOKOV

Uma extraordinária aventura intelectual, um espírito que se mostra e oculta num jogo habilíssimo de efabulação e de prodígios formais, uma mentalidade reaccionária que ri das suas contradições...

Sim, Vladimir Nabokov é isso. É o Sebastião Knight que ele descreve magistralmente num dos seus romances, e na sua condição de escritor exilado, é também o homem que sabe que o tempo ganhou uma dimensão que lhe escapa e que não aceita. Fugido á revolução socialista, teve depois de emigrar da Alemanha quando o nazismo começava a esboçar-se. Em França viveu como professor de ténis, na Inglaterra como tradutor. Finalmente, nos Estados Unidos, já naturalizado (1940), recomeçou a vida ensinando russo e acabou por ser admitido como assistente de Entomologia da Universidade de Harvard. Ali descobriu uma nova espécie de borboleta, hoje catalogada nos tratados da especialidade com o nome de *Lycalides sublivens Nabokov*. Tinha então publicados alguns dos livros que, a partir de *Lolita*, iriam ser redescobertos como verdadeiras obras-primas entre os quais o famosíssimo *Laugher in the Dark*.

O escritor errante que, como Conrad, era um admirável estilista em três línguas diferentes, ganhava o seu primeiro cartão de imortalidade registando o nome de uma borboleta!

PRECURSOR DO «NOUVEAU ROMAN»?

Hoje com 69 anos Nabokov foi retirado do purgatório das letras e ganhou a consagração dos talentos difíceis. As surpresas que guarda nele parece não terem, porém, terminado. *King, Queen, Knave*, a sua última obra, publicada há semanas pela casa McGran-Hill, traz à baila um problema de triângulo sentimental analisado sob um ângulo de objectividade que, pela concepção construtiva, se aproxima do «noveau roman».

Pactuação com a moda? De modo algum — e essa é a primeira surpresa. *King, Queen, Knave* foi escrito aos 28 anos! E quando um ensaísta da responsabilidade de Andrew Field lhe chama «*precursor do nouveau roman*» tem lògicamente em conta esse pormenor e constrói toda uma sólida argumentação à volta do livro e do enfocamento da acção para o comprovar. Numa análise que vai a identificações da efabulação com um conto de Anderson até à obsessiva precisão das narrativas de Robbe-Grillet, Field sacudiu a opinião crítica com um ensaio que se tornou obrigatòriamente citado na imprensa literária norte-americana das últimas semanas.

Nabokov, 1968

The King é neste romance um rico proprietário berlinense, a Rainha uma elegante de 34 anos que descobriu as falsas máscaras do marido. Entre rei e rainha, o valete (*Knave*) surge, como na Lady Chatterley, num funcionário da casa. E como no *Trans-Europe Express*, de Robbe-Grillet, tudo começa numa viagem de comboio, se bem que a velocidade mais moderada. A velocidade dos anos vinte, data em que decorre a acção.

King, Queen, Knave é o segundo romance que Vladimir Nabokov escreveu. E, espanto dos espantos, tinha sido publicado em Berlim em 1928. O autor traduziu-o, de parceria com o filho, Dimitri Nabokov, conservando rigorosamente a forma primitiva, e o livro trouxe ao público fiel de Nabokov o inesperado de uma reviravolta sensacional. «De todos os meus romances este é, sem dúvida, o mais divertido», comentou o escritor. A afirmação foi, evidentemente, tomada como uma das muitas «boutades» de Nabokov — um homem que com todas as audácias de estilo de que é capaz e com toda a magistral capacidade de criar transforma, sempre que quer, o ridículo em patético, a agressividade em ternura, o dito de ocasião numa sentença mortal.

A questão Coimbrã

A Questão Coimbrã voltou à baila um século depois de terem sido desferidos os golpes de montante dos matamouros das nossas letras de então. E eles chamavam-se Castilho e Antero, Teófilo Braga e Ramalho Ortigão. *Voltaram agora à baila graças ao trabalho conjugado de Alberto Ferreira, Maria José Marinho e da Portugália Editora, que merecem a Ordem de Benemerência literária ao juntarem os textos dessa polémica e os reunirem em volumes, pondo-os ao alcance de todos.*

O segundo volume do «Bom Senso e Bom Gosto, Questão Coimbrã», comprendendo os textos de 1866, saíu agora. São os textos integrais da polémica recolhidos e anotados com uma bibliografia de Maria José Marinho e uma introdução de Alberto Ferreira que é um ensaio notável sobre «A Primavera da Geração de 70 (1860-1965)». O volume compreende ainda algumas ilustrações esclarecedoras.